



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**MARCELO GARGANTA RODRIGUES**

**«Vós sois o Corpo de Cristo»**

**Uma reflexão bíblico-ecclesiológico de 1Cor 12 sobre a  
Igreja como Corpo de Cristo**

**Dissertação Final**

**sob orientação de:**

**Prof. Doutor José Carlos Carvalho**

**Porto**  
**2019**



«Bem-aventurada és tu, Igreja, porque és mistério – sacramento da Comunhão do Amor Eterno na história quotidiana dos homens;

Bem-aventurada és tu, Igreja, porque és povo de Deus em que todos participam ca comum dignidade, única e ímpar, de filhos de Deus.

Bem-aventurada és tu, Igreja, pela tua hierarquia, cujo ministério está ao serviço do mistério maior da Comunhão.

Bem-aventurada és tu, Igreja, pelo teu laicado chamado a viver e irradiar o mistério da Comunhão no coração do mundo.

Bem-aventurada és tu, Igreja, pela tua vocação universal à santidade multiforme na comunhão eclesial;

Bem-aventurada és tu, Igreja, pelos teus religiosos (as) chamados a darem testemunho profético e radical do Evangelho da Comunhão;

Bem-aventurada és tu, Igreja peregrina, pelo teu destino eterno na Comunhão plena e gloriosa da Ressurreição;

Bem-aventurada és tu, Igreja, pela tua Mãe, Maria, humilde serva do desígnio divino da Comunhão, memória viva de Cristo na comunidade, Rainha da comunicação da fé, ícone escatológico da Igreja»<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão. *Humanística e Teologia*. Porto. 13: 3 (1992) 332-333.



## Resumo

A Igreja como Corpo de Cristo (1Cor 12) é uma característica paulina que mostra a unidade dos cristãos em Cristo. Este estudo bíblico-eclesiológico pretende mostrar, a partir do contexto de Corinto, como Paulo procura edificar a comunidade presente. Através das dificuldades, mas também dos seus colaboradores, Paulo vai edificando a igreja local. Ao mesmo tempo, esta dissertação mostra como é que hoje se pode olhar para os dons do Espírito Santo e para a imagem da Igreja, a partir do Corpo de Cristo, na sua unidade e na sua diversidade. Para tal, o Concílio Vaticano II foi fundamental, bem como todas as reflexões dele resultantes. Uma grande novidade do Concílio é a presença ativa dos leigos, que também possuem os seus dons para serem postos a render. Neste sentido, procura-se realçar, com base na *Lumen Gentium*, o mistério da Igreja do nosso tempo e, ao mesmo tempo, relacionar a dimensão ministerial com a importância e participação dos leigos.

**Palavras-chave:** Igreja, Corpo, Cristo, Espírito, dom, carisma, LG, unidade, diversidade, Corinto, *ekklesia*, leigos, 1Cor

## Abstract

The Church as Body of Christ (1Cor 12) is a Pauline characteristic, that shows the unity of the christians in Christ. This biblical and ecclesiological study pretends to show, from the context of Corinth, how Paul intends to build the present community. Straight through the difficulties, but also through those of their collaborators, Paul keeps building the local church. At the same time, this dissertation shows how we can see, out of the Body of Christ, the gifts of the Holy Spirit and the image of the Church in its unity and in its diversity. To this goal, the II Vatican Council was fundamental, as well as all the reflections resulting of it. A big innovation was the fact that lay people were active and present throughout the celebration of the Council. The Council has shown how important their gifts are in order to be oriented to the community growth. Therefore, this report, with support of *Lumen Gentium*, looks to highlight the mystery of the Church in our time and, at the same time, to relate the ministerial dimension with the importance and the involvement of the lay people.

**Keywords:** Church, Body, Christ, Spirit, gift, charisma, LG, unity, diversity, Corinth, *ekklesia*, lay people, 1Cor.



## **SIGLÁRIO**

### **Siglas bíblicas**

Act – Atos dos Apóstolos

Ap – Apocalipse

AT – Antigo Testamento

Br – Baruc

Cl – Carta aos Colossenses

Dt – Deuterónimo

Ef – Carta aos Efésios

Ex – Êxodo

Fl – Carta aos Filipenses

FIm – Carta a Filémon

Gl – Carta aos Gálatas

Gn – Génesis

Heb – Carta aos Hebreus

Is – Isaías

Jo – João

Lc – Lucas

Mc – Marcos

Mt – Mateus

NT – Novo Testamento

Rm – Carta aos Romanos

Sl – Salmos

Tg – Carta de Tiago

Tt – Carta a Tito

1Cor – 1ª Carta aos Coríntios

1Jo – 1ª Carta de João

1Pe – 1ª Carta de Pedro

1Tm – 1ª Carta a Timóteo

1Ts – 1ª Carta aos Tessalonicenses

2Cor – 2ª Carta aos Coríntios

2Pe – 2ª Carta de Pedro

2Tm – 2ª Carta a Timóteo

## **Outras siglas**

a.C. – antes de Cristo  
AA – Apostolicam Actuositatem  
AAS – Acta Apostolicae Sedis  
AG – Ad Gentes  
BAC – Biblioteca de Autores Cristianos  
begr. – begründet  
BiKi – Bibel und Kirche  
cap. – capítulo/capítulos  
CD – Christus Dominus  
CDF – Congregação para a Doutrina da Fé  
Cf. – Confrontar  
ChFL – Christifideles Laici  
d.C. – depois de Cristo  
DH – Dignitatis Humanae  
Did – Didaché  
DV – Dei Verbum  
ed. – edição  
EG – Evangelii Gaudium  
GE – Gravissimum Educationis  
GEx – Gaudete et Exsultate  
GS – Gaudium et Spes  
hrsg. – herausgegeben  
IE – Iuvenescit Ecclesia  
IM – Inter Mirifica  
LG – Lumen Gentium  
LTK – Lexikon für Theologie und Kirche  
masc. – masculino  
NA – Nostra Aetate  
nº – número  
OE – Orientalium Ecclesiarum  
OT – Optatam Totius  
p. – página/páginas  
PC – Perfectae Caritatis  
pl. – plural

PO – Presbyterorum Ordinis

S. – São

SacrC – Sacramentum Caritatis

SC – Sacrosanctum Concilium

SD – Salvifici Doloris

séc. – século

sing. – singular

ss. – sucessivo

TWNT – Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament

UR – Unitatis Redintegratio

v. – versículo

vv. – versículos



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como base o estudo de 1Cor 12 e sua influência no Concílio Vaticano II, mais precisamente, na constituição dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*). A escolha do tema deu-se pela profundidade deste mistério que sempre provocou alguma curiosidade. A temática do Corpo de Cristo é um dos inúmeros temas que pode ser constantemente retomado pois, de cada vez que é estudado e aprofundado, podemos enriquecê-lo a partir de cada dom que nos é dado, a partir de cada novidade.

Ao falar sobre o Corpo de Cristo e os dons do Espírito Santo, que são o pano de fundo de 1Cor 12, surgem inúmeras possibilidades para abordar este tema. Por essa razão, procuramos restringir um pouco esta dissertação, a fim de poder aprofundar mais o tema selecionando alguns aspectos. A partir deste texto, Paulo mostra a Igreja, Corpo de Cristo, onde todos somos incorporados. Depois de falar sobre os dons do Espírito, ele inicia o seu pensamento sobre a imagem do Corpo.

Para tal, optamos por dividir este trabalho em três partes: o seu contexto, a análise bíblica e a sua influência nos nossos tempos. Numa primeira parte – *O contexto da comunidade de Corinto* – procuramos contextualizar o tema e a época em que está inserida a primeira carta aos Coríntios no magistério da Igreja. A metodologia deste capítulo consiste em dar a conhecer o surgimento, o ambiente e um pouco sobre a história da cidade de Corinto. Do mesmo modo, dá-se importância à chegada de Paulo e à sua influência durante o curto espaço de tempo da sua presença em Corinto, onde fez surgir uma assembleia de seguidores de Cristo (ἐκκλησία). Ao mesmo tempo, salientam-se as dificuldades que foram surgindo na comunidade primitiva. A partir destas dificuldades e das respostas dadas por Paulo surge-nos a carta, ou até as cartas, que Paulo dirige à comunidade de Corinto, já a partir de Éfeso, durante a sua terceira viagem missionária. Ao apresentarmos a estrutura de 1Cor, introduzimos já o cap. 12, a sua estrutura, o seu texto e a sua tradução.

A missão de Paulo em Corinto não terá sido fácil. Podemos imaginar uma comunidade que ainda não tinha ouvido falar de Cristo. Para além disso, facilmente surgiram muitas dúvidas na comunidade primitiva, que se questionavam acerca de Cristo, acerca do Batismo e daqueles que começavam a seguir Cristo, bem como das assembleias que se reuniam para tomar do Corpo e do Sangue de Cristo (cf. 1Cor 11). Para além disso, trata-se de uma estadia relativamente curta, tendo de seguir com a sua viagem missionária.

A segunda parte – *Comentário Bíblico de 1Cor 12* – consiste no aprofundamento do excerto que estudamos. Tal como o próprio título nos indica, apresentamos um estudo bíblico aprofundado deste capítulo paulino. Para tal realização optamos por seguir o método dos vários autores consultados, ou seja, pelo aprofundamento de cada um dos versículos do cap.

12, destacando ainda alguns conceitos que consideramos importantes para melhor percepção do tema.

Numa terceira e última parte – *O Contributo de 1Cor 12 na Constituição Dogmática LG* – procuramos mostrar a influência que Paulo teve com a sua carta aos Coríntios. De facto, uma das grandes novidades do Concílio Vaticano II foi o recorrer às fontes, ao exemplo da Igreja primitiva. A metodologia utilizada neste capítulo consiste em verificar onde é que 1Cor 12 está presente no documento conciliar. Vemos que se encontra em cinco números da LG. Por essa razão, optamos por analisar, embora não muito aprofundadamente, cada um dos cinco números.

Desde logo, podemos-nos questionar, onde Paulo foi buscar a imagem do corpo que utiliza em relação à Igreja, isto é, que o levou a afirmar que todos nós somos Corpo de Cristo e, ao mesmo tempo, verificar qual a necessidade dos dons que nos são facultados. A imagem do corpo não surge apenas no cap. 12, mas é neste excerto que Paulo afirma a unidade do Corpo eclesial, a partir da diversidade que enriquece a Igreja e a partir dos vários dons que a edificam e a enriquecem.

No que se refere à bibliografia, optamos por seguir alguns comentários a 1Cor, bem como alguns dicionários teológicos, a fim de aprofundar alguns conceitos que consideramos importantes ao longo do texto estudado. Ao mesmo tempo, consideramos fundamental recorrer ao texto na sua língua original, a partir da edição de Nestle-Aland. No que diz respeito à tradução da Sagrada Escritura, optamos pela versão dos Capuchinhos. Para a terceira parte deste trabalho foi necessário, para além da LG, recorrer aos restantes documentos conciliares, bem como a alguns documentos que foram surgindo depois do concílio até à atualidade.

De facto, a Igreja vai caminhando e procurando atualizar-se, tendo presente as suas raízes, nomeadamente, as suas fontes. Por isso, é fundamental ter presente os textos da Sagrada Escritura e da Tradição, que foram importantes para o resultado do Concílio Vaticano II. Hoje, temos a riqueza dos textos conciliares e, particularmente, o documento sobre a Igreja, que analisamos nesta dissertação.

## CAPÍTULO I – O CONTEXTO DA COMUNIDADE DE CORINTO

Neste primeiro capítulo começaremos por apresentar o contexto da comunidade de Corinto. Para tal, vamos começar por falar sobre a cidade de Corinto alguns séculos antes da chegada de Paulo. Neste âmbito destacam-se as várias fases que passaram ao longo dos tempos, tais como a questão comercial com as suas importações e exportações, o turismo e os jogos da cidade. De seguida vamos abordar a presença de Paulo em Corinto, bem como o surgimento dos primeiros cristãos, as primeiras igrejas e os primeiros problemas. Destacaremos também as primeiras reuniões das assembleias cristãs e os seus locais onde se realizavam.

Num segundo momento abordaremos a Primeira Carta aos Coríntios em si, nomeadamente, a questão do surgimento da carta. De seguida, apresentaremos a estrutura geral da carta, onde procuraremos desenvolver um pouco cada uma das cinco partes, assim como o prólogo e o epílogo deste escrito. Por fim, apresentaremos uma contextualização literária de 1Cor 12, a devida estrutura, o texto original em grego e a sua tradução.

### 1. Corinto e as primeiras comunidades cristãs

A cidade de Corinto, também designada como «a cidade do istmo»<sup>2</sup>, remonta a 900 a.C. Ao longo dos séculos e até à chegada de Paulo, a cidade passou por várias fases. Pode-se distinguir primeiramente a cidade caracterizada pelo comércio que a levou a um grande florescimento da cidade<sup>3</sup>.

#### 1.1. A cidade de Corinto

A «cidade do istmo» estava localizada de forma a receber comerciantes da Ásia, bem como de Itália. Assim, tanto a questão comercial de importações e exportações, como os jogos ístmicos iniciados no séc. VI a.C., levaram a uma grande afluência de pessoas, assim como de visitantes<sup>4</sup>. Para além da fabricação dos vasos, que remonta ao séc. VII a.C.<sup>5</sup>, destacam-se os tijolos finos de barro, que serviam para fazer telhados; fala-se mesmo de «telhados de

---

<sup>2</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi: Introduzione, versione e commento di Giuseppe Barbaglio*. Bologna: Grafiche Dehoniane, 1995, p. 15.

<sup>3</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 15.

<sup>4</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 19.

<sup>5</sup> Cf. ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland: Philippi, Thessaloniki, Athen, Korinth*. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1978, p. 203.

Corinto». Além disso, é também notável o trabalho feito com o bronze, produzindo recipientes, espelhos e armas, bem como os tapetes ou os trabalhos feitos com a madeira<sup>6</sup>.

A referência a Corinto está já presente nos escritos de Homero<sup>7</sup> e, posteriormente, é referenciado na *República* de Platão<sup>8</sup>. Cerca de 600 a.C., surge a estreita ligação, designada de διόλκος, onde pequenas embarcações eram transportadas sobre terra<sup>9</sup>. Trata-se de uma «estrada lageada de seis quilómetros de extensão que permitia aos barcos passar do Golfo de Sarónico ao de Corinto, sem ter de fazer a rota perigosa de Peloponeso. (...) As barcaças eram içadas sobre carros especiais; uma vez descarregados os barcos mais importantes, deslizavam sobre toros de madeira»<sup>10</sup>.

Fruto da sua localização, Corinto estava, de certa forma, predestinado a ser um local de ligação entre a Grécia central e Peloponeso, entre as vias marítimas de Adria e Agais, bem como entre Itália e a Ásia Menor. A zona de grandes rochedos de Acrocorinto traz uma certa vantagem no que diz respeito a tal ligação. Embora não fosse possível fazer daquela zona um local de residência, ela servia para local de vigilância, visto que era uma zona montanhosa.

O antigo nome da cidade de Corinto era *Ephyra*. No entanto, o conceito posterior que se manteve ao longo dos séculos passou a ser Κόρινθος. Este novo conceito contém a característica -ιϑ ou -υϑ que o identifica como sendo da Grécia Antiga. Provavelmente, este era o nome da montanha, que acabou por dar nome à cidade formada naquela zona ístmica<sup>11</sup>.

Entre 350-250 a.C., Corinto era considerado uma das maiores cidades da Grécia, contando com cerca de 40 000 até 50 000 habitantes<sup>12</sup>. No ano 146 a.C., os romanos invadem e destroem a cidade, proibindo a sua reconstrução. É importante referir que os jogos, que se praticavam no istmo já desde 582 a.C., continuaram após a invasão romana. Em 44 a.C., deu-se a recuperação da cidade por parte de Júlio César que a designa oficialmente de *Colonia Laus Iulia Corinthiensis*<sup>13</sup>. Assim, durante a recuperação, a cidade foi povoada por habitantes provenientes da região itálica. Mas, logo de seguida, foram surgindo comerciantes gregos e, novamente, estrangeiros na cidade. Na reestruturação da província, Corinto tornou-se, em 27 a.C., a capital da província da Acaia<sup>14</sup>.

A cidade de Corinto possuía inúmeros monumentos, bem como obras de arte. Do grupo das obras de arte destacamos, por exemplo, as estátuas de Ártemis Efésia, Dionísio,

---

<sup>6</sup> Cf. ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland*, p. 206.

<sup>7</sup> Cf. *Ilíada* de Homero 2,570.

<sup>8</sup> Cf. *República* de Platão, 404d.

<sup>9</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000, p. 9.

<sup>10</sup> COTHENET, Edouard – *São Paulo no seu tempo*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1983, p. 48.

<sup>11</sup> Cf. ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland*, p. 201-202.

<sup>12</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 9.

<sup>13</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 9.

<sup>14</sup> Cf. ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland*, p. 210.

Atena, Afrodite, Hermes e Zeus; quanto aos templos, destacamos o templo dedicado a Apolo, a Fortuna, bem como aos deuses. Destacam-se ainda a arqueologia e o teatro que foi construído no séc. V a.C. com capacidade para 14 000 espectadores, após a restauração dos romanos. Giuseppe Barbaglio afirma que a cidade de Corinto era uma cidade cosmopolita pois era habitada por romanos, gregos, judeus e orientais. Também nos Atos dos Apóstolos é afirmada a presença de gregos e judeus (cf. Act 18,4)<sup>15</sup>.

## 1.2. A presença de Paulo em Corinto

«No tempo em que Paulo chegou a Corinto, não havia muito a ver acerca daquela cidade que se foi falando até aqui»<sup>16</sup>. No que se refere à permanência de Paulo em Corinto, temos conhecimento de uma estadia que terá durado cerca de um ano e seis meses (cf. Act 18,11). Porém, não está presente nenhuma data precisa. Ao longo do texto, vemos que, ao chegar a Corinto, Paulo se encontra com o casal Áquila e Priscila, fazendo referência ao édito de Cláudio (v. 2). Mais ainda, é referido que Paulo todos os sábados dissertava na sinagoga, estando presentes judeus e gregos (v. 4). De seguida faz alusão aos colaboradores Silas e Timóteo, bem como à pregação (v. 5). Mais à frente temos outra referência histórica da presença de Paulo, nomeadamente, quando o autor dos Atos dos Apóstolos faz referência ao tribunal de Galião, procônsul da Acaia (v. 12). Com estes dados, já nos podemos aproximar da data possível da presença de Paulo em Corinto<sup>17</sup>.

Para o édito de Cláudio podem-se destacar duas datas possíveis<sup>18</sup>: 41 e 49. Suetónio (séc. II d.C) e Dion Cassius (160-234 d.C.) defendem o ano 41. Orose (418 d.C.) fala da expulsão dos judeus no ano 49<sup>19</sup>. Maurice Carrez conclui que o

«mais provável é que Cláudio se tivesse encarniçado contra uma única sinagoga e não contra todos os judeus em 41. Áquila e Priscila deixam Roma e vão para Itália e, seguidamente, de Itália chegam a Corinto. (...) A 26ª aclamação teria tido lugar não antes de Abril de 52 e a carta de Cláudio teria sido escrita no fim da Primavera ou no início do Verão; Gálio terá exercido o seu proconsulado de 1 de Julho de 51 a 30 de Junho de 52. O encontro com Paulo deve ter acontecido entre Julho e Outubro de 51»<sup>20</sup>.

---

<sup>15</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 20.

<sup>16</sup> ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland*, p. 210.

<sup>17</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 22-23.

<sup>18</sup> No que se refere a esta questão, é necessário ter em conta que não podemos, nem conseguimos ter datas tão precisas na exegese.

<sup>19</sup> Cf. CARREZ, Maurice – *A Primeira Carta aos Coríntios*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1996, p. 4-5.

<sup>20</sup> CARREZ, Maurice – *A Primeira Carta aos Coríntios*, p. 5.

Giuseppe Barbaglio afirma que o proconsulado tinha a duração de um ano, a contar a partir do mês de abril. Ele questiona-se acerca dos anos 51-52 ou 52-53. Porém, conclui que a ida de Paulo ao tribunal remete para o ano 52<sup>21</sup>. No entanto, o ano certo dos 18 meses da permanência de Paulo em Corinto permanece desconhecido. É também desconhecida a forma como se cruzou com Gálio. Portanto, pode-se ainda pensar nos anos 49-51 ou 50-52<sup>22</sup>.

### 1.3. O surgimento da ἐκκλησία em Corinto

Deixando Atenas, Paulo seguiu para Corinto, onde conheceu Áquila e Priscila (cf. Act 18,1-2). Estes já deviam ser batizados quando chegaram a Corinto. Se não fossem, certamente estariam inseridos nos batismos de Crispo, Gaio e a família de Estéfanos. Paulo fala de si como o arquiteto, como aquele que plantou a Igreja de Cristo (cf. 1Cor 3,4.10; 4,14ss). Portanto, não haveria ainda nenhuma comunidade propriamente dita. Em Corinto, Paulo terá tido o auxílio de Silas e Timóteo, bem como de Sóstenes<sup>23</sup>.

Segundo 1Cor, a igreja em Corinto surge com a missão de Paulo (cf. 1Cor 3,4.10; 4,14ss). Foi ao anunciar o Evangelho que Paulo deu origem à ἐκκλησία em Corinto. Na «cidade do istmo», Paulo batiza Crispo e Gaio, bem como a família de Estéfanos (cf. 1Cor 1,14-15)<sup>24</sup>. Logo, «Paulo é o Apóstolo fundador, o pai da comunidade, que gerou pela fé (4,15). Só Cristo é o fundamento desta fé»<sup>25</sup>. Daí ele afirmar que a comunidade de Corinto é «uma carta de Cristo, confiada ao nosso ministério, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os vossos corações» (2Cor 3,3).

Antes de mais, é necessário referir que, para além de Paulo, vão surgindo outros missionários em Corinto. Ao descrever-se como sábio arquiteto, ele afirma que outros edificarão sobre os seus alicerces (cf. 1Cor 3, 10-15). Os Atos dos Apóstolos falam-nos, por exemplo, de Apolo e da sua pregação (cf. Act 18, 24-28). Presume-se também a presença de Pedro, pois em 1Cor 1,12 fala-se daqueles que são de Cefas. Provavelmente foram surgindo também alguns missionários judeo-cristãos. Paulo faz questão de zelar pela unidade, afirmando-se servidor de Jesus Cristo (cf. 1Cor 3,5), pois «foi Deus quem deu o crescimento» (1Cor 3,6) àquilo que foi plantado por Paulo e regado por Apolo<sup>26</sup>.

---

<sup>21</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 23-24.

<sup>22</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1969, p. 27.

<sup>23</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 26.

<sup>24</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 10.

<sup>25</sup> CARREZ, Maurice – *A Primeira Carta aos Coríntios*, p. 11.

<sup>26</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 26-27.

#### 1.4. A vida e as dificuldades da comunidade

Um aspeto fundamental na vida comunitária da igreja em Corinto é a reunião, que está bastante presente ao longo da carta. Paulo fala na reunião (συνέρχησθε) de toda a assembleia (ἡ ἐκκλησία ὅλη), a fim de profetizar, falando em várias línguas, usando os seus carismas, principalmente na presença de estranhos, a fim de se converterem e adorar a Deus, que está no meio de toda a igreja reunida (cf. 1Cor 14, 23-26).

Em 1Cor 11, 17-34, Paulo fala a partir do caráter convivial da Ceia do Senhor. Ele alerta para as divisões dentro da assembleia (ἐν ἐκκλησίᾳ) reunida (verbo reunir: συνέργω). Chama ainda à atenção aqueles que indignamente comem o pão ou bebem o cálice do Senhor. Em 1Cor 5, Paulo fala num caso de incesto dentro da assembleia (συναχθέντων)<sup>27</sup>. Michel Quesnel fala também numa certa divisão da comunidade, afirmando: «para a refeição, parece que cada família trazia o seu farnel e, como não havia espírito de partilha, os mais afortunados e os mais comilões embriagavam-se sob o olhar invejoso de alguns famintos (versículo 21). Esta situação prejudicava bastante a qualidade da vivência»<sup>28</sup>.

Giuseppe Barbaglio questiona-se acerca de uma só assembleia ou de vários tipos de assembleias. Ele afirma que a assembleia da palavra (*Wortgottesdienst*) e a assembleia convivial (*Mahlfeier*) eram as mesmas. Vejamos a presença do verbo συνέρχασθαι que aparece em 14, 23.26 e em 11, 17.18.20.33.34. No cap. 14 fala-se de toda a comunidade e no cap. 11, Paulo fala no plural voltando-se, dessa forma, para toda a igreja de Corinto. Já no cap. 5, o conceito designa a assembleia em si. Por outro lado, no cap. 14, fala-se na presença dos descrentes. No entanto, no cap. 11 seria irreduzível a não participação de estranhos na Ceia do Senhor. De facto, poder-se-ia fazer, na mesma reunião, a liturgia da palavra, bem como a ceia, aceitando mesmo convidados estranhos<sup>29</sup>. O autor conclui que «não podemos dizer em que dia e com que regularidade os crentes de Corinto se reuniram»<sup>30</sup>.

Inicialmente o ambiente era harmonioso. Temos um representante, que é Paulo, e um pequeno grupo que se une para uma nova experiência espiritual. Contudo, quando Paulo se afasta de Corinto, as coisas tornam-se um pouco diferentes. Com isto, surgem algumas divisões entre a comunidade. Os que se converteram na presença de Paulo seguiam os seus ensinamentos. Porém, como Paulo se afastou, foram outros missionários a batizar em Corinto. Isto mesmo levou a dizer: «‘Eu sou de Paulo’, ou ‘Eu sou de Apolo’, ou ‘Eu sou de Cefas’, ou ‘Eu sou de Cristo’» (1Cor 1,12).

---

<sup>27</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 27.

<sup>28</sup> QUESNEL, Michel – *As Cartas aos Coríntios*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1994, p. 51.

<sup>29</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 27-28.

<sup>30</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 28.

No cap. 8, bem como no cap. 10, Paulo chama a atenção para a questão das carnes imoladas aos ídolos. Ele afirma claramente que «um só é Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só é o Senhor Jesus Cristo, por meio do qual tudo existe e mediante o qual nós existimos» (1Cor 8, 6). Portanto, um ídolo não deve ter importância para um cristão. Por isso, é necessário ter em conta que todos devem comer o mesmo alimento espiritual, tal como aconteceu com os antepassados, com o Povo de Israel no deserto (cf. 1Cor 10, 1-4). Logo, ele afirma que «'Tudo é permitido', mas nem tudo é conveniente. 'Tudo é permitido', mas nem tudo edifica» (1Cor 10, 23).

As reuniões das primeiras comunidades consistiam muitas vezes em denunciar as fraturas e as divisões presentes na igreja de Corinto. Vemos que nos cap. 12 e 14, Paulo insiste na ideia de que todos fazemos parte do mesmo corpo que é Cristo, independentemente do carisma que possuímos. Ele afirma que há «diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos» (1Cor 12, 4-6).

No penúltimo capítulo da carta, Paulo fala acerca da ressurreição, que é também uma questão de divisão no interior da comunidade. Ele chama à atenção aqueles que não acreditam na ressurreição. Isto põe em causa a questão soteriológica. Ele afirma claramente que, se Jesus Cristo não ressuscitou, então a nossa fé é vã (cf. 1Cor 15, 14). Provavelmente seria um número reduzido que negava a ressurreição, pois Paulo primeiramente fala na primeira pessoa do plural, até que se volta para alguns e fala na segunda pessoa do plural, afirmando: «alguns de vós mostram que não conhecem a Deus» (1Cor 15, 34)<sup>31</sup>.

Para uma melhor compreensão, Paulo dedica-se a explicar, de certa forma, como é que os mortos ressuscitam. Ele serve-se da comparação da semente que, ao cair na terra, vai dar origem a uma planta. Ele faz ainda distinção entre o corpo do homem e do animal, entre o corpo terreno e o corpo celeste<sup>32</sup>.

Há também várias referências no que diz respeito à composição da comunidade da igreja de Corinto. Já o livro dos Atos dos Apóstolos fazia referência à variedade de pessoas na comunidade, nomeadamente, a presença de judeus e gregos (cf. Act 18, 4). Também a carta aos Coríntios faz essa referência, pois grande parte dos que se convertiam eram de origem pagã. Paulo faz essa referência: «quando éreis pagãos, vos deixáveis arrastar, irresistivelmente, para os ídolos mudos» (1Cor 12,2)<sup>33</sup>. Assim, «às realidades da vida romana,

---

<sup>31</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 31.

<sup>32</sup> Cf. QUESNEL, Michel – *As Cartas aos Coríntios*, p. 58-59.

<sup>33</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 31-32.

há também que juntar as da vida helenística e da vida judaica, todas elas mais ou menos misturadas, nesta altura»<sup>34</sup>.

Paulo procura também dar indicações precisas no que se refere às questões da moral. Nesse sentido, ele dedica os cap. 5 a 10 a um certo código moral. Michel Quesnel afirma que Paulo sente a necessidade de explicar o porquê dos problemas e o porquê de um estilo de vida diferente<sup>35</sup>. Trata-se, portanto, de fazer «tudo para glória de Deus» (1Cor 10, 31).

#### 1.5. Os primeiros cristãos, os primeiros espaços e as primeiras igrejas

Na opinião de Winfried Elliger, «sem dúvida que Corinto pertence às cidades onde houve um rápido desenvolvimento do cristianismo»<sup>36</sup>. Acrescenta Jerome Murphy-O'Connor:

«enquanto Paulo trabalhava numa capa, numa sandália ou num cinto, tinha oportunidade de ter conversas, que depressa se tornavam formativas, e novos encontros eram facilmente justificados pela necessidade de novas peças ou reparações. No entanto, à medida que o seu ministério se expandia, tornava-se necessário encontrar condições mais adequadas. (...) Paulo falava para um grupo, e este depressa atraía a atenção dos que passavam»<sup>37</sup>.

Winfried Elliger afirma que a comunidade era constituída pelas classes mais baixas de Corinto, entre as quais se destacam os trabalhadores, os escravos, os desempregados, entre outros. Paulo faz referência a essa questão, no que diz respeito às desigualdades, aos que têm muito e aos que têm pouco: «enquanto um passa fome, outro fica embriagado». (1Cor 11,21). Por outro lado, temos referência de algumas classes mais altas, como é o caso do batismo de Crispo, o chefe da Sinagoga, que recebeu o batismo juntamente com os da sua casa (cf. Act 18,8)<sup>38</sup>. Murphy O'Connor afirma que é possível destacar nas cartas paulinas um total de dezasseis membros da comunidade de Corinto. «Dois deles (Priscila e Áquila) eram um casal. Duas eram mulheres (Priscila e Febe). Seis são, especificamente, de origem judaica (Áquila, Crispo, Priscila, Sóstenes, Jasão e Sosípatro). Três são, certamente, gentios (Gaio, Erasto e Tito Justo). Os outros não são assim tão fáceis de classificar (Arcaico, Fortunato, Lúcio, Quarto, Estéfanos e Tércio)»<sup>39</sup>.

---

<sup>34</sup> CARREZ, Maurice – *A Primeira Carta aos Coríntios*, p. 25.

<sup>35</sup> Cf. QUESNEL, Michel – *As Cartas aos Coríntios*, p. 48.

<sup>36</sup> ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland*, p. 250.

<sup>37</sup> MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Paulo: Um homem inquieto, um apóstolo insuperável*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2008, p. 121-122.

<sup>38</sup> Cf. ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland*, p. 250.

<sup>39</sup> MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Paulo*, p. 126.

Além destes, embora não conhecendo o nome de cada um dos membros, poder-se-ia enumerar cerca de cinquenta pessoas. Contando todos os da casa de Gaio (cf. Rm 16,23), de Crispo (cf. Act 18,8) e de Estéfanos (cf. 1Cor 1,16) já teremos um número razoável. Ao ter presentes estas passagens, notamos que, para além destes, foram também batizados os da casa, isto é, os filhos, os escravos ou servidores e alguns parentes<sup>40</sup>.

Assim, «as casas particulares foram os primeiros centros da vida da Igreja»<sup>41</sup>. Tal como conhecemos ao longo dos primeiros séculos da História da Igreja, o cristianismo não possuía estatuto religioso, tal como acontecia, por exemplo, com os judeus que se reuniam nas sinagogas<sup>42</sup>.

No que diz respeito ao local de encontro das primeiras comunidades, é necessário ter em conta que as primeiras comunidades começaram por reunir-se em casas. Assim sendo, não se pode olhar para a casa como a vemos hoje, como um espaço de grande intimidade e um espaço familiar, no qual tudo o que acontece é considerado privado. Desta forma, podem-se destacar as dimensões política e doméstica da ἐκκλησία<sup>43</sup>. Um dos problemas e das dificuldades é entender bem o conceito, pois οἶκος refere-se à pertença a uma linhagem ou descendência, enquanto οἰκία se refere ao edifício<sup>44</sup>.

Nas casas grandes das pessoas ricas destacam-se dois espaços fundamentais. «O ἀνδρῶν era uma sala onde se reuniam os homens para comer e festejar, onde se podia também receber os convidados e os amigos [homens]. O γυναικῶν é a parte da casa onde se supõe que as mulheres vivam e trabalhem, localizada na parte mais longe da porta da casa, às vezes separada do resto da vivenda através de uma porta intermédia»<sup>45</sup>. Porém, os espaços da casa podem ir variando conforme as necessidades e as tarefas a realizar. Por exemplo, o quarto (*cubiculum*), segundo os greco-romanos, podia servir para funções como «o descanso, o sexo, o adultério, a representação da arte, o homicídio, o suicídio e a receção social»<sup>46</sup>.

No que se refere às casas com menos possibilidades, a maior característica que possui é precisamente a falta de espaço e não propriamente a questão da pobreza. Os seus espaços eram utilizados para a dimensão pública, como é o caso das *tabernae*, bem como para o espaço mais privado e familiar, ou seja, o mesmo espaço poderia servir para as duas dimensões. As várias divisões existentes nas casas não serviam apenas para fazer a separação

---

<sup>40</sup> Cf. MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul: d'après les textes et l'archéologie*. Paris: Cerf, 1986, p. 240.

<sup>41</sup> MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul*, p. 237.

<sup>42</sup> Cf. MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul*, p. 237.

<sup>43</sup> Cf. GIL ARBIOL, Carlos – De la casa a la ciudad: Criterios para comprender la relevancia de las asambleas paulinas en 1Cor. *Didaskalia*. Lisboa. 38:1 (2008) 17.

<sup>44</sup> Cf. GIL ARBIOL, Carlos – De la casa a la ciudad, p. 24.

<sup>45</sup> GIL ARBIOL, Carlos – De la casa a la ciudad, p. 20-21.

<sup>46</sup> GIL ARBIOL, Carlos – De la casa a la ciudad, p. 22.

entre o uso privado e o público. Elas eram utilizadas para marcar a diferença nos diferentes membros presentes.

Ao longo da primeira carta aos Coríntios, é possível verificar algumas referências feitas às casas, bem como às pessoas que se reuniam. Assim, vemos que se fala naquele que «participa como simples ouvinte» (1Cor 14,16) e nos «simples ouvintes ou descrentes» (ἰδιῶται ἢ ἄπιστοι – 1Cor 14,23) presentes nas assembleias. Com isto, pode-se dizer que o lugar da reunião seria a casa, como acontece, por exemplo, quando Paulo se encontra em casa de Gaio (cf. Rm 16,23).

Por outro lado, o lugar afirmado em 1Cor 14,16 seria certamente um lugar conhecido e, portanto, visto como um lugar de reunião público. A referência feita a toda a assembleia alude à totalidade dos crentes de Corinto, pois havia também reuniões em que não estava presente toda a comunidade. Isto era compreensível, pois a maior parte dos crentes vivia em pequenas casas, o que tornava impossível colocar os crentes de Corinto no mesmo espaço. Por essa razão, se afirma que há uma grande probabilidade de as reuniões terem sido feitas nos espaços domésticos designados de *cenacula*, *pergula* ou *cenaculum*. Neste caso, Carlos Arbiol afirma mesmo que alguns dos conflitos podem ter surgido por causa destas situações de não ter espaço de acolher todos e daí ter havido divisões na comunidade<sup>47</sup>.

Por outro lado, também há quem defenda a existência de subgrupos na comunidade de Corinto, por exemplo, «a igreja da casa de X»<sup>48</sup>. Isto está presente no final da carta, quando Paulo nas suas saudações fala em «Áquila e Priscila, juntamente com a assembleia que se reúne em sua casa» (1Cor 16)<sup>49</sup>. O'Connor defende que esses subgrupos, por norma, eram constituídos pelos membros da família, pelos servidores e pelos amigos da vizinhança<sup>50</sup>.

O próprio Paulo faz essa distinção entre a casa e a igreja: «Porventura não tendes casas (οἰκίας) para comer e beber? Ou desprezais a Igreja (ἐκκλησίας) de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm?» (1Cor 11,22). Assim, nesta perspectiva, «a ἐκκλησία deve refletir os novos valores da casa (fraternidade) para 'conquistar' a cidade»<sup>51</sup>.

«Quatro casas do período romano foram renovadas em Corinto»<sup>52</sup>. Uma dessas casas é atribuída à época de Paulo, nomeadamente a casa de *Anaploga*. Murphy O'Connor apresenta um esboço da casa destacando o *triclinium*, o espaço onde se reuniam para as refeições. Trata-se de um espaço bastante pequeno (5,5m por 7,5m) onde se reuniam um máximo de nove

<sup>47</sup> Cf. GIL ARBIOL, Carlos – De la casa a la ciudad, p. 33-36.

<sup>48</sup> MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul*, p. 242.

<sup>49</sup> O mesmo acontece em Rm 16,3-5 - «Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, pessoas que, pela minha vida, expuseram a sua cabeça. Não sou apenas eu a estar-lhes agradecido, mas todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que se reúne em casa deles.»

<sup>50</sup> Cf. MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul*, p. 242.

<sup>51</sup> Cf. GIL ARBIOL, Carlos – De la casa a la ciudad, p. 41.

<sup>52</sup> MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul*, p. 237.

peçoas. Para além deste espaço, destaca ainda o *atrium* onde os convidados também poderiam permanecer. Este *atrium* tinha a capacidade de cerca de 50 peçoas, desimpedido de quaisquer objetos de decoração. No fundo, poder-se-ia calcular cerca de 30 a 40 peçoas<sup>53</sup>.

No que se refere aos convidados é possível fazer uma certa distinção, visto que muitas vezes um só espaço não era suficiente para acolher todos os convidados. Tal como já foi referido, há dois espaços para o acolhimento e a reunião da comunidade, nomeadamente, o *triclinium* e o *atrium*. O dono da casa vê-se obrigado a dividir os seus convidados. Para tal, ele coloca no *triclinium* os seus amigos mais próximos, os crentes e todos aqueles da mesma classe social. Portanto, todos os restantes ficariam na parte exterior desse espaço. É também fora desse espaço que podemos encontrar os ouvintes e os não crentes presentes na assembleia (cf. 1Cor 14,16.23). A partir daqui também poderemos entender melhor a razão pela qual Paulo questiona as divisões que se vão manifestando na assembleia litúrgica. É precisamente reunidos em assembleia que podem surgir tensões, divisões e sentimentos de discriminação entre o pobre e o rico (cf. 11,17-34)<sup>54</sup>.

## 2. A Primeira Carta aos Coríntios

«Depois de um ano e meio, Paulo abandona Corinto e deixa para trás uma comunidade cristã estável e vital. Também as comunidades na Macedónia – Tessalónica e Filipos – se encontram estáveis. O apóstolo assume que a fase da fundação da comunidade esteja concluída e estabelece o seu ‘centro de missão’ em Éfeso»<sup>55</sup>. Olhando para o final da carta aos Coríntios, podemos verificar que Paulo escreve a carta em Éfeso, donde seria levada para Corinto (cf. 1Cor 16,8). Em 1Cor 15, 32, Paulo fala como quem já se encontra há algum tempo naquela localidade. Confrontando com Act 18,18-19,1, vemos que Paulo, depois de deixar Corinto dirigiu-se para Éfeso. Porém, diz-nos que ele sai novamente de Éfeso e vai para Cesareia (v. 22), Antioquia (v. 22), a Galácia e a Frígia (v. 23), regressando novamente para Éfeso (cf. Act 19,1).

Tal como nos indica o início de Act 19, Paulo chegou novamente a Éfeso, tendo encontrado já alguns cristãos. Ele não encontrou uma *ἐκκλησία* propriamente formada, mas deparou-se com doze homens que receberam o batismo de João. A estes, Paulo fala-lhes no Espírito Santo e batiza-os, impondo-lhes as mãos (cf. Act 19, 1-7). O livro dos Atos dos Apóstolos fala na presença de Paulo durante «dois anos» (Act 19, 10). As feras de que Paulo

---

<sup>53</sup> Cf. MURPHY-O’CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul*, p. 239-240.

<sup>54</sup> Cf. MURPHY-O’CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul*, p. 242-243.

<sup>55</sup> MÄRZ, Claus-Peter – *Paulus: Sein Leben, sein Wirken, seine Zeit*. Leipzig: St. Benno-Verlag GmbH, 2008, p. 38.

faz referência (cf. 1Cor 15, 32) podem estar relacionados com os conflitos e o tumulto contra ele instalado em Éfeso (cf. Act 19, 23-40).

Assim, Andreas Lindemann conclui que, se nessa época Paulo foi detido, tendo escrito as cartas aos Filipenses e a Filémon, então a sua permanência terá sido mais do que dois anos. Poder-se-ia falar em três ou quatro anos. Com isto, ela defende que a carta aos Coríntios terá sido escrita entre os anos 54 e 56<sup>56</sup>.

### 3. A estrutura geral de 1Cor

No que diz respeito à estrutura desta carta, torna-se praticamente impossível uma única interpretação de uma determinada teoria, quer devido à sua extensão, quer aos inúmeros temas que a carta contém. Paulo certamente ter-se-á concentrado mais na doutrina teológica do que propriamente na forma da carta, visto que era um meio próprio para evangelizar e comunicar com as comunidades.

Portanto, pode-se olhar para esta carta como uma resposta às muitas informações e questões que Paulo ia recebendo da comunidade de Corinto. Com isto, ele sente o dever de tomar uma posição perante os problemas que vão surgindo. Por outro lado, vemos que são várias as referências que apontam para uma futura visita do apóstolo à comunidade de Corinto (cf. 4,19; 16,7ss)<sup>57</sup>. Para a questão da estrutura da primeira carta aos Coríntios seguiremos a divisão tradicional da carta dividida da seguinte forma:

Prólogo: 1, 1-9 – Destinatários e saudação

1ª parte: 1,10-4,21 – Paulo e a comunidade em Corinto

2ª parte: 5,1,7,40 – Problemas ético-morais em Corinto

3ª parte: 8,1-11,1 – Os cristãos e o sacrifício aos ídolos

4ª parte: 11,2-14,40 – As reuniões da comunidade

5ª parte: 15, 1-58 – A Ressurreição de Cristo e a ressurreição dos mortos

Epílogo: 16, 1-24 – Mensagens atuais e saudações<sup>58</sup>

Paulo começa por saudar a comunidade de Corinto. Como podemos verificar, Paulo escreve unido a Sóstenes, seu companheiro (cf. 1Cor 1,1). Para além disso, vemos que Paulo envia a carta «à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus,

---

<sup>56</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 17.

<sup>57</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 7.

<sup>58</sup> CARREZ, Maurice – *A Primeira Carta aos Coríntios*, p. 7-64; Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 7-9.

chamados a ser santos, com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso» (1Cor 1,2)<sup>59</sup>, ou seja, trata-se de levar os ensinamentos de Paulo «ao maior número possível de cristãos, a todos aqueles a quem, utilizando o vocabulário da Igreja primitiva, eles chamam os ‘santos’»<sup>60</sup>. Assim, Michel Quesnel afirma que a carta não deve ser unicamente para os cristãos de Corinto, mas deve ser uma mensagem para todos os cristãos, até para nós mesmos.

De seguida, Paulo começa por dar graças a Deus («Εὐχαριστῶ τῷ Θεῷ» - 1Cor 1,4). Trata-se de um agradecimento a Deus pela Igreja que se está a formar em Corinto. Para além disso, Paulo antecipa já a questão do Dia do Senhor, ou seja, a sua perspectiva escatológica para aqueles que se encontram em comunhão com Ele<sup>61</sup>. Daí que, no prólogo, Paulo «celebra as maravilhas de Deus realizadas na comunidade, e a esperança que daí advém é simplesmente a continuação de uma situação no futuro; o apóstolo regozija-se e agradece a Deus»<sup>62</sup>.

A primeira parte é atribuída à questão dos partidos que vão surgindo na comunidade e que Paulo critica. Olhando para o primeiro e último parágrafo desta primeira parte, podemos verificar que Paulo começa e termina da mesma forma: «Peço-vos, irmãos» (Παρακαλῶ δὲ ὑμᾶς, ἀδελφοί – 1Cor 1,10); «Rogo-vos, pois» (παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς – 1Cor 4,16). No primeiro capítulo, vemos que Paulo faz referência a algumas temáticas que vai desenvolver mais à frente. Ele começa por referir-se às divisões, que levam a comunidade a dizer «’Eu sou de Paulo, ou ’Eu sou de Apolo’, ou ’Eu sou de Cefas’, ou ’Eu sou de Cristo’» (1Cor 1,12). Em 3, 1-4, Paulo retoma esta afirmação dizendo que há «rivalidades e contendas» (v. 3) entre os membros da comunidade.

O mesmo acontece quando ele fala da questão da sabedoria (cf. 1,17). Em 2, 5-7, Paulo trata da importância da sabedoria. A fé, afirma o apóstolo, não tem a sua base na sabedoria dos homens (cf. v. 5). Assim, aquilo que é ensinado é «a sabedoria de Deus, mistério que permaneceu oculto e que Deus, antes dos séculos, destinou para nossa glória» (1Cor 2,7).

Em 3,5-17, Paulo apresenta já alguns aspetos dos primeiros momentos da comunidade, que está chamada à fidelidade, mas também à responsabilidade dos seus próprios atos, pois eles são «templo de Deus» (v. 16). De seguida (cf. 4,6-13), ele adverte para que a comunidade não se vanglorie (cf. 4,6), pois é frágil a vida apostólica. Ele fala da fragilidade dos apóstolos, que no seu ponto de vista se encontram nos últimos lugares aos

---

<sup>59</sup> Cf. QUESNEL, Michel – *As Cartas aos Coríntios*, p. 8.

<sup>60</sup> QUESNEL, Michel – *As Cartas aos Coríntios*, p. 8.

<sup>61</sup> Cf. QUESNEL, Michel – *As Cartas aos Coríntios*, p. 8-9.

<sup>62</sup> QUESNEL, Michel – *As Cartas aos Coríntios*, p. 9.

olhos de Deus (cf. v. 9). Paulo termina esta parte com a promessa de uma futura visita (cf. 1Cor 4, 19)<sup>63</sup>.

A segunda parte da carta é marcada pela discussão sobre questões éticas e morais (cf. 1Cor 5,1; 7,1). Andreas Lindemann defende que em 4,18-21 já está anunciada, de forma indireta, a questão da imoralidade que é tratada nesta parte. Primeiramente, Paulo trata os casos de incesto, criticando os comportamentos ilegítimos da vida sexual. Em 6,1-11, fala acerca dos recursos aos tribunais pagãos. Em 6,12-20 e no cap. 7, ele fala novamente dos problemas da ética sexual, no uso e abuso do corpo, assim como de questões acerca do matrimónio, do celibato e da virgindade<sup>64</sup>.

Tal como foi abordado anteriormente, a questão da prostituição estava bastante presente no passado da cidade, mas também no tempo em que Paulo chegou a Corinto. Daí que haja pessoas que procuravam aproximar-se da vida cristã sem, porém, deixar a prostituição, como se as duas fossem conciliáveis. Por essa razão é que ele critica tais comportamentos<sup>65</sup>. Para tal, Paulo não tomaria os «membros de Cristo» (μέλη τοῦ Χριστοῦ - 1Cor 6,15) para os tornar membros de uma prostituta (πόρνῆς μέλη - 1Cor 6,15)<sup>66</sup>.

De facto, ele é muito claro quando critica todas as atitudes erradas que os primeiros cristãos vão tendo em Corinto: «Escrevi que não devíeis associar-vos com quem, dizendo-se irmão, fosse devasso, avarento, idólatra, caluniador, beberrão ou ladrão. Com estes, nem sequer deveis comer» (1Cor 5,11).

A temática da terceira parte está claramente presente no primeiro versículo, nomeadamente, «Acerca das carnes imoladas aos ídolos» («Περὶ δὲ τῶν εἰδωλοθύτων» – 1Cor 8,1). Tanto em 8,1-13 como em 10,14-11,11, estamos perante um caso de casuística. No cap. 9, ele apresenta um exemplo positivo, como é o seu próprio caso. Já em 10, 1-13, Paulo apresenta a parte negativa, isto é, os perigos que a idolatria pode trazer para a comunidade. O final fica marcado com um pedido: «Sede meus imitadores» («μιμηταὶ μου γίνεσθε» - 1Cor 11,1)<sup>67</sup>.

A quarta parte trata algumas questões relacionadas com a comunidade de Corinto. Há uma ligação entre 11,2 e 14,40, ou seja, entre o primeiro e último versículo desta parte. O cap. 13 parece estar pouco relacionado com os restantes capítulos desta parte. Andreas Lindemann vê uma ligação em 12,31, em que Paulo afirma mostrar um caminho para alcançar os melhores dons.

---

<sup>63</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 7-8.

<sup>64</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 8.

<sup>65</sup> Cf. ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland*, p. 243.

<sup>66</sup> Cf. ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland*, p. 244.

<sup>67</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 8.

O cap. 13 não é considerado um discurso de Paulo. Ele centra-se no conceito do amor (ἀγάπη) que é o critério necessário para ‘negociar’ o agir individual ou comunitário. Depois disto, ele dá seguimento ao tema do ἀγάπη, afirmando: «Procurai o amor e aspirai aos dons do Espírito, mas sobretudo ao da profecia» (1Cor 14,1)<sup>68</sup>.

A quinta e última parte da carta consiste no tema da ressurreição dos mortos. Isto encontra-se claramente presente quando Paulo questiona: «se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns de entre vós dizem que não há ressurreição dos mortos?» (1Cor 15,12). É curioso como a questão da ressurreição surge precisamente no final da carta. Pode-se verificar, por parte de Paulo, uma certa dimensão escatológica. Por outro lado, também pode ser um tema com grande importância para Paulo e, por essa razão, o colocou no final da carta<sup>69</sup>.

No entanto, há quem veja uma ligação entre o cap. 15 e os cap. 6-8, em que Paulo já terá presente o seu pensamento acerca da ressurreição<sup>70</sup>. Assim «a estrutura de conjunto levaria a considerar 1Cor como uma única carta com vários temas. Seguidamente, inserir um capítulo no final é dar um peso considerável à questão tratada para aprofundar a convicção. Dizendo ‘lembro-vos’, Paulo parte do ensinamento já dado e vai prolongá-lo e desenvolvê-lo. Mas também é possível fazer deste capítulo uma das respostas dirigidas à comunidade»<sup>71</sup>.

Para conclusão da carta, Paulo apresenta algumas recomendações finais. Porém, é possível verificar que, ao longo da carta, vão surgindo algumas recomendações, como que se fosse um epílogo. Vemos que em 4, 18-21, ao apresentar algumas advertências à comunidade, ele fala de uma futura visita a Corinto. Mais à frente, o apóstolo fala de outras questões que irá resolver quando chegar (cf. 11,34). Adiante, ele fala também na possibilidade de ir ao encontro da comunidade (cf. 14,6)<sup>72</sup>.

#### **4. Questão introdutória a 1Cor 12**

Antes de desenvolvermos o estudo de 1Cor 12, apresentaremos alguma contextualização literária tendo em conta toda a secção onde este capítulo se insere. Com isto, procuramos contextualizar o capítulo antecedente e os dois capítulos subsequentes. De seguida apresentaremos a estrutura do cap. 12 e o respetivo texto, quer na língua original,

---

<sup>68</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 8.

<sup>69</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 8-9.

<sup>70</sup> Cf. CARREZ, Maurice – *A Primeira Carta aos Coríntios*, p. 46.

<sup>71</sup> CARREZ, Maurice – *A Primeira Carta aos Coríntios*, p. 46.

<sup>72</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 9.

partindo da versão de Nestle-Aland, quer na sua tradução a partir da versão da Difusora Bíblica.

#### 4.1. Contextualização Literária

O cap. 12 está inserido na quarta parte de 1Cor, nomeadamente, na secção sobre as reuniões da comunidade (1Cor 11-14). É possível verificar uma unidade entre estes quatro capítulos, embora apresentem temáticas diferentes, designadamente, a questão dos homens e das mulheres que rezam e profetizam (cf. 11,2-34), a celebração da Ceia do Senhor (cf. 11, 17-34), a variedade de dons do Espírito (cf. 12,1-31a), o respetivo «caminho» (cf. 12,31b-13,13) e as normas para as reuniões da comunidade com os seus respetivos carismas (cf. 14,1-40).

Ao longo desta secção é possível verificar uma unidade, a partir da comunidade unida para a reunião. Com isto, os destinatários desta carta são chamados a seguir as normas propostas por Paulo (cf. 11,2 e 14,33.36-38). E é dessa forma que Paulo termina esta secção - «que tudo se faça com decoro e ordem» (14,40)<sup>73</sup>.

Por outro lado, também seria possível destacar o entusiasmo como tema de fundo dos quatro capítulos, visto que Paulo se dedica ao comportamento dos primeiros cristãos em Corinto, mostrando-lhes o caminho. Desta forma, ele afirma: «também vós: já que estais ávidos dos dons do Espírito, procurai adquiri-los em abundância, mas para edificação da assembleia.» (1Cor 14,12)<sup>74</sup>.

Mais concretamente no cap. 12, o apóstolo dos gentios centra-se no tema πνευματικά, desenvolvendo a diversidade de dons que possam surgir na vida do homem. Depois disso, deixa de falar em πνεῦμα para se dedicar à questão da ὁῶμα. Por outro lado, como se poderá verificar na comparação dos versículos, ele continua a abordar a questão da unidade e da diversidade<sup>75</sup>. «Paulo elogia o *agápê* (amor) no cap. 13 para resolver a tensão entre carismas e ministérios em Corinto e concretiza ambos os capítulos na vida concreta da comunidade (cap. 14)»<sup>76</sup>.

Andreas Lindemann afirma que «a unidade literária do cap. 12 não é discutida na exegese; no entanto, é muitas vezes posta em causa a união com o cap. 11»<sup>77</sup>. O cap. 11 dedica-se particularmente aos comportamentos dos Coríntios nas assembleias litúrgicas. O

---

<sup>73</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 237.

<sup>74</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 213.

<sup>75</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 261.

<sup>76</sup> CARVALHO, José Carlos – *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*. Porto: Universidade Católica Editora, 2017, p. 266.

<sup>77</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 261.

cap. 12, porém, inicia com um novo tema, nomeadamente, a questão dos dons. Paulo faz essa passagem a partir do Περὶ, afirmando, dessa forma, a mudança de tema<sup>78</sup>.

Com isto, poderemos destacar três partes fundamentais estreitamente relacionadas: «1) a manifestação carismática repartida por todos os crentes: pluralidade diversificada quanto ao objeto e aos espectadores; 2) o Espírito – mas também o Senhor e Deus – como único princípio fontal; 3) a comunidade na qual e pela qual eles são ativos: unidade de caráter orgânico (um só corpo/o Corpo de Cristo) e de sinal conclusivo (*pros oikodomen/a edificação*)»<sup>79</sup>.

#### 4.2. Estrutura de 1Cor 12

1-11: Os dons do Espírito e o Espírito

1-3: Introdução de uma nova abordagem

4-11: Descrição das diversidades de dons

12-31: A Comunidade como Corpo

12-14: A relação entre o corpo e os membros

15-26: O corpo humano e o corpo segundo o Espírito

27: Os destinatários como membros do Corpo de Cristo

28-30: Os «cargos» estabelecidos por Deus

31a: O desafio aos melhores dons

31b: A indicação para o caminho a fim de alcançar os melhores dons

#### 4.3. Texto em grego

**1** Περὶ δὲ τῶν πνευματικῶν, ἀδελφοί, οὐ θέλω ὑμᾶς ἀγνοεῖν.

**2** Οἴδατε ὅτι ὅτε ἔθνη ἦτε πρὸς τὰ εἰδωλα τὰ ἄφωνα ὡς ἂν ἤγεσθε ἀπαγόμενοι.

**3** διὸ γνωρίζω ὑμῖν ὅτι οὐδεὶς ἐν Πνεύματι Θεοῦ λαλῶν λέγει ΑΝΑΘΕΜΑ ΙΗΣΟΥΣ, καὶ οὐδεὶς δύναται εἰπεῖν ΚΥΡΙΟΣ ΙΗΣΟΥΣ, εἰ μὴ ἐν Πνεύματι Ἁγίῳ.

**4** Διαίρέσεις δὲ χαρισμάτων εἰσὶν, τὸ δὲ αὐτὸ Πνεῦμα·

**5** καὶ διαίρέσεις διακονιῶν εἰσιν, καὶ ὁ αὐτὸς Κύριος·

**6** καὶ διαίρέσεις ἐνεργημάτων εἰσιν, ὁ δὲ αὐτὸς Θεὸς ὁ ἐνεργῶν τὰ πάντα ἐν πᾶσιν.

**7** ἐκάστῳ δὲ δίδεται ἡ φανέρωσις τοῦ Πνεύματος πρὸς τὸ συμφέρον.

<sup>78</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 213.

<sup>79</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 608-609.

**8** ὧ μὲν γὰρ διὰ τοῦ Πνεύματος δίδοται λόγος σοφίας, ἄλλω δὲ λόγος γνώσεως κατὰ τὸ αὐτὸ Πνεῦμα,

**9** ἑτέρω πίσις ἐν τῷ αὐτῷ Πνεύματι, ἄλλω δὲ χαρίσματα ἰαμάτων ἐν τῷ ἐνὶ Πνεύματι,

**10** ἄλλω δὲ ἐνεργήματα δυνάμεων, ἄλλω δὲ προφητεία, ἄλλω δὲ διακρίσεις πνευμάτων, ἑτέρω γένη γλωσσῶν, ἄλλω δὲ ἑρμηνεῖα γλωσσῶν·

**11** πάντα δὲ ταῦτα ἐνεργεῖ τὸ ἐν καὶ τὸ αὐτὸ Πνεῦμα, διαιροῦν ἰδίᾳ ἐκάστῳ καθὼς βούλεται.

**12** Καθάπερ γὰρ τὸ σῶμα ἓν ἐστὶν καὶ μέλη πολλά ἔχει, πάντα δὲ τὰ μέλη τοῦ σώματος πολλά ὄντα ἓν ἐστὶν σῶμα, οὕτως καὶ ὁ Χριστός·

**13** καὶ γὰρ ἐν ἐνὶ Πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἓν σῶμα ἐβαπτίσθημεν, εἴτε Ἰουδαῖοι εἴτε Ἕλληνες, εἴτε δοῦλοι εἴτε ἐλεύθεροι. καὶ πάντες ἐν Πνεύμα ἐποτίσθημεν.

**14** καὶ γὰρ τὸ σῶμα οὐκ ἔστιν ἐν μέλος ἀλλὰ πολλά.

**15** ἐὰν εἴπῃ ὁ πούς ὅτι οὐκ εἰμὶ χεῖρ, οὐκ εἰμὶ ἐκ τοῦ σώματος, οὐ παρὰ τοῦτο οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ σώματος.

**16** καὶ ἐὰν εἴπῃ τὸ οὖς ὅτι οὐκ εἰμὶ ὀφθαλμός, οὐκ εἰμὶ ἐκ τοῦ σώματος, οὐ παρὰ τοῦτο οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ σώματος.

**17** εἰ ὅλον τὸ σῶμα ὀφθαλμός, ποῦ ἡ ἀκοή; εἰ ὅλον ἀκοή, ποῦ ἡ ὄσφρησις;

**18** νῦν δὲ ὁ Θεὸς ἔθετο τὰ μέλη, ἐν ἕκαστον αὐτῶν ἐν τῷ σώματι καθὼς ἠθέλησεν.

**19** εἰ δὲ ἦν τὰ πάντα ἐν μέλος, ποῦ τὸ σῶμα;

**20** νῦν δὲ πολλά μὲν μέλη, ἓν δὲ σῶμα.

**21** οὐ δύναται δὲ ὁ ὀφθαλμὸς εἰπεῖν τῇ χειρὶ Χρείαν σου οὐκ ἔχω, ἢ πάλιν ἡ κεφαλὴ τοῖς ποσίν Χρείαν ὑμῶν οὐκ ἔχω·

**22** ἀλλὰ πολλῶ μᾶλλον τὰ δοκοῦντα μέλη τοῦ σώματος ἀσθενέστερα ὑπάρχειν ἀναγκαῖά ἐστιν,

**23** καὶ ἃ δοκοῦμεν ἀτιμότερα εἶναι τοῦ σώματος, τούτοις τιμὴν περισσοτέραν περιτίθεμεν, καὶ τὰ ἀσχήμονα ἡμῶν εὐσχημοσύνην περισσοτέραν ἔχει,

**24** τὰ δὲ εὐσχήμονα ἡμῶν οὐ χρείαν ἔχει. ἀλλὰ ὁ θεὸς συνεκέρασεν τὸ σῶμα, τῷ ὑστερουμένῳ περισσοτέραν δοῦς τιμὴν,

**25** ἵνα μὴ ἦ σχίσμα ἐν τῷ σώματι, ἀλλὰ τὸ αὐτὸ ὑπὲρ ἀλλήλων μεριμνῶσιν τὰ μέλη.

**26** καὶ εἴτε πάσχει ἐν μέλος, συνπάσχει πάντα τὰ μέλη· εἴτε δοξάζεται μέλος, συναίρει πάντα τὰ μέλη.

**27** ὑμεῖς δὲ ἐστε σῶμα Χριστοῦ καὶ μέλη ἐκ μέρους.

**28**Καὶ οὓς μὲν ἔθετο ὁ Θεὸς ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ πρῶτον ἀποστόλους, δεύτερον προφήτας, τρίτον διδασκάλους, ἔπειτα δυνάμεις, ἔπειτα χαρίσματα ἰαμάτων, ἀντιλήψεις, κυβερνήσεις, γένη γλωσσῶν.

**29**μὴ πάντες ἀπόστολοι; μὴ πάντες προφῆται; μὴ πάντες διδάσκαλοι; μὴ πάντες δυνάμεις;

**30**μὴ πάντες χαρίσματα ἔχουσιν ἰαμάτων; μὴ πάντες γλώσσαις λαλοῦσιν; μὴ πάντες διερμηνεύουσιν;

**31a** ζηλοῦτε δὲ τὰ χαρίσματα τὰ μείζονα.

**31b** Καὶ ἔτι καθ' ὑπερβολὴν ὁδὸν ὑμῶν δείκνυμι.

#### 4.4. Tradução de 1Cor 12

**1A** respeito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que fiqueis na ignorância.

**2**Sabeis que, quando éreis pagãos, vos deixáveis arrastar, irresistivelmente, para os ídolos mudos.

**3**Por isso, quero que saibais que ninguém, falando sob a acção do Espírito Santo, pode dizer: «Jesus seja anátema», e ninguém pode dizer: «Jesus é Senhor», senão pelo Espírito Santo.

**4**Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo;

**5**há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo;

**6**há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.

**7A** cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum.

**8A** um é dada, pela acção do Espírito, uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito;

**9a** outro, a fé, no mesmo Espírito; a outro, o dom das curas, no único Espírito;

**10a** outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas.

**11**Tudo isto, porém, o realiza o único e o mesmo Espírito, distribuindo a cada um, conforme lhe apraz.

**12**Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo.

**13**De facto, num só Espírito, fomos todos baptizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito.

**14**O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.

**15**Se o pé dissesse: «Uma vez que não sou mão, não faço parte do corpo», nem por isso deixaria de pertencer ao corpo.

**16**E se o ouvido dissesse: «Uma vez que não sou olho, não faço parte do corpo», nem por isso deixaria de pertencer ao corpo.

**17**Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfacto?

**18**Deus, porém, dispôs os membros no corpo, cada um conforme lhe pareceu melhor.

**19**Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?

**20**Há, pois, muitos membros, mas um só corpo.

**21**Não pode o olho dizer à mão: «Não tenho necessidade de ti», nem tão pouco a cabeça dizer aos pés: «Não tenho necessidade de vós.»

**22**Pelo contrário, quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo, tanto mais são necessários,

**23**e aqueles que parecem ser os menos honrosos do corpo, a esses rodeamos de maior honra, e aqueles que são menos decentes, nós os tratamos com mais decoro;

**24**os que são decentes, não têm necessidade disso.

Mas Deus dispôs o corpo, de modo a dar maior honra ao que dela carecia,

**25**para não haver divisão no corpo e os membros terem a mesma solícitude uns para com os outros.

**26**Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria.

**27**Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro.

**28**E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo, profetas; em terceiro, mestres; em seguida, há o dom dos milagres, depois o das curas, o das obras de assistência, o de governo e o das diversas línguas.

**29**Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Fazem todos milagres?

**30**Possuem todos o dom das curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam?

**31a**Aspirai, porém, aos melhores dons.

**31b**Aliás, vou mostrar-vos um caminho que ultrapassa todos os outros.

#### 4.5. Síntese do Capítulo I

A cidade de Corinto, também conhecida por cidade do istmo, era já muito frequentada, alguns séculos antes de Cristo e de Paulo. Destaca-se, desta forma, a dimensão comercial, com as devidas importações e exportações, bem como outros aspetos que caracterizavam a cultura deste povo: os vasos, os tijolos, os trabalhos feitos em bronze e os jogos ístmicos.

Outro aspeto que caracteriza a cidade de Corinto nesta época é a ligação (διόλκος) feita para o trânsito dos barcos através de terra, a fim de se evitarem outros caminhos mais perigosos. Assim, Corinto possuía uma boa localização geográfica. Era, de facto, um local de ligação marítima para vários territórios. Já nos meados do séc. III, era considerada uma das cidades mais povoadas da Grécia. Porém, no séc. II, dá-se a invasão dos romanos, que destroem a cidade, sendo recuperada posteriormente.

Paulo não encontra a cidade desta forma. A sua estadia em Corinto também terá sido relativamente curta, mas foi tempo suficiente para conseguir formar uma assembleia de seguidores de Cristo, uma igreja local. Aqui, Paulo começa por procurar alguns colaboradores, tal como Áquila e Priscila, Silas, Timóteo e Sóstenes. Assim, ele faz surgir a ἐκκλησία, começando a batizar alguns futuros colaboradores, pois não havia em Corinto uma comunidade cristã propriamente dita.

Porém, a fundação da Igreja em Corinto também traz dificuldades para Paulo, para os seus colaboradores e para a comunidade em si. Uma dimensão fundamental na comunidade primitiva é a reunião. Destaca-se o convívio da Ceia do Senhor (cf. 1Cor 11), onde Paulo alerta para as questões da divisão dentro da assembleia reunida. Ele procura fazer perceber aos Coríntios que a comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo deve ser feita de forma digna e verdadeira. Destaca-se, ainda, a diferença entre os ricos e os pobres, a falta do espírito de partilha e da preocupação para com o próximo.

No seio desta comunidade primitiva estão diferentes pessoas. Paulo procura dar respostas a essa diversidade, pois ele fala para os seguidores de Cristo, mas também para aqueles que ainda não se converteram. Ele fala aos descrentes e aos estranhos. O facto de Paulo se afastar da comunidade para ir levar o Evangelho a outros povos provoca algumas dificuldades e discórdias na comunidade. Na sua ausência, os missionários presentes em Corinto batizavam aqueles que desejavam converter-se. Porém, eles pensavam que uns eram de Paulo, outros de Apolo, outros de Cefas e outros de Cristo (cf. 1Cor 1,12). Logo, os recém-batizados não tinham a percepção de que todos eram pertenciam a Cristo.

Outro problema surgido na comunidade é a questão dos ídolos (cf. 1Cor 8; 10). A carta aos Coríntios procura combater e denunciar muitos dos problemas que surgem nesta, bem

como noutras comunidades primitivas. Era desta forma que Paulo procurava evangelizar e levar Cristo ao próximo, atuando de forma pedagógica para fazer crescer a Igreja de Cristo. Aborda também a questão da ressurreição, explicando-a aos habitantes de Corinto (cf. 1Cor 15). Contudo, não teria sido fácil para Paulo, bem como para todos os missionários, formar uma comunidade na época primitiva da Igreja, num ambiente de perseguição. Por outro lado, valoriza-se a sua diversidade, visto que ela era formada por judeus e gregos (cf. 1Cor 1,24; 12,13; Act 18,4).

Como ainda não tinham sido edificadas igrejas, tal como hoje conhecemos, as primeiras comunidades procuravam reunir-se em casas particulares. Logo, as casas não eram vistas como espaços íntimos, como na atualidade, nem seriam tão grandes e espaçosas. Os próprios espaços de uma casa iam mudando, conforme as necessidades do momento. Poderá ter havido também alguns subgrupos, ou seja, grupos formados por familiares e vizinhos próximos, que se reuniam numa determinada casa, pelo facto de não terem capacidade para acolher mais pessoas. Mesmo nos espaços maiores, o dono da casa tinha a necessidade de dividir os membros reunidos naquela casa. Ele colocava os amigos próximos, os crentes e os da mesma classe social no *triclinium*. Numa sala ao lado (*atrium*) estavam, por exemplo, os ouvintes e os não crentes que se iam associando às reuniões. Como podemos imaginar, isto acabava sempre por criar alguma tensão e divisão no seio da comunidade (cf. 1Cor 11,18).

Ao fazer um estudo mais aprofundado de um texto bíblico, é fundamental ter presente a sua divisão e estrutura, bem como o texto em original e a sua tradução.



## CAPÍTULO II – COMENTÁRIO BÍBLICO DE 1COR 12

Neste segundo capítulo apresentaremos o comentário a 1Cor 12. Depois de, no primeiro capítulo, ter apresentado a estrutura geral de 1Cor 12, bem como o texto em grego com a sua respetiva tradução, desenvolveremos agora, de forma mais profunda, o pensamento de Paulo.

Podemos dividir o capítulo por duas grandes partes, nomeadamente, vv. 1-11 e vv. 12-31. Cada uma das partes apresenta as suas características, sendo que a primeira parte se volta mais para a questão pneumatológica, ou seja, para os dons do Espírito e a segunda parte se centra mais na parte corporal, quer do homem, quer da Igreja, Corpo de Cristo.

É interessante verificar que, tanto na primeira, como na segunda parte, podemos destacar os temas da unidade e da diversidade, pois há um só Espírito e há diversos dons, diversos carismas.

### 5. Os dons do Espírito e o Espírito (vv. 1-11)

«Paulo volta-se nos vv. 1-3 para o tema da πνευματικά (cf. v. 1), concretizando-o nos vv. 4-11, a partir da descrição dos diferentes dons do Espírito»<sup>80</sup>. Os primeiros três versículos são a introdução para o desenvolvimento acerca dos dons do Espírito, bem como da questão da unidade. No v. 7, temos um versículo intercalar, que encerra os versículos anteriores, mas é, por outro lado, um título para os versículos seguintes. O v. 11 resume todos os versículos anteriores, bem como os dons apresentados<sup>81</sup>. Assim, na apresentação dos dons é possível apresentar um esquema a partir de três pontos: «a) a única e mesma fonte divina; b) a causa da sua múltipla riqueza; c) repartindo os dons aos diversos crentes»<sup>82</sup>.

#### 5.1. Introdução a uma nova abordagem (vv. 1-3)

Com 1Cor 12, Paulo dá entrada a uma nova temática. Para além de usar o Περὶ δὲ (v. 1), ele faz, de certa forma, uma nova saudação aos irmãos (ἀδελφοί)<sup>83</sup>. O apóstolo usa várias vezes esta saudação, como forma de dar início a um novo setor ou para uma mudança de temática (cf. 1,10-11.26; 2,1; 3,1; 4,6; 7,29; 10,1; 14,6.20.26; 15,1; 2Cor 8,1). O mesmo acontece, quando Paulo pede para que a comunidade não permaneça na ignorância em

<sup>80</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 261.

<sup>81</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 263.

<sup>82</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 642.

<sup>83</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 263.

relação aos dados da fé, quer à questão do Êxodo (cf. 10,1), quer do mistério do destino final do Povo de Israel (cf. Rm 11,25), quer em relação aos que já faleceram (cf. 1Ts 4,13), quer a respeito da tribulação que sobrevém da Ásia (cf. 2Cor 1,8), quer a propósito da visita de Paulo a Roma (cf. Rm 1,13)<sup>84</sup>.

Tendo em conta os vv. 4-11, Paulo parece dar mais relevo aos efeitos do Espírito (πνευματικά, neutro, como em 9,11 e 14,1) do que propriamente ao pneumático/espiritual (πνευματικοί, masc., como em 2,15; 3,1 e 14,37), mesmo que ele fale do Espírito Santo nos seguintes versículos<sup>85</sup>. «Paulo procura mostrar aos Coríntios que as aparições extáticas são mesmo manifestações do Espírito. A denominação de πνευματικά não é criticada, mas é corrigida e colocada noutra nível»<sup>86</sup>.

No AT, fala-se em לב (leb, coração) como local de conhecimento, mas também de רוח (ruah), que é referente ao vento, ao sopro ou à respiração. O conceito רוח é apresentado pelos LXX como πνεῦμα. Assim, o Espírito de Deus concede a capacidade aos homens para determinadas capacidades. Com o Espírito de Deus, os homens tornam-se guias carismáticos (cf. efeitos do Espírito de Deus em Saul 1Sm 10,6.10, 11,6). Porém, o Espírito de Deus também pode ser visto a partir de efeitos negativos (cf. 1Sm 16,14; 1Rs 22,21-38)<sup>87</sup>. Vejamos, por exemplo, o caso de Saul - «O espírito do Senhor retirou-se de Saul, que era atormentado por um espírito maligno enviado pelo Senhor» (1Sm 16,14)<sup>88</sup>.

No NT, o conceito πνεῦμα está presente 379 vezes. Na maior parte dos casos, o conceito refere-se ao Espírito, sendo que é usada menos vezes a expressão de «Espírito Santo». O conceito é também raras vezes utilizado para afirmar o sopro, o vento ou a respiração. O Espírito surge 275 vezes como dom de Deus. Desta forma, o Espírito é também considerado uma parte do homem, sendo que Paulo também frisa a necessidade de olhar para o homem como um todo. Assim, o conceito é também usado para o próprio «eu», para a personalidade da pessoa (cf. Rm 1,9; 8,16; 2Cor 2,13; 7,13)<sup>89</sup>.

De seguida, Paulo lembra-os de algo que faz parte do conhecimento dos Coríntios (Οἴδατε – cf. 1Ts 1,5; 4,2; Gl 4,13). São várias as referências feitas aos ídolos (εἰδωλα) e à condição de pagãos (ἔθνη), tal como acontece no v.2 (cf. Gl 4,8; 1Ts 1,9). Por outro lado, é curioso verificar como Paulo se volta para os pagãos, quando a carta também faz referência aos «judeus e gregos, escravos ou livres» (v. 13) que, nesse caso, não vinham do paganismo.

<sup>84</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 635.

<sup>85</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 263.

<sup>86</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 241.

<sup>87</sup> Cf. SCHMITT, Armin – Geist. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1995, vol. 4, p. 370.

<sup>88</sup> Ver também 1Re 22,21-38.

<sup>89</sup> HAINZ, Josef – Geist. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1995, vol. 4, p. 371.

Segundo Andreas Lindemann, isto pode ser um confronto geral a todos os Coríntios, a fim de ter em conta o seu passado<sup>90</sup>. No entanto, «não se trata de salientar uma diferença do paganismo, mas de apresentar uma analogia»<sup>91</sup>.

Paulo usa no v. 2 o conceito ἔθνη. Tal como se pode verificar, há uma distinção entre οἱ (sing. – referente ao povo) e οἱ (pl. – referente aos pagãos). O mesmo é possível afirmar entre ἔθνος e λαός, em que o ἔθνος vai ao encontro de pagão, enquanto o λαός se refere ao povo eleito. Pode-se dizer que ao ἔθνος corresponde o οἱ e ao λαός o οἱ. Porém, é fundamental ter em conta se tais conceitos aparecem no singular ou no plural. Por exemplo, do Gn ao Dt, o conceito οἱ surge 420 vezes (362 sing. e 58 pl.). Dessas 420 vezes, a versão dos LXX traduz 351 por λαός e o resto por ἔθνος<sup>92</sup>. No NT, ἔθνος surge 64 vezes referente ao povo ou aos povos, mais propriamente ao povo judeu. Quando é referente a todos os povos, normalmente ἔθνη é acompanhado de πάντα. Por outro lado, há situações em que é referido em contraponto com o povo de Israel. Nesses casos, o conceito aplica-se aos pagãos. Vejamos, por exemplo, Mt 4,15; 20,25; Lc 21,24; Act 4,25; 7,7; 13,19, Rom 1,5 e Ap 10,11; 14,8; 15,3.4.

Para além das 64, afirmadas anteriormente, podemos destacar ainda cerca de 100 vezes em que ἔθνη surge no sentido de οἱ do AT, designando os pagãos em relação com os judeus ou, neste caso, em relação com os cristãos. Quase metade das referências feitas estão presentes no *Corpus Paulinum*. Em Mt 6,32, bem como em 1Cor 1,23, temos um claro exemplo do que queremos ilustrar<sup>93</sup>.

Depois de afirmar aquilo que queria transmitir (v.1), avançando com o recordar o passado de cada um (v.2), Paulo declara que aquele que fala sob a ação do Espírito Santo não pode amaldiçoar Jesus. Só pelo Espírito Santo é que o homem é capaz de reconhecer que Jesus é Senhor (Κύριος Ἰησοῦς). O conceito de ἀνάθεμα surge também em 1Cor 16,22; Gl 1,8 e Rm 9,3. Tanto ἀνάθεμα Ἰησοῦς como Κύριος Ἰησοῦς são fórmulas bastante utilizadas por Paulo<sup>94</sup>.

Conzelmann afirma que «o Espírito (que é o ‘Espírito do Senhor’, 2Cor 3,17) não se pode contradizer. Ele não pode amaldiçoar Jesus»<sup>95</sup>. O efeito do Espírito tem uma função importante no culto. Trata-se de uma função construtiva. Neste caso, Paulo não aborda a sua própria experiência, nem procura discutir os fenómenos que levaram à sua experiência. No entanto, são considerados cristãos todos aqueles que «invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo» (1Cor 1,2)<sup>96</sup>. Assim, «por inspiração do Espírito não se pode dizer ‘Jesus é

<sup>90</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 263-264.

<sup>91</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 243.

<sup>92</sup> Cf. BERTRAM, Georg - ἔθνος. In KITTEL, Gerhard (hrsg.) – *TWNT*. 1935, vol. 2, p. 362-363.

<sup>93</sup> Cf. SCHMIDT, Karl - ἔθνος. . In KITTEL, Gerhard (hrsg.) – *TWNT*. 1935, vol. 2, p. 366-368.

<sup>94</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 264.

<sup>95</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 241.

<sup>96</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 244.

anátema', pode-se dizer, como única possibilidade ativa, 'Jesus é o Senhor'»<sup>97</sup>. Giuseppe Barbaglio defende que o objetivo do autor da carta é mostrar a ligação entre o Espírito e o reconhecimento do Senhor. Assim, afirmar que o «ἀνάθεμα Ἰησοῦς» não pode ser sugerido pelo Espírito e que o «Κύριος Ἰησοῦς» vem unicamente pelo Espírito<sup>98</sup>.

«Jesus é o Senhor» é uma expressão bastante usada por Paulo<sup>99</sup>. «A proclamação do senhorio de Jesus, central na esperança da fé, como é possível verificar em Rm 10,9, não pode ser o resultado de uma autossuficiência humana; é o Espírito que conduz a Jesus e ao reconhecimento, de coração e de boca (cf. Rm 10,9), como o Senhor»<sup>100</sup>. O mesmo dá-se também em Gl 4,6 e Rm 8,15, onde é abordada a questão de Deus como Pai e também dos seus filhos adotivos. Com tudo isto, Paulo deseja esclarecer a presença operante do Espírito na vida dos crentes<sup>101</sup>.

## 5.2. Descrição da diversidade de dons (vv. 4-11)

«O Espírito é a forma da presença de Deus na comunidade»<sup>102</sup>. No v. 4, Paulo fala na diversidade de dons. Ele vai ao encontro da fé que, pronunciada na confissão, designa a ação do Πνεῦμα. Com isto, ele pronuncia-se acerca da variedade de dons existentes, tendo em conta também a questão da unidade<sup>103</sup>. Assim, a χάρις age a partir do Πνεῦμα.

Um aspeto curioso é que Paulo fala de χαρίσματα e não de πνεύματος. Antes de mais, é importante referir que se trata de dons da graça divina. Assim, χάρισμα é «uma manifestação concreta, uma concretização, uma concreta materialização da χάρις ('graça' entendida como ação). Na prática, da ação divina da graça, o carisma é o resultado ou o efeito»<sup>104</sup>. Assim, tal como se poderá verificar nos vv. 8-10, bem como em 1Cor 12,8-30 e 13,1-3.8, este conceito é maior do que o πνεύματος. «Tal tentativa de correção diz respeito não só aos efeitos das ações do Espírito, mas à própria natureza do Espírito do Deus de Jesus Cristo, não redutível, segundo Paulo, ao πνεῦμα, e que, penetrando no homem, o eleva»<sup>105</sup>.

---

<sup>97</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 639.

<sup>98</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 639.

<sup>99</sup> «Porque, se confessares com a tua boca: 'Jesus é o Senhor', e acreditares no teu coração que Deus o ressuscitou de entre os mortos, serás salvo.» (Rm 10,9); «para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; e toda a língua proclame: 'Jesus Cristo é o Senhor!', para glória de Deus Pai.» (Fl 2,10-11).

<sup>100</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 641.

<sup>101</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 641.

<sup>102</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 265.

<sup>103</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 265.

<sup>104</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 643.

<sup>105</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 643.

«De facto, ele usa χάρισμα para indicar os diversos dons da graça, como a justificação (cf. Rm 5,15ss), a vida eterna (cf. Rm 6,23), a salvação de um perigo mortal (cf. 2Cor 1,11), a abstinência sexual (cf. 1Cor 7,7), um contributo pessoal ao crescimento espiritual da comunidade romana (cf. Rm 1,11), os dons salvíficos prometidos de Deus ao seu Povo de Israel (cf. Rm 11,29)»<sup>106</sup>.

No versículo seguinte, Paulo aborda a questão da διακονία e a sua diversidade, mas vai também ao encontro da unidade do Κύριος. Por norma, o conceito διακονία designa o «serviço» (1Cor 16,15). Por outro lado, também se refere à coleta em favor de Jerusalém (cf. 2Cor 8,4; 9,1; Rm 15,31). Assim, «se é o do serviço, que seja usado a servir; se um tem o de ensinar, que o use no ensino» (Rm 12,7). Porém, este sentido de diaconia é visto como uma prestação de serviços e não propriamente como um cargo do διάκονος. A questão dos diáconos está claramente presente na carta de Paulo a Timóteo (cf. 1Tm 3,8.12)<sup>107</sup>.

Outro aspeto que se pode destacar dos vv. 4-6 é a questão trinitária. Neste excerto está presente uma fórmula trinitária: Deus, Senhor e Espírito. Mais ainda, é possível ordenar a cada um deles uma característica, nomeadamente, χάρισματα, διακονία e ένεργήματα. O χάρισματα está, em vez da πνευματικά, voltado para o Espírito. A διακονία está relacionada com o Senhor e a ένεργήματα com Deus<sup>108</sup>.

A seguir, Paulo fala acerca dos diversos modos de agir. Ele usa o conceito ένεργήματα, que no NT só aparece duas vezes (vv. 6 e 10). Neste caso, o apóstolo dos gentios refere-se aos diferentes trabalhos (*Arbeitsleistungen*) realizados no seio da comunidade. Tais trabalhos são atribuídos a «Deus que realiza tudo em todos» (v.6). A diversidade de dons abordados entre os vv. 4-6 é resumida no v. 7 como «manifestação do Espírito» («φανέρωσις τοῦ Πνεύματος»). Portanto, trata-se daquilo que é, de facto, necessário para a vida quotidiana da vida da comunidade, visto que «'Tudo é permitido', mas nem tudo é conveniente. 'Tudo é permitido', mas nem tudo edifica» (1Cor 10,23; cf. 1Cor 6,12). Pode-se olhar para o v. 7 como a conclusão dos versículos anteriores e, ao mesmo tempo, como uma introdução para os versículos seguintes<sup>109</sup>. «No primeiro caso, o v. 7 mostra claramente que a diferença trinitária se refere à apresentação da origem e essência dos dons, não como dissociação esquemática em três diferentes locais de origem: agora é novamente o Espírito, o único dador de todos os dons. No segundo caso, é constatado um ponto de vista duplo: unidade na diversidade»<sup>110</sup>.

---

<sup>106</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 644.

<sup>107</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 265-266.

<sup>108</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 244-245.

<sup>109</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 266.

<sup>110</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 246.

Para além disso, é possível destacar três pontos importantes presentes neste versículo. Paulo começa por referir a quem são dados os dons do Espírito. Ele afirma «A cada um». Assim, todos são beneficiados com os dons do Espírito, sem que ninguém fique de parte. De seguida, ele apresenta uma nova terminologia para se referir aos fenómenos espirituais, nomeadamente, «a manifestação do Espírito». Giuseppe Barbaglio afirma que tais manifestações do Espírito não são apenas manifestações verbais (palavra de sabedoria, palavra de ciência, a profecia, glossolalia), mas são também carismas operativos (o dom das curas, o poder de fazer milagres, a fé taumatúrgica). Em terceiro lugar, encontra-se também a finalidade dos dons - «para proveito comum». O conceito συμφέρον é utilizado por quatro vezes ao longo de 1Cor: duas como substantivo (cf. 1Cor 7,35; 10,33) e duas como verbo (cf. 1Cor 6,12; 10,23)<sup>111</sup>.

Assim, «a finalidade geral, se não absoluta, da doação divina dos carismas tem um carácter social e eclesial. Os carismáticos são chamados a viver o dom da graça recebido, respeitando o fim para o qual são beneficiados, colocando-se, assim, na comunidade cristã com uma tarefa precisa de solidariedade, que traz motivo não de consideração moral, mas de fidelidade ao Espírito doador»<sup>112</sup>.

Com o v. 8, Paulo desenvolve o que foi dito no versículo anterior, quando afirma «A cada um» (ἐκάστῳ). Neste versículo, o Πνεῦμα passa a ser visto como meio (*Mittel* - διὰ) e escala (*Maßstab* - κατὰ) e não como o Dador em si. No v. 7, é feita uma distinção entre Deus e o Espírito. Dos dons abordados no v. 8, é possível fazer a distinção entre o λόγος σοφίας atribuído a um (ὃ μὲν) e o λόγος γνώσεως atribuído a outro (ἄλλῳ δὲ). O λόγος e a γνώσις são abordados em 1Cor 1,5. A questão da σοφία também é desenvolvida anteriormente por Paulo (cf. 1Cor 1,17-2,13), bem como a questão da γνώσις (cf. 1Cor 8,1.7.10ss). Andreas Lindemann afirma ainda que é possível que neste versículo Paulo tenha acolhido os pensamentos e o testemunho dos Coríntios, que falam da «Palavra de Sabedoria» («Wort der Weisheit») e da «Palavra de Conhecimento» («Wort der Erkenntnis»)<sup>113</sup>. «Com a primeira [‘palavra de sabedoria’], dentro da sua ‘theologia crucis’, Paulo define a mensagem cristã centrada na cruz, expressão do desígnio salvífico divino antitético à sabedoria ‘deste mundo’ (cf. cap. 1-3)»<sup>114</sup>.

Nos vv. 8-10, temos uma apresentação assistemática de alguns dons. Porém, é possível reconhecer uma estrutura: a) v. 8; b) v.9-10a; c) v.10b. Já o Espírito aparece, ao longo destes versículos, como dador e como norma<sup>115</sup>. Desta forma, «o Espírito inspira as pessoas (cf. 2Pe

---

<sup>111</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 647-649.

<sup>112</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 650.

<sup>113</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 266.

<sup>114</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 652-653.

<sup>115</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 246.

1,21; Act 11,28), fala a partir delas (cf. 1Cor 14,2.14ss; 1Pe 1,11), dotando-as a partir dos dons do Espírito e de misericórdia (cf. 1Cor 12,4-11; Rm 12,6ss), capacitando-as para determinadas tarefas e diferentes cargos (cf. 1Cor 12,4-11; Act 13,1ss) dentro da Igreja»<sup>116</sup>.

Ao longo destes três versículos, Paulo fala sobre nove carismas, cuja distribuição se dá pela ação do Espírito, tal como se pode verificar nas seguintes fórmulas: «pela ação do Espírito» (v.8); «segundo o mesmo Espírito» (v. 8); «no único Espírito» (v.9)<sup>117</sup>. Isto pode explicar, por que Paulo atribui a fé (πίστις) à ação do Espírito. O v. 9a vai ao encontro do versículo em que o apóstolo defende que só se pode afirmar que «Jesus é Senhor» pelo Espírito (v. 3b). Há uma relação próxima entre os vv. 8 e 9. Como se pode verificar, «ο Πνεῦμα não tem efeito por si próprio, mas é autor da fé»<sup>118</sup>. Neste versículo, πίστις não é vista no sentido de um «acreditar facilitado», mas como uma capacitação para fazer milagres, ou seja, semelhante a χαρίσματα ἰαμάτων<sup>119</sup>.

O v. 9b dá continuação aos dons excepcionais abordados já no v.8. Assim, «ἰαμα é a força da cura (este conceito só aparece no v. 9b e nos vv. 28 e 30 ao longo do NT)»<sup>120</sup>. De facto, não há conhecimento de que tenha havido milagres na comunidade de Corinto. Andreas Lindemann refere que Paulo poderá estar a colocar apenas uma possibilidade de tal acontecimento<sup>121</sup>. A questão da cura, repetida nos vv. 28 e 30, está também muito presente nos sinóticos (cf. Mt 10,1; Lc 9,1; Mc 16,18)<sup>122</sup>.

De seguida, no v. 10a surgem mais três dons. O primeiro, o poder de fazer milagres (ἐνεργήματα δυνάμεων), vai ao encontro da capacidade, num sentido geral, da demonstração de um poder com justificação religiosa (cf. v. 28; 2Cor 12,12; Gl 3,5). «Os sinais distintivos do Apóstolo realizaram-se entre vós, por uma paciência a toda a prova, por sinais, milagres e prodígios» (2Cor 12,12), afirma Paulo.

A questão da profecia (προφητεία), abordada em 1Cor 11,4ss, surge neste v.10a e é desenvolvida mais à frente em 1Cor 14,22, bem como referida em 1Cor 13,2.8. Paulo afirma também que temos «dons que, consoante a graça que nos foi dada, são diferentes: se é o da profecia, que seja usado em sintonia com a fé» (Rm 12,6). De facto, o dom da profecia diz respeito aos discursos feitos com poder. Assim sendo, «Feliz o que lê e os que escutam a mensagem desta profecia e põem em prática o que nela está escrito, porque o tempo está próximo» (Ap 1,3). Por outro lado, a questão da profecia também pode ser entendida no

---

<sup>116</sup> HAINZ, Josef – Geist. In *LTK*, p. 372.

<sup>117</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 652.

<sup>118</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 266.

<sup>119</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 247.

<sup>120</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 267.

<sup>121</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 267.

<sup>122</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 653.

sentido de um anúncio do que está para vir (cf. Act 11,28; 21,11)<sup>123</sup>. Esta questão da profecia é abordada e aprofundada no cap. 14<sup>124</sup>.

O discernimento dos espíritos (διακρίσεις πνευμάτων) pode ser visto num sentido de correlação com o que é dito (cf. 1Cor 14,29). Desta forma, trata-se de verificar se, de facto, os espíritos são de Deus (cf. 1Jo 4,1). Portanto, este dom de Deus diz respeito ao discernimento do verdadeiro Espírito. Consiste na «distinção dos espíritos» e não propriamente da «interpretação da revelação do Espírito»<sup>125</sup>.

O v. 10b surge semelhante ao v. 9a, no que se refere à mudança entre ἄλλω e ἐτέρω. A questão das línguas é um fenómeno importante para Corinto, tal como Paulo irá referir depois em 14,2. Ao contrário de outros, o dom das línguas não está presente em Rm 12. Assim, se «se fala em línguas, que não sejam mais que dois ou no máximo três, cada um por sua vez, e que um as interprete» (1Cor 14,27)<sup>126</sup>. Este dom é «aquele que, em Corinto é mais estimado, por causa de ser ininteligível. Ele aparenta o domínio da língua dos anjos (cf. 1Cor 13,1)»<sup>127</sup>. Assim, a questão da língua não se refere ao órgão físico, mas à linguagem, que é uma linguagem muito particular<sup>128</sup>. Assim, também a interpretação das línguas «não consiste na tradução de uma língua para a outra, mas em dar à voz glossolálica, uma forma compreensível e um conteúdo inteligível»<sup>129</sup>.

No último versículo desta primeira parte, Paulo faz um certo resumo dos vv. 4-10. Isto torna-se perceptível pela sua forma de iniciar a frase - «πάντα δὲ ταῦτα». Com esta frase conclusiva, pode-se ter em conta as diversas formas da ação de «Deus que realiza tudo em todos» (v. 6) no «único e o mesmo Espírito» (v. 11)<sup>130</sup>. Ao retomar os versículos anteriores, ele reforça a ideia da unidade. Mais ainda, com o «único e o mesmo Espírito» (v. 11), Paulo prepara já a questão de «um só corpo», que irá desenvolver nos seguintes versículos<sup>131</sup>.

## 6. A Comunidade como Corpo (vv. 12-31)

Se nos versículos anteriores, Paulo se dedicou a desenvolver a questão dos dons do Espírito, a partir do v. 12 até ao 31, ele já não aborda propriamente a questão pneumática, mas dedica-se ao σῶμα, mesmo que ele aborde muito a questão da unidade e da

---

<sup>123</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 267.

<sup>124</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 247.

<sup>125</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 267-268.

<sup>126</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 268.

<sup>127</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 247.

<sup>128</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 657.

<sup>129</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 659.

<sup>130</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 268.

<sup>131</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 247.

diversidade<sup>132</sup>. Assim, Paulo começa por referir a questão do corpo e dos seus membros, abordando também a questão do corpo humano, bem como da sua estruturação a partir do Espírito. Para além disso, ele dedica-se também à unidade e à diversidade. Apenas no v. 27, Paulo fala concretamente do Corpo de Cristo, referindo de seguida os cargos, ou seja, funções na ἐκκλησία<sup>133</sup>.

#### 6.1. A relação entre o corpo e os membros (vv. 12-14)

O v. 12 dá uma certa continuação ao que foi dito nos versículos anteriores, visto que Paulo usa o γὰρ para prosseguir a temática abordada. É também a partir dos vv. 8-10 que se pode apresentar a imagem do corpo e dos membros. Assim, pode-se dizer que, com Cristo, dá-se a mesma situação, neste caso, com a imagem do corpo humano. Neste versículo, Paulo refere-se concretamente ao corpo humano como tal. Andreas Lindemann defende que não estamos diante de uma metáfora. O οὕτως καὶ ὁ Χριστός corresponde a uma analogia e não uma identidade propriamente dita<sup>134</sup>.

Ao longo do NT, σῶμα aparece 91 vezes, das quais 40 estão presentes no *Corpus Paulinum*. No Evangelho, σῶμα aparece muitas vezes ligado ao cadáver e, mais concretamente, ao corpo de Jesus (cf. Mc 15,43; Mt 27,58; Lc 23,55; 24,3.23; Jo 19,31.38.40; 20,12). Surge ainda, quando se aborda a questão das doenças e das curas, como, por exemplo, com a mulher com o fluxo de sangue (cf. Mc 5,29). Um forte contributo grego está presente, quando se destaca o corpo como um todo, tendo em conta cada um dos seus membros (cf. Mt 5,29ss; 6,22ss e Tg 3,2.6)<sup>135</sup>.

«Pode-se questionar se Paulo, tal como em Fl 2,5 e Gl 3,28, também poderia ter formulado οὕτως καὶ ἐν Χριστῷ; mas aparentemente, ele coloca a centralidade no ser ἐν Πνεύματι»<sup>136</sup>. Vemos também que, ao referir Cristo, Paulo faz já uma certa alusão ao Espírito e ao batismo como se poderá verificar no v.13. Porém, isto não significa que ele esteja a falar do Corpo de Cristo. Por outro lado, a referência a Cristo no v.12 leva a relacionar os seguintes versículos com o Corpo de Cristo, mesmo que tal conceito só apareça no v. 27<sup>137</sup>. Conzelmann afirma que esta questão é bastante discutida. De facto, podemos estar perante uma simples

---

<sup>132</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 261.

<sup>133</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 270.

<sup>134</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 271.

<sup>135</sup> Cf. SCHWEIZER, Eduard – σῶμα. In KITTEL, Gerhard (begr.); FRIEDRICH, Gerhard (hrsg.) – *TWNT*. 1964, vol. 7, p. 1024-1072.

<sup>136</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 271.

<sup>137</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 271.

imagem do corpo, mas também podemos estar diante do sentido do «Corpo de Cristo» (como Igreja). Para ele, a partir do v. 12, o sentido vai mais ao encontro do Corpo de Cristo<sup>138</sup>.

No v. 13, Paulo dá uma explicação acerca do que disse anteriormente. O seu modo de iniciar a frase - καὶ γὰρ – dá-nos essa perspetiva. Com ἡμεῖς πάντες, ele volta-se para todos os presentes, quer para si próprio, quer para os destinatários da carta, quer para todos os cristãos. Portanto, pelo batismo, todos fazem parte de um só corpo. Na sua expressão εἰς ἓν σῶμα ἐβαπτίσθημεν está, de certa forma presente, a fórmula batismal – Βαπτίζειν εἰς τὸ ὄνομα. O εἰς<sup>139</sup> refere-se à meta ou à consequência do batismo, que é a incorporação no σῶμα. Tudo isto dá-se por meio do Πνεῦμα. Assim, o ἐν ἐνὶ Πνεύματι resume os vv. 3.4-11<sup>140</sup>.

Vemos que Jesus, «tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido» (Act 2,33) e derramou o Espírito sobre os seus discípulos (cf. Act 2,1-13; Jo 20,22). Com a ação do Espírito, os discípulos descobrem a presença de Deus (cf. Act 2-8). Assim sendo, recebendo o Espírito, eles recebem o próprio Deus (cf. 2Cor 4,6; Gl 4,6). «A existência cristã (cf. Rm 8,11) e a comunidade cristã (cf. 1Cor 12,13) são – na perspetiva de Paulo e de Lucas – dotadas da ação e guia do Espírito (cf. Rm 8,14; Act 8,39ss; 16,6ss). Batizados no Espírito Santo (cf. Act 1,5), os discípulos tornam-se numa testemunha de Jesus e do seu Evangelho (cf. Act 1,8; 1Ts 1,5; 1Cor 2,4)»<sup>141</sup>.

O v. 13 vai ao encontro do sentido da aceitação de que não estamos apenas perante um mero corpo, mas que fazemos parte desse corpo, a partir da sua utilização (*Gebrauch*)<sup>142</sup>. «Com Rm 12,5 (‘os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros’), tal como com 1Cor 10,17 e 12,13, Paulo não afirma apenas, que a comunidade é semelhante a um corpo, mas que a comunidade é um corpo»<sup>143</sup>.

Com isto, Eduard Schweizer defende já a questão da unidade referente à comunidade em Cristo. Assim, o apóstolo dos gentios procura formar a comunidade, tendo essa perspetiva corporal, como um todo. Portanto, os Coríntios são chamados a viver na unidade<sup>144</sup>.

Outro aspeto curioso é o facto de ele, quando afirma ἡμεῖς πάντες, fazer questão de destacar os «judeus e gregos» («εἴτε Ἰουδαῖοι εἴτε Ἑλληνας»), bem como os «escravos ou livres» («εἴτε δοῦλοι εἴτε ἐλεύθεροι»). Com isto, verifica-se que, tanto a dimensão religiosa, como a dimensão social se resumem a partir do batismo num só corpo. Portanto, não há

---

<sup>138</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 249.

<sup>139</sup> εἰς + acusativo indica um processo temporal.

<sup>140</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 271-272.

<sup>141</sup> HAINZ, Josef – Geist. In *LTK*, p. 372.

<sup>142</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 249.

<sup>143</sup> SCHWEIZER, Eduard – σῶμα. In *TWNT*, p. 1067.

<sup>144</sup> Cf. SCHWEIZER, Eduard – σῶμα. In *TWNT*, p. 1067.

«judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (Gl 3,28)<sup>145</sup>.

A questão da unidade vai para além das questões e diferenças físico-sociais, presentes na comunidade de Corinto. Trata-se, antes de mais, de reforçar a questão da homogeneidade na diversidade. «O Corpo de Cristo é preexistente em relação aos ‘membros’. A incorporação n’Ele dá-se a partir do Batismo. Este provoca a abolição escatológica das diferenças humanas. Em Cristo, estas já não estão presentes, portanto: no seu Corpo, na Igreja»<sup>146</sup>.

Como se pode verificar, no cap. 12, Paulo não refere a questão do homem e da mulher, mesmo já tendo abordado essas questões (cf. 1Cor 7,1-16; 11,2-16). Assim sendo, Paulo volta à questão da unidade, afirmando que o «corpo não é composto de um só membro, mas de muitos» (v.14). O apóstolo volta a acentuar a variedade na unidade<sup>147</sup>. Este v. 14 é claramente referido à imagem do corpo. Retoma-se novamente a questão da diversidade abordada nos vv. 4-11<sup>148</sup>. «A convocação para a unidade dentro da comunidade é influenciada pelo pensamento de que o corpo é único e um todo composto de muitos membros»<sup>149</sup>.

## 6.2. O corpo humano e o corpo segundo o Espírito (vv. 15-26)

A partir do v. 15, Paulo começa a relacionar os diferentes membros. Ele começa por falar do pé e da sua relação com a mão. Andreas Lindemann afirma que não é possível reconhecer se se trata de dar mais ou menos dignidade às partes do corpo humano. Paralelamente a este está o v. 16, onde Paulo relaciona o ouvido com o olho. Por outro lado, é necessário ter em conta que, tanto a mão como o olho, nada dizem – «Se o pé dissesse» (v. 15); «se o ouvido dissesse» (v. 16).

Porém, tanto o pé como o ouvido, não abordam as suas próprias capacidades, mas o facto de pertencerem ao corpo. Com isto, Paulo quer mostrar aos cristãos que ninguém deve pensar que está dispensado de pertencer ao σῶμα. Por outras palavras, pode-se afirmar que todo aquele que recebeu o batismo (v. 13) faz parte do σῶμα<sup>150</sup>. Por outro lado, há em Corinto pessoas fortes, que procuram estar acima dos fracos, criando um sentimento de inferioridade dos não-pneumáticos. Assim, este versículo também poderá ir fazer parte da luta de Paulo contra o individualismo<sup>151</sup>.

---

<sup>145</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 272.

<sup>146</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 249-250.

<sup>147</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 272.

<sup>148</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 250.

<sup>149</sup> SCHWEIZER, Eduard – σῶμα. In *TWNT*, p. 1067.

<sup>150</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 272-273.

<sup>151</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 250.

«Em forma de pergunta, Paulo acentua no v. 17 que é a diferenciação do σῶμα que o constitui: um corpo, que fosse exclusivamente olho, não seria capaz de escutar; um corpo que desejasse apenas escutar, não teria nenhum olfato»<sup>152</sup>. Em relação ao versículo anterior, temos aqui uma novidade. Paulo retoma a ideia do v. 14, referente ao corpo que não é composto apenas por um membro. Para reforçar esta ideia, Paulo apresenta uma nova fórmula, nomeadamente, «todo o corpo» («ὅλον τὸ σῶμα») <sup>153</sup>. Nesta situação, o conceito de ἀκοή (v. 17b) vai ao encontro da capacidade de escuta em vez de significar o ouvido em si, relacionado com ο ὄσφρησις (olfato), que no NT só surge nesta passagem<sup>154</sup>. «Paulo criticamente diz que a comunidade cristã não é uma massa indiferenciada, nem é redutível a uma associação unidimensional de estoicos ou glossolálicos»<sup>155</sup>.

No v. 18, é interrompida a exposição da imagem. Porventura, viria agora um aviso para a conveniência da estrutura e a necessidade da cooperação<sup>156</sup>. Porém, com o v. 18, Paulo aborda a questão da estrutura do corpo humano, afirmando, que Deus dispôs os membros do corpo segundo a sua vontade (cf. 1Cor 15,38). Assim, Ele constituiu-o para que, segundo a sua vontade, os membros estejam relacionados com o σῶμα cada um por si (ἐν ἑκαστον αὐτῶν), visto que o v. 17 vai ao encontro da funcionalidade de cada membro<sup>157</sup>. Também Giuseppe Barbaglio defende que neste versículo, Paulo se centra na questão teológica e não fisiológica: «o corpo é composto de muitos e diversos membros pela ação de Deus, que decidiu e o fez com absoluta liberdade. Este último motivo relembra, de certa forma, a liberdade do Espírito, que reparte por cada um dos crentes a sua riqueza carismática (cf. v.11)»<sup>158</sup>.

Ao estilo do v. 17, Paulo volta a uma pergunta retórica no v. 19. Desta forma, se tudo fosse um membro, não haveria nenhum σῶμα. «Esta constatação é evidente; o facto de ela ser formulada explicitamente por Paulo mostra que, ao lado do corpo humano, ele tem sempre presente a comunidade referida no v. 13»<sup>159</sup>. Análogo ao v. 18, o v. 20 mostra que, de facto, a unidade do corpo (ἐν δὲ σῶμα) e os muitos membros (πολλὰ μέλη) correspondem mutuamente<sup>160</sup>. Com isto, verifica-se que, no v. 19, Paulo volta à questão da diversidade, enquanto que, no v. 20, afirma novamente a questão da unidade<sup>161</sup>.

---

<sup>152</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 273.

<sup>153</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 671.

<sup>154</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 273.

<sup>155</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 671.

<sup>156</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 251.

<sup>157</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 273.

<sup>158</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 672.

<sup>159</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 273.

<sup>160</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 273.

<sup>161</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 251.

Assim sendo, o seu pensamento prossegue (v. 21), quando afirma que, nem o olho pode dizer à mão, nem a cabeça aos pés, que não tem necessidade dele. Até aqui, Paulo não tinha ainda feito referência à cabeça. Porém, com ἡ κεφαλή e πόδες, ele faz referência à parte superior e inferior do corpo humano<sup>162</sup>. Assim, com este versículo, Paulo «pretende mostrar a impossibilidade da negação da necessidade que um tem do outro»<sup>163</sup>.

Nos vv. 22-24a, Paulo vai aprofundar o pensamento iniciado no v. 21. Ele começa por referir que «quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo, tanto mais são necessários» (v.22). Se interpretarmos este aspeto com o v. 21, poder-se-ia dizer que é referente à mão e aos pés. Porém, Andreas Lindemann refere que este versículo está provavelmente relacionado com o seguinte, onde são inseridas duas categorias, nomeadamente, τιμή (honra) e εὐσχημοσύνη (decoro). Por outro lado, ele refere a importância dos que parecem menos honrosos e que recebem uma maior honra. Provavelmente, ele refere-se aos órgãos sexuais. Como ele afirma, estes devem ser tratados com mais decoro (v. 23)<sup>164</sup>.

«Que o corpo é ‘misturado’ [*zusammengemischt*] – a partir dos elementos –, é conhecida, pela forma de expressão estoica. Acima, Paulo explicava: O homem distingue-se por forte e fraco, etc, e isso é um modelo para o comportamento na comunidade. Agora ele afirma: é Deus que equilibra, de forma real: a natureza aponta para o comportamento correto (cf. 11,14)»<sup>165</sup>.

Desta forma, com a imagem do corpo, que não pode ser apenas olho, Paulo faz um aviso à questão do sentimento de inferioridade. O mesmo acontece com o pé, onde Paulo procura alertar para a questão da arrogância. Assim, todos os membros são importantes<sup>166</sup>.

Mais uma vez, é possível reconhecer que Paulo faz referência à questão comunitária a partir da imagem do corpo. Na realidade, tal como nos vv. 12 e 13, Paulo faz uma certa alusão à comunidade, mesmo que não esteja presente de forma explícita e aprofundada. Andreas Lindemann defende também que Paulo não está a falar de uma forma alegórica. Portanto, não podemos afirmar que Paulo, tanto nos vv. 12 e 13 como nesta passagem, se está a voltar concretamente para a comunidade. Se ele se estivesse a voltar para a comunidade, então ele afirmaria os diferentes partidos presentes na comunidade, criticando-os e afirmando a necessidade da unidade entre eles<sup>167</sup>.

---

<sup>162</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 273.

<sup>163</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 673.

<sup>164</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 274.

<sup>165</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 252.

<sup>166</sup> Cf. SCHWEIZER, Eduard – *σῶμα*. In *TWNT*, p. 1067.

<sup>167</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 274.

Assim, «com aquilo que para nós pertence ao mundo da cultura antropológica, para Paulo é expressão da vontade de Deus»<sup>168</sup>. Com o ἅλλὰ (v. 24b), Paulo faz ver que Deus criou o ὅμα de modo a dar mais honra ao membro mais carente. E a razão disso está já presente no v. 25, isto é, a fim de não haver divisão (σχίσμα) no corpo. Para Paulo, isto não está relacionado com as divisões no sentido dos partidos. Trata-se antes do fenómeno da divisão que Deus quis evitar quando criou o homem<sup>169</sup>. Assim, «o corpo é a colaboração dos membros»<sup>170</sup>. «O Criador inscreveu, na natureza do organismo humano, a lei da solidariedade, que rege a relação dos membros, condição indispensável para que este possa permanecer unido»<sup>171</sup>.

A solicitude (μέριμνα) referida no v. 25 é explicada no versículo seguinte. Desta forma, quer o sofrimento, quer a honra de um dos membros, dizem respeito a todos os restantes membros. Primeiramente (v. 26a), a questão do sofrimento é vista a partir de uma perspectiva da experiência. Se um dos membros sente dor, então é o homem, no seu todo, que sente tal sofrimento. A seguir (v. 26b), estamos perante uma perspectiva mais metafórica. Ἀδοξάζεται segue a alegria de todos os membros, ou seja, de toda a pessoa. O v. 26 não é propriamente visto como um apelo, mas como uma constatação, ao contrário daquilo que é afirmado em Rm 12,14ss<sup>172</sup>. «O conceito de ‘simpatia’ é estoico (ou até exclusivamente): o cosmos é um corpo grande, que está determinado pela simpatia. E o homem é parte do todo, que abrange e consolida o homem»<sup>173</sup>.

### 6.3. Os destinatários como membros do Corpo de Cristo (v. 27)

O v. 27 resume todo o pensamento anterior. Paulo volta da questão da imagem do organismo para o seu verdadeiro sentido. Ele deixa de falar dos membros para se referir ao todo, afirmando a unidade<sup>174</sup>. Ligado ao v. 12, o v. 27 aborda já os membros como Corpo de

---

<sup>168</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 675.

<sup>169</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 274.

<sup>170</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 252.

<sup>171</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 675.

<sup>172</sup> «Bendizei os que vos perseguem; bendizei, não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde; não vos julgueis sábios por vós próprios. Não pagueis a ninguém o mal com o mal; interessai-vos pelo que é bom diante de todos os homens. Tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em paz com todos os homens. Não vos vingueis por vós próprios, caríssimos; mas deixai que seja Deus a castigar, pois está escrito: É a mim que compete punir, Eu é que hei-de retribuir, diz o Senhor. (Rm 12, 14-19).

<sup>173</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 252-253.

<sup>174</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 253.

Cristo (σῶμα Χριστοῦ). Aplicando já a imagem do Corpo de Cristo, os destinatários podem ser designados por σῶμα, mas, mais ainda, podem considerar a sua pertença a Cristo.

Paulo acrescenta um aspeto curioso: «cada um, pela sua parte» («ἐκ μέρους»). Assim, a partir deste v. 27, o corpo, que é um só e tem muitos membros (v. 12-14.15-26), pode ser considerado como Corpo de Cristo, ao qual eles pertencem. Outro aspeto curioso a ter em conta é que Paulo usa ὑμεῖς δέ ἐστε (2ª pessoa do plural) para se referir à comunidade<sup>175</sup>. Com isto, Paulo não pretende afirmar «Vós sois como um corpo», mas sim «Vós sois o Corpo de Cristo»<sup>176</sup>, ou seja, trata-se de uma identidade<sup>177</sup>. Desta forma, Paulo não pressupõe que esta ideia do Corpo de Cristo esteja já presente no pensamento da comunidade. Pelo contrário, ele apresenta esta ideia como resultado do seu pensamento feito até aqui<sup>178</sup>.

A questão do «Corpo de Cristo» (1Cor 12,27) e do «Corpo em Cristo» é uma característica paulina. Ele descreve este Corpo como composto a partir de uma comunidade carismática (cf. 1Cor 12,14-26; Rm 12,3-8). A questão do corpo está também presente anteriormente: «há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1Cor 10,16)<sup>179</sup>.

Paulo dá ainda grande importância aos dons do Espírito, que ajudam os membros na sua constituição de ser Igreja. Assim, com o Batismo e a fé, eles são reunidos pelo Espírito como membros de um só Corpo, o Corpo de Cristo (v.27). Com isto, a sua unidade deve ser reconhecida e vivida como tal. Esta metáfora do Corpo de Cristo encontra-se mais explicitamente nas cartas aos Colossenses (cf. Cl 1,24) e aos Efésios (cf. Ef 1,22ss)<sup>180</sup>. Assim, os cristãos passam a ser propriedade de Deus. Eles são chamados a percorrer juntamente o caminho, cumprindo os seus mandamentos e louvando-O<sup>181</sup>.

Com isto, não é só destacada a questão da Igreja como Corpo de Cristo, mas deve ser fundamental a ligação de cada um a Cristo. Assim, o Povo de Deus são os cristãos como os «santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos» (1Cor 1,2), como «escolhidos por Deus» em virtude da «entrega do seu Filho» (Rm 8,32ss)<sup>182</sup>. «Com a definição de Corpo de Cristo, Paulo tinha em vista a comunidade cristã local, e não a Igreja universal. O v. 27, não haja

---

<sup>175</sup> Tal situação já tinha acontecido também anteriormente, nomeadamente, no v. 1 - «ὁμᾶς».

<sup>176</sup> Em 1Cor 3,29, Paulo dirige-se para os coríntios, afirmando: «vós sois de Cristo». Porém, quando escreve aos gálatas, ele diz apenas «se sois de Cristo» (Gl 3,29).

<sup>177</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 676.

<sup>178</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 275.

<sup>179</sup> Cf. SÖDING, Thomas – Leib Christi. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1997, vol. 6, p. 769-770.

<sup>180</sup> Cf. KERTELGE, Karl – Kirche. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1996, vol. 5, p. 1456.

<sup>181</sup> Cf. DAUTZENBERG, Gerhard – Leib. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1997, vol. 6, p. 766.

<sup>182</sup> Cf. KERTELGE, Karl – Kirche. In *LTK*, p. 1456.

dúvidas, tem como sujeito o 'vós' dos coríntios. Porém, no v. 13, o sujeito é mais extenso: 'nós todos' os batizados»<sup>183</sup>.

Ao longo do NT é possível encontrar inúmeras metáforas semelhantes a esta. Desta forma, é possível falar na questão da construção da Igreja – «sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja» (Mt 16,18). Também Paulo aborda a questão da construção (cf. 1Cor 3,9-16), sendo que «ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo» (v.11). Ainda no mesmo capítulo, ele fala em «cooperadores de Deus» (v. 9a), bem como do Templo de Deus (vv. 16ss). A carta aos Efésios fala ainda de «membros da casa de Deus» (Ef 2,19) e de «habitação de Deus, pelo Espírito» (Ef 2,22). Desta forma, pode-se verificar que, com este v. 27, Paulo abre a temática da construção da comunidade<sup>184</sup>, que irá desenvolver de seguida<sup>185</sup>.

#### 6.4. Os «cargos» estabelecidos por Deus (vv. 28-30)

O v. 28 encerra o versículo anterior. Porém, a partir daqui, Paulo retoma a questão da diferenciação, mas também refere a colaboração, pois cada um pode colaborar a partir da função que lhe é própria<sup>186</sup>. Portanto, «àqueles que são membros ἐκ μέρους do σώμα (Χριστοῦ), Deus dotou-os de diferentes cargos»<sup>187</sup>. O conceito de ἐκκλησία, que Paulo retoma (cf. 1Cor 11,22), mostra claramente que ele está voltado para uma comunidade concreta ao contrário do que acontece em Ef 4,11ss<sup>188</sup>.

A palavra ἐκκλησία aparece 114 vezes ao longo do NT. O seu significado visa a Igreja no seu todo, mas também é entendida como igreja local. Vemos que, ἐκκλησία como igreja local, também é usada por Paulo – «τῆ ἐκκλησίᾳ τοῦ Θεοῦ τῆ οὔσῃ ἐν Κορίνθῳ» (1Cor 1,2). Paulo usa o mesmo conceito para se referir à comunidade doméstica (*Hausgemeinschaft* - cf. Flm 1,2). Já em 1Cor 11, Paulo fala de ἐκκλησία no sentido de assembleia reunida para a Eucaristia.

A «ἐκκλησία τοῦ Θεοῦ» corresponde ao significado hebraico de Povo de Javé (יהוה יהלך - *q<sup>e</sup>hal JHWH*). Desta forma, a Igreja é vista como «comunidade de Deus», como assembleia

---

<sup>183</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 680.

<sup>184</sup> Seguindo ainda o pensamento da construção do Corpo de Cristo, é importante ter em conta aquilo que Pedro procura transmitir: «também vós - como pedras vivas - entras na construção de um edifício espiritual» (1Pe 2,5). Outras metáforas são, por exemplo, o Pastor e as ovelhas (cf. Jo 10), a videira e os ramos (cf. Jo 15), a Igreja como «Esposa de Cristo» (Ap 19,7.9; 22,17) e a Igreja celeste como a «Nova Jerusalém» (Ap 21,2.9).

<sup>185</sup> Cf. KERTELGE, Karl – Kirche. In *LTK*, p. 1457-1458.

<sup>186</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 253.

<sup>187</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 275.

<sup>188</sup> «E foi Ele que a alguns constituiu como Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres, 12em ordem a preparar os santos para uma actividade de serviço, para a construção do Corpo de Cristo, 13até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo» (Ef 4,11-13).

convocada por Deus (cf. Heb 2,12; Sl 22,23). Assim, este povo de Deus não é só a prolongação da Antiga Aliança, mas é o povo de Deus (cf. Rm 9,25ss), que contém já uma dimensão escatológica da vinda gloriosa de Cristo. A Igreja cresce com todo o movimento missionário primitivo, com a proclamação do Evangelho aos judeus, bem como aos gentios, tal como Paulo tantas vezes afirma. Portanto, a Igreja é a comunidade escatológica, composta por todos os povos chamados e convocados para fazer parte do Povo de Deus<sup>189</sup>.

«A ἐκκλησίᾳ é ‘Corpo de Cristo’ como comunidade crente, que é construída pelo domínio da salvação do Ressuscitado, a fim de que os crentes possam participar nela, a partir do Batismo e da Eucaristia (cf. 1Cor 12,13)»<sup>190</sup>.

O v. 28 faz uma contagem de três diferentes grupos de pessoas: apóstolos (ἀποστόλους), profetas (προφήτας) e mestres (διδασκάλους). Também Act 13,1 faz referência aos profetas e doutores na igreja em Antioquia. Dessa passagem destaca-se a decisão do Espírito Santo, que separa Barnabé e Saulo dos restantes para uma nova missão (cf. Act 13,2). O autor dos Atos dos Apóstolos designa Paulo e Barnabé de apóstolos (cf. Act 14,4.14).

Na *Didaché* também é possível verificar estes diferentes grupos destacados por Paulo e pelos Atos dos Apóstolos. Esta faz a primeira referência aos profetas (cf. Did 10,7). Assim, o profeta «serve para promover a justiça e o conhecimento do Senhor» (Did 11,2). De seguida, o autor faz referência aos apóstolos (cf. Did 11,3). Assim, «todo o profeta que ensina a verdade, se não praticar aquilo que ensina, é um falso profeta» (Did 11,10). Para além destes, esta obra também faz uma referência ao mestre e à questão do sustento dos profetas e doutores (cf. Did 13,2).

Dos três diferentes grupos abordados, Paulo começa pelos apóstolos (cf. 1Cor 4,9; 9,5; 15,7)<sup>191</sup>. Sabemos que Jesus escolheu doze para estarem mais próximos d’Ele. «O número 12 mostra que o seu envio está relacionado com as doze tribos de Israel, que Jesus pretende considerar na união com Deus e a sua vontade. A comunidade dos discípulos, que ele [Jesus] junta à sua volta, passa a ser imagem escatológica do Povo de Deus, que se realiza na missão e na promessa do Ressuscitado (cf. Mt 28,18ss; Lc 24,46-49; Act 1,8), a partir da forma universal da ἐκκλησίᾳ, constituída por judeus e pagãos»<sup>192</sup>. Porém, para Lindemann não se trata propriamente de um grupo fechado. Provavelmente, tal como aconteceu em Antioquia, também em Corinto podiam ter sido enviados alguns apóstolos da comunidade (*Gemeindeapostel*) (cf. Rm 16,7)<sup>193</sup>.

---

<sup>189</sup> Cf. KERTELGE, Karl – Kirche. In *LTK*, p. 1453-1454.

<sup>190</sup> SÖDING, Thomas – Leib Christi. In *LTK*, p. 770.

<sup>191</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 277.

<sup>192</sup> KERTELGE, Karl – Kirche. In *LTK*, p. 1455.

<sup>193</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 277.

Ao longo das suas cartas, Paulo refere muitas vezes a apostolicidade como graça recebida, pois «por Ele recebemos a graça de sermos Apóstolos, a fim de, em honra do seu nome, levarmos à obediência da fé todos os gentios» (Rm 1,5 – cf. 1Cor 3,10; Gl 2,9; Rm 15,15-15). Para além disso, o apóstolo dos gentios também afirma que se trata de um serviço (cf. Rm 11,13; 2Cor 3,7ss; 4,1; 5,18; 6,3; 11,8)<sup>194</sup>.

De seguida, Paulo destaca os profetas. Os profetas (προφήται – cf. 1Cor 14,29.32.37) são dotados dos dons do Espírito, competindo-lhes a profecia (cf. 1Cor 11,4ss; Rm 12,6). Porém, na passagem Rm 12,6, Paulo usa o conceito de χαρίσματα para se referir à profecia. Com isto, são várias as referências feitas aos profetas cristãos (cf. Ef 2,20;3,5; 4,11; Act 15,32; 21,10; Ap 18,20)<sup>195</sup>. Destaca-se também as referências feitas aos profetas, juntamente com os apóstolos (cf. Ef 2,20;3,5; 4,11; Did 11,3)<sup>196</sup>. Trata-se, portanto, «dos profetas que têm de caracterizar-se pela continuidade com que profetizavam, o que espelha a denominação pessoal. O carisma profético pode receber muitos outros benefícios, mesmo que seja esporádico»<sup>197</sup>.

Em terceiro lugar, Paulo destaca os mestres. O conceito διδάσκαλος aparece nesta passagem e em Rm 2,20. Surge ainda duas vezes nas cartas pastorais, para se referir ao próprio Paulo como mestre (cf. 1Tm 2,7; 2Tm 1,11). Andreas Lindemann defende que é pouco provável que os cargos referentes pertençam àqueles grupos que não fazem parte de uma só comunidade. Ele afirma ainda que, por detrás da numeração πρῶτον, δεύτερον e τρίτον, está provavelmente uma valorização dos cargos.

Assim, por detrás dos três diferentes grupos de pessoas, são destacadas ainda cinco qualidades<sup>198</sup>. Três dos carismas abordados no v.28 já surgiram anteriormente, nomeadamente o dom dos milagres, o das curas e o das diversas línguas. Agora, Paulo fala de mais dois, isto é, do governo e da assistência. Giuseppe Barbaglio designa os primeiros três de «dons da palavra» e os outros dois como «dons operativos»<sup>199</sup>.

Em Paulo, χάρις é o conceito central, que melhor expressa a compreensão do poder das curas. Porém, ao longo do *Corpus Paulinum*, este conceito nem sempre surge para se referir a esta questão. Vemos, por exemplo, como χάρις surge com o significado de dar graças

---

<sup>194</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 683.

<sup>195</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 277.

<sup>196</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 253.

<sup>197</sup> BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 683.

<sup>198</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 277.

<sup>199</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 684-685.

– χάρις δὲ τοῦ Θεοῦ (cf. Rm 6,17; 1Cor 15,57; 2Cor 8,16). O mesmo acontece na saudação e na despedida das suas cartas (cf. Rm 1,7; 1Ts 5,28)<sup>200</sup>.

Para além disso, Paulo fala na χάρις quando aborda a sua apostolicidade (cf. Rm 1,5), mas também a graça (χάρις) que ele recebeu (cf. Rm 1,5) e a que lhe foi dada (cf. Rm 12,3; 15,15; 1Cor 3,10). Também a sua visita às comunidades é visto como χάρις (cf. 2Cor 1,15)<sup>201</sup>.

As três qualidades seguintes estão unidas às primeiras duas. As obras de assistência (ἀντιλήψεις), referidas por Paulo, consistem em todo o tipo de ajuda prestada à comunidade. Tal auxílio não diz respeito apenas à questão social. Este substantivo só aparece nesta passagem ao longo do NT<sup>202</sup>. Uma expressão semelhante é possível verificar no discurso de Paulo em Mileto (cf. Act 20,35).

De seguida, Paulo fala em governo (κυβερνήσεις). Também este conceito só é utilizado nesta passagem ao longo do NT<sup>203</sup>. O conceito de κυβερνήσεις associa-se ao sentido de pilotar um navio, visto como exemplo de quem comanda um estado ou uma comunidade. Porém, neste caso, Andreas Lindemann defende que Paulo não se refere propriamente à questão de governar a comunidade, pois tal comunidade ainda nem sequer foi institucionalizada. Ele refere-se mais concretamente aos processos de tomada de decisões (*Entscheidungsprozessen*), aos quais, à partida, todos os membros da comunidade estão envolvidos.

Por outro lado, é também pouco provável que o apóstolo dos gentios se refira à organização da Eucaristia. A diversidade de línguas (γέννη γλωσσῶν) já foi também referida anteriormente por Paulo (v. 10)<sup>204</sup>. No entanto, «nesta contagem faltam as prestações de serviços técnicos (*technische Dienstleistungen*), que Paulo colocou no grau de χαρίσματα (cf. vv. 4-6)»<sup>205</sup>.

O v. 29 é constituído por quatro perguntas retóricas. No entanto, as perguntas são feitas de tal forma que já está pressuposta uma resposta negativa. O mesmo acontece com as perguntas feitas no v. 30, onde a resposta permanece igualmente negativa. Todavia, vemos que Paulo não faz referência às obras de assistência (ἀντιλήψεις), nem ao governo (κυβερνήσεις). Isto leva a entender que tais comportamentos já estavam presentes nos membros da comunidade de Corinto.

---

<sup>200</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – χάρισμα. In KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (hrsg.) – *TWNT*. 1970, vol. 9, p. 383-384.

<sup>201</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – χάρισμα. In *TWNT*, p. 386.

<sup>202</sup> Surge várias vezes na versão dos LXX. – LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 277.

<sup>203</sup> O conceito κυβερνήσεις como tal só aparece nesta passagem. Porém, há que ter em conta que há mais duas passagens no NT onde é utilizado o conceito κυβερνήτης, que possui a mesma raiz (cf. Act 27,11 e Ap 18,17) – Cf. MOULTON, W. F. – *Concordance to the Greek New Testament*. 6ª ed. London: T & T Clark, 2002, p. 601.

<sup>204</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 277-278.

<sup>205</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 254.

Porém, a questão das diversas línguas (γένη γλωσσῶν) leva à questão da interpretação. Esta situação afasta-se do v. 28, mas aproxima-se do v. 10 (cf. 1Cor 14,5)<sup>206</sup>. Conzelmann afirma que, a seguir ao v. 30, ficaria bem 1Cor 14,1b, nomeadamente, a questão da profecia. «Paulo responde afirmativamente ao χάρισμα, mas apresenta uma nova hierarquia, a partir do ponto de vista da οἰκοδομή, colocando a profecia acima da diversidade das línguas» (cf. 1Cor 14)<sup>207</sup>.

#### 6.5. O desafio aos melhores dons (v. 31a)

O v. 31 traz algumas dificuldades. De facto, no v. 31a, poderemos estar diante de uma constatação irónica ou crítica por parte de Paulo, a que a comunidade aspire aos melhores dons. Por outro lado, Paulo poderá estar a desafiar os destinatários a tais comportamentos. Por fim, destaca-se a questão de exegese, que levaria a olhar para o v. 31b como uma introdução para o capítulo que se segue. Para além disso, há uma íntima relação entre o v. 31a e 14,1, a partir do conceito de ζηλοῦτε.

«A partir da perspectiva paulina, tendo em conta a compreensão de χάρισμα, destaca-se de forma mais próxima a primeira interpretação, visto que Paulo não está a contar com uma gradação de graus (*Rangabstufung*) do χάρισμα»<sup>208</sup>. Em contrapartida, vemos também que a ζηλοῦτε em 14,1, se refere aos dons do Espírito (πνευματικά) e não ao χάρισμα. Para Conzelmann, Paulo não estava propriamente preocupado com a questão dos dons, mas ele mostrava preocupação pela compreensão da comunidade de Corinto. Daí, falar agora nos melhores dons<sup>209</sup>.

#### 6.6. A indicação para o caminho a fim de alcançar os melhores dons (v. 31b)

Tendo em conta a primeira parte do v.31, podemos afirmar que o v. 31b está interligado à parte antecedente. O Καὶ ἔτι serve para acentuar o que vai ser abordado a seguir. A expressão típica de Paulo – καθ' ὑπερβολὴν – traz, no geral, o elemento que ultrapassa tal expressão. Assim, essa expressão é atribuída ao ὁδὸν e não ao δείκνυμι. Porém, o ὁδός aqui presente não se refere ao caminho como meta a atingir. É antes visto como prática vital e de fé (*Lebens- und Glaubenspraxis*) (cf. 1Cor 4,17).

---

<sup>206</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 278.

<sup>207</sup> CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 254.

<sup>208</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 278.

<sup>209</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 254.

O que Paulo pretende afirmar com isto está presente no cap. 13, onde o ὁδός não é visto como a procura de uma maior χάρισματα, mas é a forma do ἀγάπη. Portanto, podemos afirmar, que o v. 31b é a inscrição ou título de 1Cor 13<sup>210</sup>. Com isto, Paulo não procura indicar um caminho em direção ao πνευματικά, nem um caminho para o amor. Ele pretende mostrar que o amor é o caminho indicado (cf. 1Cor 13)<sup>211</sup>.

«A argumentação presente em 12,12-31 para a compreensão da comunidade como um corpo constituído por vários membros, tem o seu lugar entre 12,1-11 e o cap. 13. Por um lado, é o πνεῦμα que concede a diversidade de χάρισματα; por outro lado, é o ἀγάπη a medida determinante para a vivência comum»<sup>212</sup>. Portanto, os vários membros fazem parte de um único σῶμα. Um aspeto curioso é que Paulo tanto fala da unidade como da diversidade, sem colocar mais importância numa ou noutra<sup>213</sup>.

«Assim, em 1Cor 12, Paulo está voltado para uma práxis eclesial diferente em Corinto. Ele justifica a necessidade de que a variedade dos dons do Espírito (12,4-11) entre em ação (12, 14-18) e que os muitos carismáticos, em recíproco interesse e reconhecimento, cooperem (12, 19-26), de forma a utilizar os dons que lhes foram dados exclusivamente, com o propósito de beneficiar os outros (12,7), isto é, para a construção da *Ekklesia*»<sup>214</sup>.

## 6.7. Síntese do Capítulo II

O cap. 12 pode ser dividido em duas grandes partes (vv.1-11 e vv. 12-31). Na primeira parte temos uma visão mais pneumatológica, onde Paulo destaca os dons do Espírito Santo e a riqueza da sua força e da sua diversidade, resumindo tudo no v.11. Tratam-se de dons que vêm de uma única fonte, possuindo uma grande riqueza repartida pelos crentes. Portanto, é o Espírito de Deus que torna o homem capaz de um determinado dom ou carisma. Tais dons já estão presentes ao longo do AT. Assim, o Espírito de Deus também está e atua no homem ao longo da História.

Com isto, é importante olhar para a comunidade como um povo que se reúne para louvar a Deus. Este Povo de Deus, chamado a viver segundo o Espírito, reconhece que Jesus é o Senhor (cf. 1Cor 12,2). De facto, quem vive segundo o Espírito não pode amaldiçoar Jesus, pois o Espírito nunca se voltava contra Jesus. Logo, o Espírito age para edificação e santificação de todo o Povo de Deus.

---

<sup>210</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 279.

<sup>211</sup> Cf. CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*, p. 255.

<sup>212</sup> LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 279.

<sup>213</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 279.

<sup>214</sup> SÖDING, Thomas – *Leib Christi*. In *LTK*, p. 770.

Paulo destaca a dimensão da diversidade dos dons do Espírito, tendo em conta a unidade da comunidade. O carisma é o efeito, isto é, a concretização da ação divina da graça. Tudo isto está também ligado à dimensão do serviço. Todos são chamados a servir a comunidade, a fim de zelar pela unidade. Nos vv. 4-6, podemos realçar a dimensão trinitária, onde Paulo apresenta para cada pessoa trinitária uma característica: diversos modos de agir (Pai), diversidade de serviços (Filho) e diversidade de dons (Espírito). No v. 7, Paulo reforça a dimensão unitária, pois os dons dados a cada um devem ser usados para edificação do todo, para proveito de todos.

Assim sendo, os dons recebidos pelos habitantes de Corinto servem para edificação eclesial, mas também para edificação social. Ao longo destes versículos, Paulo apresenta uma listagem de dons que mostram essa diversidade. O Espírito age a partir dos crentes, tornando-os capazes para as suas tarefas quotidianas. Então, «Deus realiza tudo em todos» (1Cor 12,6) a partir de um «único e mesmo Espírito» (1Cor 12,11), que concede os dons da palavra de sabedoria, da palavra de ciência, do dom das curas, do poder de fazer milagres, da profecia, do discernimento dos espíritos, da variedade e da interpretação das línguas (cf. 1Cor 12,8-10).

A partir dos vv. 12-31, Paulo volta-se para a temática do corpo. Também nestes versículos se encontram a diversidade e a unidade, vistos a partir da perspetiva do corpo e dos seus membros. Paulo começa por referir o corpo humano. Portanto, o corpo é um só, que possui diversos membros. No v. 13, ele faz referência ao batismo, que nos leva à incorporação no Corpo de Cristo, embora esta expressão só apareça no v. 27. Paulo salienta ainda todos os que bebem do mesmo Espírito (cf. 1Cor 12,13). Ao receber o Espírito, o homem recebe o próprio Deus.

Com a metáfora do corpo, Paulo não procura desenvolver uma teoria antropológica ou mesmo a relação do homem e da mulher, como já o fez anteriormente (cf. 1Cor 5-7). Trata-se de uma perspetiva eclesiológica, onde ele procura acentuar a diversidade na unidade, isto é, a edificação nos seus diversos modos para um objetivo comum, para a edificação do corpo eclesial. Ao falar sobre alguns membros (pé, mão, ouvido, olho e cabeça), ele afirma que todos são necessários e todos possuem a mesma dignidade. Ele refere até que «quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo, tanto mais são necessários» (1Cor 12,22).

No v. 27, ele fala já no Corpo no seu todo voltando à temática inicial onde aborda a colaboração de cada membro segundo o que lhe é próprio, ou seja, segundo o carisma que lhe foi concedido. Ele aborda ainda os diferentes cargos que os membros podem vir a ocupar na comunidade. A Igreja é esta comunidade de Deus, onde cada um é chamado a participar e a evangelizar. Assim, Paulo faz a distinção entre os três grupos (apóstolos, profetas e mestres) e enumera mais dois dons, nomeadamente, o governo e a assistência.

Ele termina com algumas questões, a fim de mostrar que nem todos podem ser apóstolos, nem todos podem ser profetas ou mestres. Ele preocupa-se em mostrar o caminho indicado para que cada um possa discernir a que se sente chamado para servir o Corpo de Cristo. Ele fá-lo ao longo do cap. 13, afirmando que amar é o caminho indicado, sendo o amor a maior de todas as coisas (cf. 1Cor 13,13).



### CAPÍTULO III – O CONTRIBUTO DE 1COR 12 NA CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LG

Neste terceiro capítulo deteremos a nossa atenção sobre o impacto que 1Cor 12 teve na constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*. Para tal, procuramos analisar a presença de referências do cap. 12 ao longo do texto. As dez citações estão presentes nos números 4 (O Espírito santificador e vivificador da Igreja), 7 (A Igreja, Corpo místico de Cristo), 12 (O sentido da fé e dos carismas no povo cristão), 32 (Unidade na diversidade) e 49 (União da Igreja celeste com a Igreja peregrina) do documento conciliar<sup>215</sup>.

Olhando para as temáticas de cada um dos números referidos, vemos que são temáticas bastante complexas. Elas enquadram-se na perspetiva da eclesiologia conciliar, centrada na temática da comunhão como categoria orientadora da reflexão da LG sobre a Igreja. Outro dos grandes aspetos marcantes, a partir de 1Cor 12, é a Igreja como Corpo místico de Cristo. Este documento realça a dimensão corporal nos diversos aspetos. Logo a partir do Batismo, todos os fiéis são chamados à edificação da Igreja, a partir dos diferentes carismas e da diversidade de dons que o Espírito Santo faculta.

#### 7. O Espírito santificador e vivificador da Igreja (LG 4)

«Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cf. Jo 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. Ef 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4,14; 7, 38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cf. Rm 8, 10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cf. Gl 4,6; Rm 8, 15-16. 26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cf. Jo 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cf. Ef 4, 11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: “Vem” (cf. Ap 22,17)! Assim a Igreja toda aparece como “um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”» (LG 4).

Neste excerto, vemos que «o ponto de partida na consideração da Igreja não é a sua dimensão institucional, jurídica, hierárquica, mas a perceção como “mistério” numa linha histórico-salvífica, como comunidade chamada a viver e a testemunhar existencialmente os

---

<sup>215</sup> Em LG 4 e 49, 1Cor 12 está apenas como confrontação; em LG 7, 12 e 32 trata-se de uma citação.

valores de vida que o agir salvífico de Deus na história humana, culminado no acontecimento de Jesus Cristo, indicou e propõe»<sup>216</sup>.

Portanto, a Igreja nasce a partir do mistério de comunhão entre Deus e a humanidade. Trata-se de uma verdadeira relação de um Pai com os seus filhos, a partir do Seu Filho, Jesus Cristo, e o Espírito Santo<sup>217</sup>. Com isto, «a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano (...). E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo» (LG 1).

Podem-se distinguir três dimensões da economia divina, nomeadamente, a soteriológica (referente à missão salvífica de Jesus), a protológica (referente à relação de Cristo com a criação do Pai) e a escatológica (referente à história da salvação em ordem à plenitude final). Com isto, Henrique Galvão afirma que «na vida da Igreja, as três dimensões da Economia Trinitária eclesial permite-nos reconhecer o sentido último do que o concílio ecuménico Vaticano II chamou, ainda que de maneira analógica, os três estados (*status*) eclesiais: o dos ministros ordenados (clero), o dos religiosos, e o dos leigos»<sup>218</sup>. A partir destes estados são constituídos os carismas, onde se encontra o serviço e a missão de Jesus Cristo, já confiada aos Doze<sup>219</sup>.

Assim, «a Igreja é simultânea e inseparavelmente mistério e missão: Ela é e configura comunitária e historicamente o mistério da comunhão de Deus com os homens, incarnado num povo e de dimensão universal. E é deste mistério íntimo e profundo que lhe vem a missão de penetrar o homem e o mundo como um fermento evangélico que os conduza à plenitude da vida escatológica em Deus e com Deus»<sup>220</sup>. Portanto, a Igreja tem o seu fundamento na comunhão da Trindade, que se comunica aos homens. Tal comunicação é feita pelo Pai, que envia o seu Filho e o Espírito de forma gratuita. Dessa forma, na base da Igreja está a Trindade. Ela está presente na origem e é, ao mesmo tempo, modelo e finalidade<sup>221</sup>.

---

<sup>216</sup> PINHO, José Eduardo Borges de – Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois). *Theologica*. Braga. 48: 2 (2013) 267.

<sup>217</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão, p. 322.

<sup>218</sup> GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja: Significado Teológico dos Estados Eclesiais. *Didaskalia*. Lisboa. 25: 1-2 (1995) 506.

<sup>219</sup> Cf. GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 506.

<sup>220</sup> MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II). *Humanística e Teologia*. Porto. 2: 2 (1981) 126.

<sup>221</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação. *Humanística e Teologia*. Porto. 1:3 (1980) 238.

«Por isso, Cristo, a fim de cumprir a vontade do Pai, deu começo na terra ao Reino dos Céus e revelou-nos o seu mistério, realizando, com a própria obediência, a redenção. A Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus. Tal começo e crescimento exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo 19,34), e preanunciam-nos as palavras do Senhor acerca da Sua morte na cruz: “Quando Eu for elevado acima da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32)» (LG 3).

### 7.1. A missão de Jesus Cristo e o mistério da Trindade

A ressurreição de Jesus Cristo marca o início do fim dos tempos. Ele «ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos» (1Cor 15,20-21). Com isto, pode-se dizer que os destinos de Cristo e dos homens se tornam inseparáveis, «a fim de que Deus seja tudo em todos» (1Cor 15,28). De facto, «se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé» (1Cor 15,14).

Assim, Jesus, ressuscitado pelo Pai para nossa salvação, é já para a humanidade «primícias dos que morreram» (1Cor 15,20), «um espírito que vivifica» (1Cor 15,45), «o primogénito de entre os mortos» (Cl 1,18), «tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna» (Heb 5,9)<sup>222</sup>. Podemos olhar para a revelação como a autocomunicação do amor de Deus Trindade presente no mundo. Trata-se de Deus, que é Amor, e se torna presente na história da humanidade<sup>223</sup>.

«Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15,14.15) e convive com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta “economia” da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação» (DV 2).

Uma questão fundamental da eclesiologia do Concílio Vaticano II é o facto de a Igreja não permanecer fechada em si mesma, nem viver apenas para si. Com isto, a Igreja está chamada a peregrinar, a ir por todo o mundo anunciando o Reino de Deus (cf. Mt 28,7.10.19;

<sup>222</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristologia*. 3ªed. Madrid: BAC, 2012, p. 553-554.

<sup>223</sup> PINHO, José Eduardo Borges de – *Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois)*, p. 267.

Mc 16,7.15). Portanto, ela está inserida no mundo, faz parte da humanidade, distinguindo-se na relação com Cristo. Porém, ela está chamada a caminhar com toda a humanidade. É com essa humanidade que a Igreja faz a sua história<sup>224</sup>.

«Na Igreja revela-se o mistério da ação do Deus Trinitário na criação, salvação e consumação do homem e do mundo. Nada é estranho à Igreja, como nada é estranho à obra do Verbo incarnado em Jesus Cristo. Ele já está presente, ‘no princípio’, na criação pelo Pai de todo o universo (Jo 1,1-3; Cl 1,16)»<sup>225</sup>. Com isto, a Igreja é vista como mistério de comunhão no Espírito. É o Espírito que leva à união entre o homem e Cristo a partir da fé, esperança e amor<sup>226</sup>. Então, «a cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum» (1Cor 12,7).

Assim, para salvação da humanidade, Deus envia o seu Filho. Este, depois de voltar para o Pai, envia o Espírito de santificação à sua Igreja (Jo 17; cf. Ef 4,7-12; Cl 1,12), dotando os homens de carismas (1Cor 12, 4-7.11.28; Ef 4,11ss). Com isto, pode-se dizer que a Igreja tem o seu fundamento na ação salvífica de Jesus Cristo<sup>227</sup>.

O Espírito foi enviado «como princípio de congregação e unidade, que realiza a Igreja como comunhão no Pai e no Filho e como comunidade de irmãos»<sup>228</sup>. Em 1Cor 2,6-16, Paulo coloca no centro o Espírito de Deus na vida do homem, afirmando: «Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para podermos conhecer os dons da graça de Deus» (v. 12). Logo, «o Espírito inspira, falando de realidades espirituais em termos espirituais» (v.13)<sup>229</sup>.

Em suma, «o Espírito atualiza e universaliza a salvação ao realizar a missão de (...) dotar o corpo eclesial de Cristo com os próprios dons do Messias e do povo messiânico (Is 61,1-3), tornando possível realizar as suas funções complexas mediante os carismas, diversos entre si, mas outorgados pelo mesmo Espírito aos homens que devem anunciar o evangelho e implementar a Igreja em situações e culturas diferentes (1Cor 12-14)»<sup>230</sup>. Por outro lado, pode-se afirmar que «o homem chega até Deus motivado e conduzido pelo impulso do Espírito Santo, sem cuja ajuda ninguém pode pronunciar o nome do Senhor» (cf. 1Cor 12,3)<sup>231</sup>.

---

<sup>224</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 125.

<sup>225</sup> GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 507.

<sup>226</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 136.

<sup>227</sup> Cf. GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 507.

<sup>228</sup> MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 252.

<sup>229</sup> Cf. BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi*, p. 62.

<sup>230</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristología*, p. 553-554.

<sup>231</sup> ARNAU, Ramón – *Tratado general de los Sacramentos*. Madrid: BAC, 1994, p. 209.

## 7.2. A dimensão sacramental

«Contemplada de fora, a Igreja aparece apenas como um grupo humano com finalidades religiosas e com maior ou menor incidência cultural, social ou política. Mas por este caminho não se chega à sua verdade, ao seu segredo, à sua profundidade, ao seu mistério»<sup>232</sup>. A missão da economia trinitária permanece na Igreja de forma sacramental. Com isto, a partir do batismo e da confirmação, todos recebem essa missão de Jesus, que a confiou aos Doze e que a colocaram em prática (Mc 16,15-16; Mt 28,18-20; Lc 24,46-48; Act 1,8; Jo 20,21-23)<sup>233</sup>.

Assim, a Igreja é sacramento de Cristo e do Espírito Santo. A Igreja é sinal do amor de Deus no meio dos filhos de Deus. Tal ação salvífica está presente de forma universal<sup>234</sup>. A partir da LG, vemos que a Igreja é fundamentada a partir da centralidade cristológica e pneumatológica. Este mistério é visto a partir de várias imagens bíblicas: redil (cf. Jo 10,1-10), campo (cf. 1Cor 3,9), vinha (cf. Mt 21, 33-43; Is 5,1ss), casa de Deus (cf. 1Tm 3,15), templo santo, Esposa de Cristo (cf. Ap 19,7; 21,2.9; 22,17)<sup>235</sup>, corpo (1Cor 12,27), povo (cf. LG 4), Jerusalém do alto (cf. Gl 4,26) e nossa mãe (cf. LG 6). Acima de tudo, é necessário ter presente a imagem de que foi «do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja» (SC 5).

Portanto, com a ação salvífica de Jesus Cristo, é possível falar de uma nova criação (cf. Gl 6,15). Contudo, «enquanto mistério, a Igreja significa essa tensão económica da ação trinitária de Deus. É na Igreja como Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito (LG 17), que cada fiel participa na própria missão de Jesus Cristo, ao participar na dimensão protológica, soteriológica e escatológica da ação trinitária de Deus»<sup>236</sup>. Para além desta ação, podemos destacar ainda a Eucaristia, que é expressão visível dessa comunhão e participação dos fiéis no Corpo de Cristo (cf. SacrC 8).

Assim, na Igreja e por meio de Jesus Cristo, Deus instituiu este sacramento, este mistério que significa e realiza a unidade da Igreja. Para tal, chamou também os discípulos, confiando-lhes uma missão, um novo mandamento, prometendo o Espírito Santo (cf. UR 2). Com isto, Deus enriquece a Igreja, «em ordem a preparar os santos para uma atividade de serviço, para a construção do Corpo de Cristo» (Ef. 4,12)<sup>237</sup>. «Na Eucaristia, Cristo, presente no pão e no vinho, e entregando-Se sempre novamente, edifica a Igreja como seu corpo e, por meio do seu

<sup>232</sup> MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão, p. 319.

<sup>233</sup> Cf. GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 508.

<sup>234</sup> PINHO, José Eduardo Borges de – Trinta anos de reflexão eclesiológica: Caminhos, questões e tarefas na recepção do Concílio. *Humanística e Teologia*. Porto. 31:2 (2010) 60.

<sup>235</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 126.

<sup>236</sup> GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 508.

<sup>237</sup> Cf. RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé: A Igreja como «Comunhão»*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2005, p. 129.

corpo de ressurreição, une-nos ao Deus uno e trino, e entre nós. A Eucaristia celebra-se nos diversos lugares e, contudo, é, ao mesmo tempo, sempre universal, porque existe um só Cristo e um só corpo de Cristo»<sup>238</sup>.

## **8. A Igreja, Corpo místico de Cristo (LG 7)**

O filho de Deus, vencendo, na natureza humana a Si unida, a morte, com a Sua morte e ressurreição, remiu o homem e transformou-o em nova criatura (cf. Gl 6,15; 2Cor 5,17). Pois, comunicando o Seu Espírito, fez misteriosamente de todos os Seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o Seu Corpo. É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que crêem, unidos de modo misterioso e real, por meio dos sacramentos, a Cristo padecente e glorioso. Com efeito, pelo Batismo somos assimilados a Cristo; “todos nós fomos batizados no mesmo Espírito, para formarmos um só corpo” (1Cor 12,13). Por este rito sagrado é representada e realizada a união com a morte e ressurreição de Cristo; “fomos sepultados, pois, com Ele, por meio do Batismo, na morte”; se, porém, ; “nos tornámos com Ele um mesmo ser orgânico por morte semelhante à Sua, por semelhante ressurreição o seremos também (Rm 6, 4-5). Ao participar realmente do corpo do Senhor, na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós.; “Porque há um só pão, nós, que somos muitos, formamos um só corpo, visto participarmos todos do único pão” (1Cor 10,17). E deste modo nos tornamos todos membros desse corpo (cf. 1Cor 12,27), sendo individualmente membros uns dos outros” (Rm 12,5). E assim como todos os membros do corpo humano, apesar de serem muitos, formam, no entanto, um só corpo, assim também os fiéis em Cristo (cfr. 1 Cor. 12,12). Também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja (cf. 1Cor 12, 1-11). Entre estes dons, sobressai a graça dos Apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito submeteu também os carismáticos (cf 1Cor 14). O mesmo Espírito, unificando o corpo por si e pela sua força e pela coesão interna dos membros, produz e promove a caridade entre os fiéis. Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e se algum membro recebe honras, todos se, alegram (cf. 1Cor 12,26). (...) É por Ele que “o corpo inteiro, alimentado e coeso em suas juntas e ligamentos, se desenvolve com o crescimento dado por Deus” (Cl 2,19). Ele mesmo distribui continuamente, no Seu corpo que é a Igreja, os dons dos diversos ministérios, com os quais, graças ao Seu poder, nos prestamos mutuamente serviços em ordem à salvação, de maneira que, professando a verdade na caridade, crescamos em tudo para Aquele que é a nossa cabeça (cf. Ef 4, 11-16). E para que sem cessar nos renovemos n'Ele (cf. Ef 4,23), deu-nos do Seu Espírito, o qual, sendo um e o mesmo na cabeça e nos membros, unifica e move o corpo inteiro, a ponto de os Santos Padres compararem a Sua acção à que o princípio vital, ou alma, desempenha no corpo humano» (LG 7).

---

<sup>238</sup> RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé*, p. 129.

A linguagem paulina do Corpo de Cristo também mostra um valor sacramental, pois «num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo» (1Cor 12,13). Portanto, o sacramento do Batismo torna o cristão membro do Corpo de Cristo. Mais ainda, a participação dos cristãos no culto eucarístico também os torna membros desse Corpo. Trata-se de um valor de comunhão<sup>239</sup>. Neste ponto, podemos destacar algumas temáticas, nomeadamente, o Batismo e a edificação do Corpo de Cristo. A Igreja é comunidade de salvação. O Espírito é enviado pelo Pai, a fim de completar a obra salvífica de Cristo<sup>240</sup>.

### 8.1. A dimensão batismal do cristão

«No contexto de 1Cor 12 é intensificada a perspetiva da imagem da comunidade. Paulo compara a comunidade com o Corpo de Cristo. Todos os batizados se tornam, no batismo e com o batismo, membros do Corpo de Cristo, pela força do Espírito (cf. 1Cor 12,27)»<sup>241</sup>. Todos os batizados, todos os que fazem parte do Corpo de Cristo, cada um dos membros desse Corpo, são vistos de forma igualmente digna. Nenhum dos membros é destacado de forma especial. Apenas pode ser considerado como um membro mais frágil referente aos restantes membros (cf. 1Cor 12,22-25).

É importante referir que nenhum é mais importante do que outro, mas cada membro é necessário, a partir da sua função. Joseph Ratzinger afirma que não há estranhos na Igreja. Todos estão em casa e não são meros hóspedes. Trata-se de uma só e mesma Igreja. Quem receber o Batismo em Berlim, em Roma, em Nova Iorque ou em Kinshasa, encontra-se na Igreja, onde recebeu o Batismo<sup>242</sup>.

Por isso, receber o Batismo significa colocar-se a caminho, neste único Corpo, que é Cristo, que nos abre o caminho na cruz (cf. Ef 2,16). Portanto, o cristão torna-se membro do Corpo no seu todo e não apenas de uma Igreja local<sup>243</sup>. Logo, o Batismo está ligado ao mistério pascal: «Ou ignorais que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte? Pelo Batismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rm 6,3-4).

---

<sup>239</sup> Cf. PIÉ-NINOT, Salvador – *Eclesiología: La sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ªed. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2015, p. 155.

<sup>240</sup> Cf. MARTO, António – *A Igreja, comunidade escatológica de salvação*, p. 251.

<sup>241</sup> Cf. BIEBERSTEIN, Sabine – *Bürgerversammlung und Leib des Christus: Was Gemeindebilder über eine Kultur der Wertschätzung in den frühen Gemeinden erzählen*. *BiKi*. Stuttgart. 2 (2013) 79.

<sup>242</sup> Cf. RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé*, p. 139.

<sup>243</sup> Cf. RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé*, p. 138.

## 8.2. A edificação do Corpo de Cristo

«Nas passagens sobre a instituição da eucaristia – transmitida também por Paulo – o “corpo” de Cristo é indicado com a expressão de “pão” (Mc 14,23; Mt 26,26; Lc 22,19; 1Cor 11,24)»<sup>244</sup>. Paulo apresenta essa metáfora também noutra circunstância, nomeadamente, quando zela pela unidade da comunidade: «Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1Cor 10, 17)<sup>245</sup>.

Outro aspeto importante na eclesiologia paulina é a expressão «Corpo de Cristo» («σῶμα Χριστοῦ» - 1Cor 12,27). «Trata-se de uma expressão criada por Paulo para significar que a Igreja nasce da participação e da comunhão com Jesus Cristo à semelhança do corpo, que participa e se comunica a partir da cabeça»<sup>246</sup> (cf. 1Cor 11,24). No cap. 12 está presente a metáfora da comunidade como membro do Corpo de Cristo. Assim, Paulo afirma que a comunidade é «o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro» («ὁμοῖοι δὲ ἐστε σῶμα Χριστοῦ καὶ μέλη ἐκ μέρους» – 1 Cor 12,27)<sup>247</sup>.

Uma expressão dessa comunhão é a sua forma eucarística, já cuidada e tida em grande preocupação por parte de Paulo (cf. 1Cor 10-11), como momento de corporificação dessa união. Vemos que Paulo aborda a importância de «um único pão» (1Cor 10,17) e condena as divergências presentes na comunidade, aquando as reuniões em assembleia (cf. 1Cor 11,17-34).

«Falar da Igreja como corpo de Cristo, é mais do que uma comparação, tomada da antiga sociologia, entre um corpo real e uma corporação de muitos homens. O termo tem o seu ponto de partida no sacramento do corpo e do sangue de Cristo e, portanto, é mais do que uma imagem – é expressão da verdadeira essência da Igreja. Na Eucaristia, recebemos o corpo do Senhor e tornamo-nos, assim, um só corpo com Ele; recebemos todos o mesmo corpo e tornamo-nos, por isso, nós próprios “um só em Cristo” (Gl 3,28). A Eucaristia faz-nos sair de nós mesmos, para entrarmos n’Ele, de tal maneira que podemos dizer com S. Paulo: “Já não sou eu em que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Eu, mas já não eu, um novo eu maior se forma, o único corpo do Senhor, que se chama Igreja. Comungar significa tornar-se Igreja, porque significa tornar-se um só corpo com Ele»<sup>248</sup>.

---

<sup>244</sup> PIÉ-NINOT, Salvador – *Eclesiologia*, p. 155.

<sup>245</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristologia*, p. 127.

<sup>246</sup> PIÉ-NINOT, Salvador – *Eclesiologia*, p. 155.

<sup>247</sup> Cf. LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*, p. 15-16.

<sup>248</sup> RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé*, p. 101.

Paulo mostra-nos a unidade deste Corpo que possui uma diversidade de membros, onde cada um procura cumprir a sua função. Portanto, tal como há uma diversidade de membros, também há uma diversidade de funções dentro do Corpo, que é a Igreja. Todos são necessários pois estão a contribuir para o bem do todo, para o bem da comunidade (cf. Rm 12,6-8; 1Cor 12,4-11.27-28)<sup>249</sup>. «É que, como num só corpo, temos muitos membros, mas os membros não têm todos a mesma função, assim acontece connosco: os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros» (Rm 12,4-5; cf. LG 13).

A partir do Espírito, os cristãos são chamados à unidade no Corpo do Messias. Tal comunidade em Cristo vive a partir da sua diversidade, isto é, de cada um dos membros, a partir das tarefas de cada um. Ao mesmo tempo, para fortalecer essa ideia, Paulo destaca a identidade das diferentes pessoas: judeus e gregos, escravos ou livres (cf. 1Cor 12,12-14)<sup>250</sup>. Então, a comunhão com Cristo significa comunhão com o próximo. Nesta relação está incluída a própria aceitação, a capacidade de dar e receber, bem como a capacidade de partilha<sup>251</sup>.

Assim, logo nas primeiras palavras da LG 7, é abordada a noção de Corpo de Cristo. Fala-se da transformação do homem, isto é, do novo Povo de Deus, da nova Aliança. Este novo Povo de Deus tem uma fundamentação claramente cristológica. Numa primeira parte é abordada a questão da unidade, falando sobre a união do Corpo de Cristo, quer na relação com Cristo, quer na relação com o próximo, pelos sacramentos do Batismo e da Eucaristia. Desta forma, no sofrimento de um dos membros está presente a solidariedade de toda a comunidade eclesial.

Numa segunda parte, vemos o desenvolvimento de Cristo, como Cabeça da Igreja, bem como a Sua missão salvífica na Igreja. «Cristo é a Cabeça do corpo, isto é, Senhor da Igreja, a título de primogénito dentre os mortos, ou seja, como Senhor ressuscitado e glorificado. Como tal, exerce o seu senhorio sobre a Igreja fazendo-a participar da vida gloriosa própria da sua humanidade divinizada. É neste sentido que a Igreja é plenitude de Cristo, enquanto Ele a cumula com a plenitude dos seus dons»<sup>252</sup>. Com a força do Espírito Santo, Cristo é fonte de energia, que leva a Igreja a crescer e a conduzir à sua meta. A Igreja vive nesta perspetiva escatológica<sup>253</sup>.

No livro do Génesis temos presente a relação do homem e a mulher, que unidos se tornam «os dois numa só carne» (Gn 2,24). Nesta perspetiva, também a Igreja é vista como a

---

<sup>249</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão, p. 327.

<sup>250</sup> CRÜSEMANN, Marlene – Die Gemeinde ist Körper des Messias: Soziale Realität und Selbstbewusstsein bei Paulus und seiner korinthischen Gemeinde nach Luise Schottroff. *BiKi*. Stuttgart. 3 (2015) 142.

<sup>251</sup> Cf. RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé*, p. 68.

<sup>252</sup> MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 250.

<sup>253</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 248-250.

Esposa de Cristo. Esta união tem o seu ponto de apoio sacramental no mistério eucarístico<sup>254</sup>. «Este corpo é único e, assim, a Eucaristia é, para cada Igreja local, o lugar de inserção no único Cristo, a unificação de todos os que comungam na *communio* universal, que une céu e terra, vivos e mortos, passado, presente e futuro, e abre para a eternidade. A Eucaristia não nasce da Igreja local, e não acaba nela»<sup>255</sup>.

## 9. O sentido da fé e dos carismas no povo cristão (LG 12)

O «Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas “distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz” (1Cor 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ; “a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum” (1Cor 12,7). Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com acção de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Não se devem porém, pedir temerariamente, os dons extraordinários nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas; e o juízo acerca da sua autenticidade e recto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom (cf. 1Ts 5, 12. 19-21)» (LG 12).

Com a constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, vemos que houve uma renovação do sentido da comunidade, bem como da sua participação na Igreja. O documento salienta que Cristo, no sacrifício da Missa, está presente no ministro, nas espécies eucarísticas, na palavra e na Igreja, comunidade que canta e reza (cf. SC 7)<sup>256</sup>. Já na *Lumen Gentium* é dado destaque aos dons hierárquicos e aos dons carismáticos (cf. LG 4), bem como da sua estreita ligação. Ambos têm a mesma origem, bem como o mesmo propósito:

«São dons de Deus, do Espírito Santo, de Cristo, dados com a finalidade de contribuir, de formas diversas, para a edificação da Igreja. Quem recebeu o dom de governar na Igreja tem também a missão de vigiar sobre o bom exercício dos outros carismas, de modo que tudo concorra para o bem da Igreja e para a sua missão evangelizadora, sabendo que é o Espírito Santo que distribui os dons carismáticos por cada um, da forma que lhe apraz (cf. 1 Cor 12, 11)» (IE 8).

---

<sup>254</sup> Cf. RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé*, p. 132.

<sup>255</sup> RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé*, p. 139.

<sup>256</sup> Cf. PINHO, José Eduardo Borges de – *Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois)*, p. 279.

Com isto, o Espírito Santo não é como uma grandeza abstrata e conceptual. Ele é um grande mistério de Deus Trindade, que se encontra ligado aos dons ou carismas<sup>257</sup>. Assim, é o Espírito Santo que habita no coração dos filhos de Deus. A partir do Espírito, que rege a Igreja, dá-se a comunhão entre os cristãos unidos a Cristo, princípio da unidade da Igreja. Ao Espírito compete a repartição dos dons, das graças e dos ofícios, formando, desta forma, uma Igreja mais rica a partir da sua diversidade de dons, «em ordem a preparar os santos para uma actividade de serviço, para a construção do Corpo de Cristo» (Ef 4,12 – cf. UR 2).

A «fonte é Deus, o seu Amor imenso, a sua vida traduzida em dádiva permanente para quantos lhe abrem o coração e se deixam libertar, tornando-se “filhos”, passando do estatuto de escravos a homens livres [Cf. Gl 4,21-31; Rm 6,15-23; 8,14-17], fazendo o pacto com a liberdade que só Deus sabe e pode dar infinitamente»<sup>258</sup>.

Com isto, vemos a envolvimento do Espírito Santo que procura «homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria» (Act 6,3), para lhes confiar algumas tarefas. Mais ainda, o Espírito também chama individualmente, tal como poderemos verificar com Saulo e Barnabé (cf. Act 13,2), a fim de apresentar também algumas obrigações indispensáveis (cf. Act 15,28). Logo, o Espírito Santo é a força presente no seio da comunidade<sup>259</sup>:

«Um carisma não é um dom distribuído por todos (cf. 1Cor 12,30), diferentemente das graças fundamentais, como seja a graça santificante ou os dons da fé, da esperança e da caridade, que são indispensáveis a todo o cristão. Os carismas são dons particulares que o Espírito Santo distribui “como lhe apraz” (1Cor 12,11). Para explicitar a necessária presença dos diversos carismas na Igreja, os dois textos mais explícitos (Rm 12,4-8; 1Cor 12, 12-30) utilizam a comparação do corpo humano» (IE 4).

Portanto, podemos olhar para os carismas como manifestação da graça de Deus. Tal dádiva assume diferentes formas, mas acima de tudo, provêm de Deus Pai (cf. Rm 12, 3; 1Cor 12, 28; 2Tm 1, 6; 1Pe 4, 10), de Cristo (cf. Ef 4,7) e do Espírito Santo (cf. 1Cor 12,4-11). Paulo fala nas «manifestações do Espírito» (1Cor 12,7), porém, trata-se de uma dimensão trinitária (cf. IE 4). Com isto, é importante referir que os carismas servem e existem para a boa edificação do Corpo de Cristo. Logo, eles estão na e para a Igreja, tal como os membros estão para o bom funcionamento do corpo humano. Os carismas não são dos homens, mas são dons

---

<sup>257</sup> Cf. NEVES, Joaquim Carreira das – O Espírito Santo e os carismas. *Didaskalia*. Lisboa. 29: 1-2 (1999) 87.

<sup>258</sup> LIMA, José da Silva – Fazer comunidade(s) à maneira de Paulo. *Theologica*. Braga. 44: 1 (2009) 68-69.

<sup>259</sup> Cf. NEUBERTH, Ralph – Kein Aufbruch ohne Volk: Ermutigungen aus der Apostelgeschichte. *BiKi*. Stuttgart. 2 (2013) 72.

do Espírito Santo para o homem. Trata-se de um ato de Deus e de uma vivência espiritual do homem<sup>260</sup>.

### 9.1. Os dons carismáticos

«O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas. São dons para renovar e edificar a Igreja. Não se trata de um património fechado, entregue a um grupo para que o guarde; mas são presentes do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, donde são canalizados num impulso evangelizador. Um sinal claro da autenticidade dum carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmoniosamente na vida do povo santo de Deus para o bem de todos. Uma verdadeira novidade suscitada pelo Espírito não precisa de fazer sombra sobre outras espiritualidades e dons para se afirmar a si mesma. Quanto mais um carisma dirigir o seu olhar para o coração do Evangelho, tanto mais eclesial será o seu exercício. É na comunhão, mesmo que seja fadigosa, que um carisma se revela autêntica e misteriosamente fecundo. Se vive este desafio, a Igreja pode ser um modelo para a paz no mundo» (EG 130).

José Borges de Pinho afirma a necessidade de conceder um lugar eclesiológico e prático aos fiéis no seu todo. Assim, também os leigos são chamados a serem testemunhas vivas da fé que professam<sup>261</sup>. É importante destacar aquilo que une todos os fiéis, nomeadamente, o dom e a missão que todos recebem, isto é, a Palavra, a abertura à compreensão da fé, o testemunho recebido, bem como a fé professada e suas celebrações, o serviço ao próximo, a motivação de trabalhar para a edificação do Corpo de Cristo<sup>262</sup>.

Vemos que «a visão positiva do ser cristão leigo, cujo lugar e missão não se entendem mais como sendo derivados do clero ou a partir de uma condução pela hierarquia, mas têm a sua origem, consistência e responsabilidade próprias no dom da chamada à fé em Jesus Cristo e se exprimem na participação no tríplice múnus profético, sacerdotal e real (servicial) de Cristo e da Igreja»<sup>263</sup>.

Os dons carismáticos são diversos, quer pelas suas características, quer pela sua extensão no corpo eclesial (cf. IE 16). Os dons carismáticos «são dados ao indivíduo, mas também podem ser partilhados por outros e de tal modo perseveram no tempo como uma herança preciosa e viva, que gera uma afinidade espiritual entre as pessoas» (ChFL 24). Para

---

<sup>260</sup> Cf. NEVES, Joaquim Carreira das - O Espírito Santo e os carismas, p. 97.

<sup>261</sup> Cf. PINHO, José Eduardo Borges de – Trinta anos de reflexão eclesiológica, p. 76.

<sup>262</sup> Cf. PINHO, José Eduardo Borges de – Trinta anos de reflexão eclesiológica, p. 84.

<sup>263</sup> PINHO, José Eduardo Borges de – Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois), p. 269-270.

Paulo, os dons do Espírito na comunidade não são qualquer coisa, pois no Batismo é-lhes concedido uma força maior, é-lhes concedido o Espírito Santo. Tal força recebe a sua concretização, ou seja, torna-se presente na diversidade dos dons e dos carismas recebidos, a fim de servir a comunidade eclesial. Paulo apresenta uma lista de carismas, onde se pode verificar a riqueza da diversidade de dons dados pelo Espírito (cf. Rm 12,4-8; 1Cor 12,4-8.28-39).

A capacidade e a força de realizar tais dons, tais missões, tais trabalhos é lhes concedido pelo Espírito que habita neles, trabalhando para a edificação da Igreja<sup>264</sup>. Com isto, «a receção destes carismas, mesmo dos mais simples, confere a cada um dos fiéis o direito e o dever de os atuar na Igreja e no mundo, para bem dos homens e edificação da Igreja, na liberdade do Espírito Santo» (AA 3). Contudo, afirma-se que tais dons do Espírito de Deus devem ser vistos como uma obrigação para qualquer cristão.

Os dons carismáticos são dispensados pelo Espírito de forma diversa a fim de dar bons frutos. Assim, «estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja» (LG 12).

A partir destes dons, o Povo de Deus torna-se capaz de viver a sua vida missionária, procurando estar sempre atento aos sinais dos tempos e ao Evangelho. É desta forma que os fiéis conseguem encontrar respostas para a edificação da Corpo eclesial e para a salvação de cada um. Eles são um dom para o próximo e, ao mesmo tempo, uma testemunha (cf. IE 15).

## 9.2. A questão ministerial

Toda a comunidade está chamada ao seguimento de Cristo. Por essa razão, não se deve pensar a dimensão ministerial apenas a partir de cima, a partir de uma hierarquia. É necessário vê-la a partir de baixo, a partir dos carismas, dos serviços e dos ministérios que, com a força do Espírito Santo, vão edificando o Corpo de Cristo<sup>265</sup>. «Todos, enquanto pertencem à Igreja, são *christifideles*, e o batismo e a confirmação são sempre os sacramentos que constituem o último fundamento quer da sua vida e ação cristãs, quer do seu estado na Igreja, quer dos ministérios e serviços que exerçam»<sup>266</sup>.

Assim, os carismas funcionam para a edificação do Corpo de Cristo. Tais carismas são ministeriais (apóstolos, profetas e doutores) e operacionais, numa dimensão mais individual, tais como a pregação, o auxílio aos doentes e aos pobres, a edificação das comunidades, curas,

<sup>264</sup> Cf. BIEBERSTEIN, Sabine – *Bürgerversammlung und Leib des Christus*, p. 79-80.

<sup>265</sup> Cf. PINHO, José Eduardo Borges de – *Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois)*, p. 278.

<sup>266</sup> GALVÃO, Henriques – *Do Mistério aos Ministérios da Igreja*, p. 520.

milagres, entre outros (cf. 1Cor 12)<sup>267</sup>. «Tal como toda a Igreja participa na missão de Jesus, em sua tripla função de profeta, sacerdote e rei-servo, é também segundo esta tríplice função que os ministros ordenados são estabelecidos pastores. (...) fala-se em sacerdócio para designar toda a missão de Jesus Cristo, quer participada por toda a Igreja sob a forma do sacerdócio comum, quer participada pessoalmente pelos que recebem o ministério dos Doze sob a forma do sacerdócio ministerial»<sup>268</sup>.

O ministério ordenando não é oposto à participação comum do mistério e ministério eclesial<sup>269</sup>. A função do ministro ordenado é salvaguardar a comunhão entre o Povo de Deus, agindo «*in persona Christi Capitas*» (PO 2)<sup>270</sup>. Portanto, age também «*in persona Ecclesiae*»<sup>271</sup>. Na época inicial de Paulo, o corpo eclesial não possuía uma estrutura hierarquicamente organizada a partir dos bispos, dos presbíteros e dos diáconos.

Vemos que estes vão surgindo nas cartas a Tito e Timóteo (cf. Tt 1,5-9; 1Tm 3,1-13; 5,17-24). Porém, sabemos que, com o passar do tempo, foi necessário criar esses ministérios para o bom funcionamento da Igreja<sup>272</sup>. Os Doze, escolhidos por Jesus, transmitiram essa mesma missão aos seus colaboradores que, por sua vez, se tornaram sucessores dos Doze. Vemos isso, por exemplo, na despedida de Paulo dos anciãos de Éfeso: «tomo-vos hoje por testemunhas de que estou limpo do sangue de todos, pois jamais recuei, quando era preciso anunciar-vos todos os desígnios de Deus. Tomai cuidado convosco e com todo o rebanho, de que o Espírito Santo vos constituiu administradores para apascentardes a Igreja de Deus, adquirida por Ele com o seu próprio sangue» (Act 20,28). Assim, tal transmissão é feita a partir do sacramento da Ordem. Logo, os ministérios são o prolongamento da missão transmitida aos Doze por parte de Jesus<sup>273</sup>.

---

<sup>267</sup> Cf. NEVES, Joaquim Carreira das - O Espírito Santo e os carismas, p. 105.

<sup>268</sup> GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 509.

<sup>269</sup> «Destacar o horizonte trinitário e cristológico dos dons divinos também ilumina a relação entre dons hierárquicos e carismáticos. De facto, nos dons hierárquicos, enquanto ligados ao sacramento da Ordem, surge em primeiro plano a relação com o agir salvífico de Cristo, como por exemplo a instituição da Eucaristia (cf. Lc 22, 19ss; 1Cor 11, 25), o poder de perdoar os pecados (cf. Jo 20, 22ss), o mandato apostólico com a tarefa de evangelizar e batizar (cf. Mc 16, 15ss; Mt 28, 18-20); ao mesmo tempo, é evidente que nenhum sacramento pode ser conferido sem a ação do Espírito Santo. Por outro lado, os dons carismáticos dispensados pelo Espírito Santo, “que sopra onde quer” (cf. Jo 3, 8) e distribui os seus dons “como lhe apraz” (1 Cor 12, 11), são objetivamente relacionados com a vida nova em Cristo, uma vez que “cada um pela sua parte” (1 Cor 12, 27) é membro do seu Corpo. (...) tanto os dons hierárquicos como os carismáticos aparecem unidos relativamente à relação intrínseca entre Jesus Cristo e o Espírito Santo» (IGREJA CATÓLICA. CDF – *Iuvenescit Ecclesia*: [Carta de 15 de Maio de 2016], nº 12. [https://press.vatican.va/content/dam/salastampa/it/fuori-bollettino/pdf/PO%20IUVENESCIT%20ECCLESIA\\_Portugues.pdf](https://press.vatican.va/content/dam/salastampa/it/fuori-bollettino/pdf/PO%20IUVENESCIT%20ECCLESIA_Portugues.pdf) [04-09-2018].)

<sup>270</sup> GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 525.

<sup>271</sup> GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 526.

<sup>272</sup> Cf. NEVES, Joaquim Carreira das - O Espírito Santo e os carismas, p. 99.

<sup>273</sup> Cf. GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 509.

Na verdade, «todos os discípulos de Cristo, perseverando na oração e louvando a Deus (cf. Act 2, 42-47), ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus (cf. Rm 12,1), dêem testemunho de Cristo em toda a parte e àqueles que lha pedirem dêem razão da esperança da vida eterna que neles habita (cf. 1Pe 3,15)» (cf. LG 10).

A capacidade de discernimento dos carismas autênticos é dada à Igreja pelo Espírito Santo. Esses devem ser acolhidos com alegria e gratidão, devem ser promovidos e devem ter acompanhamento (cf. IE 8). A existência dos dons hierárquicos são da vontade de Deus, assegurando, dessa forma, a Sua mediação salvífica na atualidade: «Cristo enriqueceu os apóstolos com a efusão especial do Espírito Santo (cf. At 1, 8; 2, 4; Jo 20, 22-23); os apóstolos, por sua vez, transmitiram aos seus colaboradores, pela imposição das mãos, este dom do Espírito (cf. 1Tm 4,14; 2Tm 1,6-7)» (IE 13).

A LG 10 destaca a relação do sacerdócio comum e do sacerdócio ministerial. Pode-se olhar para o ministério da Ordem como aquele que garante a vitalidade do mistério de Deus, a partir do poder consentido. Dessa forma, o ministro ordenado mantém viva a missão do Filho de Deus<sup>274</sup>. «O ministério do presbítero existe em favor da Igreja; é para a promoção do exercício do sacerdócio comum de todo o Povo de Deus; ordena-se não apenas para a Igreja particular, mas também para a Igreja universal (cf. *Presbyterorum ordinis*, 10), em comunhão com o Bispo, com Pedro e sob a autoridade de Pedro» (PDV 16).

Logo, podemos verificar que o sacerdócio ministerial, a partir da ordenação dos ministros, difere em essência e em grau. Porém, há uma estreita ligação e coordenação entre o sacerdócio comum e o ministerial. Desta forma, através do sacerdócio ministerial é concedido um dom particular por parte de Cristo no Espírito Santo, a fim de contribuir para a edificação do Corpo (cf. PDV 17):

«Sem o sacerdócio comum da Igreja não haveria sacerdócio ministerial para a Igreja, tal como sem o sacerdócio ministerial o sacerdócio comum estaria privado do ministério que é a garantia constante da sua permanência, vitalidade e acção. Por isso, ainda que, segundo a doutrina conciliar, a Igreja subsista já na totalidade do seu mistério desde Jesus Cristo (cf. LG 3), é ao sacerdócio ministerial que compete, ao longo do tempo, garantir a construção da comunidade eclesial, através da palavra autorizada, da celebração da Eucaristia e de um governo que é serviço»<sup>275</sup>.

---

<sup>274</sup> Cf. GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 526.

<sup>275</sup> GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja, p. 510.

## 10. Unidade na diversidade (LG 32)

«A santa Igreja, por instituição divina, é organizada e governada com uma variedade admirável. “Assim como num mesmo corpo temos muitos membros, e nem todos têm a mesma função, assim, sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros” (Rm 12, 4-5). Um só é, pois, o Povo de Deus: “um só Senhor, uma só fé, um só Baptismo” (Ef 4,5); comum é a dignidade dos membros, pela regeneração em Cristo; comum a graça de filhos, comum a vocação à perfeição; uma só salvação, uma só esperança e uma caridade indivisa. Nenhuma desigualdade, portanto, em Cristo e na Igreja, por motivo de raça ou de nação, de condição social ou de sexo, porque “não há judeu nem grego, escravo nem homem livre, homem nem mulher: com efeito, em Cristo Jesus, todos vós sois um” (Gl 3,28; cf. Cl 3,11). Portanto, ainda que, na Igreja, nem todos sigam pelo mesmo caminho, todos são, contudo, chamados à santidade, e a todos coube a mesma fé pela justiça de Deus (cf. 2Pe 1,1). Ainda que, por vontade de Cristo, alguns são constituídos doutores, dispensadores dos mistérios e pastores em favor dos demais, reina, porém, igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à actuação, comum a todos os fiéis, em favor da edificação do corpo de Cristo. A distinção que o Senhor estabeleceu entre os ministros sagrados e o restante Povo de Deus, contribui para a união, já que os pastores e os demais fiéis estão ligados uns aos outros por uma vinculação comum: os pastores da Igreja, imitando o exemplo do Senhor, prestem serviço uns aos outros e aos fiéis: e estes dêem alegremente a sua colaboração aos pastores e doutores. Deste modo, todos testemunham, na variedade, a admirável unidade do Corpo místico de Cristo: a própria diversidade de graças, ministérios e actividades, consagra em unidade os filhos de Deus, porque “um só e o mesmo é o Espírito que opera todas estas coisas” (1Cor 12,11). Os leigos, portanto, do mesmo modo que, por divina condescendência, têm por irmão a Cristo, o qual, apesar de ser Senhor de todos, não veio para ser servido, mas para servir (cf. Mt 20,28), de igual modo têm por irmãos aqueles que, uma vez estabelecidos no sagrado ministério, apascentam a família de Deus ensinando, santificando e governando com a autoridade de Cristo, de modo que o mandamento da caridade seja por todos observado. A este respeito diz belissimamente S. Agostinho: “aterra-me o ser para vós, mas consola-me o estar convosco. Sou para vós, como Bispo; estou convosco, como cristão. Nome de ofício, o primeiro; de graça, o segundo; aquele, de risco; este, de salvação”» (LG 32).

Ao longo de 1Cor, são várias as metáforas que Paulo usa para se referir à unidade da comunidade eclesial. Encontramo-la presente quando afirma: «nós somos cooperadores de Deus, e vós sois o seu terreno de cultivo, o edifício (οἰκοδομή) de Deus» (1Cor 3,9). No mesmo capítulo, usa a metáfora do templo para se referir a cada cristão como templo, onde habita o Espírito de Deus (cf. 1Cor 3,16-17). Usa ainda as imagens do pão (cf. 1Cor 10) e do Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12).

Quando se fala em Povo de Deus, podemos afirmar que todos são concidadãos, ou seja, todos têm a mesma dignidade e todos são considerados filhos de Deus. Logo, antes de todas as diversidades presentes na comunidade, há que ter em conta a igualdade que é comum a todos os cidadãos do Povo de Deus<sup>276</sup>. A comunhão eclesial «caracteriza-se pela presença simultânea da diversidade e da complementariedade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades. Graças a essa diversidade e complementariedade, cada fiel leigo encontra-se em relação com todo o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo» (ChFL 20).

O Concílio Vaticano II apresenta uma nova forma de olhar para a estrutura eclesial, nomeadamente, para a missão e identidade da Igreja e para as Igrejas locais. Torna-se cada vez mais importante a dimensão e a comunhão da comunidade local, mas também é necessário olhar para a Igreja de forma universal, isto é, como «comunhão de Igrejas» (LG 23)<sup>277</sup>. A Igreja «não pode ser vista numa perspectiva de universalidade abstracta, por cima ou à margem das Igrejas locais, do mesmo modo que não pode ser pensada monoliticamente como uma “multinacional” gerida a partir do seu centro operacional. Desse modo, os católicos foram interpelados também a perceber mais incisivamente que a catolicidade da Igreja exige, necessariamente, “unidade na diversidade”»<sup>278</sup>.

#### 10.1. A unidade do Corpo e a diversidade dos seus membros

«Todo o desenvolvimento da reflexão sobre a missão universal do povo de Deus está centrado na *unidade católica*, isto é, naquela unidade de destino universal que tem a sua origem primeira e fundamento último no projeto salvífico de Deus: esboçado e impresso já na obra da criação de uma só natureza humana, vínculo ontológico de união entre os homens, ele tende a reunir os homens de todos os tempos e espaços, dispersos e divididos pelo pecado como deixa ver a evocação de Jo 11,52, numa nova e superior unidade em Cristo, centro de unidade, enquanto Senhor da criação, Chefe do novo povo dos filhos de Deus, Recapitulador escatológico, que leva à plenitude todas as coisas sob o seu domínio salvífico»<sup>279</sup>.

A diversidade entre as pessoas é suscitada pelo Espírito Santo. Com a sua força, Ele transforma as diferentes pessoas. Ele age simultaneamente para a diversidade, para a multiplicidade, para a pluralidade e também para a unidade do todo, do Corpo eclesial. Logo, não é da responsabilidade do homem, por si próprio, a zelar por esta dimensão da unidade na

---

<sup>276</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão, p. 322.

<sup>277</sup> Cf. PINHO, José Eduardo Borges de – Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois), p. 270.

<sup>278</sup> PINHO, José Eduardo Borges de – Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois), p. 270.

<sup>279</sup> MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 136.

diversidade. O homem tem de deixar o Espírito atuar (cf. EG 131). Os «carismas são diversos ou multiformes, segundo as pessoas, mas tal diversidade deve concorrer sempre para o bem comum da Igreja ou das respetivas comunidades»<sup>280</sup>.

Assim, o Espírito, que zela pela unidade dos fiéis, é a causa da produção e promoção da caridade entre os diferentes membros do Corpo de Cristo, pois se algum deles sofre, toda a comunidade está envolvida no sofrimento desse membro (cf. 1Cor 12,26; LG7). «A diversidade não só não é um obstáculo, mas, pelo contrário, converte-se em enriquecimento e elemento de unidade. Existe uma igualdade e solidariedade fundamentais porquanto (e enquanto) todos participam da mesma dignidade na filiação divina, na mesma vida nova em Cristo, na mesma vocação e missão»<sup>281</sup>.

Com o auxílio do Espírito de Deus, a união de todo o corpo eclesial está chamada à edificação da unidade. A diversificação concede um carácter de comunhão. Portanto, todos, nas suas diferentes formas, são chamados a esta construção a partir da caridade<sup>282</sup>. Tal unidade realiza-se e simboliza-se na Eucaristia (cf. SC 2; 47; LG 3; 7; 13; 26; UR 2; AA 8; GS 38).

À luz de Act 2,1-41, podemos destacar a questão da diversidade de línguas, bem como a divisão presente nos povos, que leva a uma nova forma de olhar para a comunhão. Aqui, a comunidade eclesial surge numa casa, onde se encontra unida pela força do vento e pelo calor das línguas de fogo. Com isto dá-se a criação da diversidade dos diferentes povos, das diferentes culturas e línguas<sup>283</sup>.

«A unidade dos crentes manifesta-se e alimenta-se em certas formas e estruturas visíveis:

- Unidade no ensinamento dos apóstolos: unidade da fé;
- Unidade da comunidade fraterna: o amor fraterno e solicitude recíproca, particularmente com os pobres;
- Unidade na fração do pão e na oração, como fonte de vida na comunhão com Cristo que se nos dá: unidade de culto;
- União ao ministério apostólico (implícita na primeira)<sup>284</sup> (cf. Act 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16).

---

<sup>280</sup> NEVES, Joaquim Carreira das - O Espírito Santo e os carismas, p. 92.

<sup>281</sup> MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 137.

<sup>282</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA. CDF – Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão. AAS. 85 (1993) 847.

<sup>283</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão, p. 324.

<sup>284</sup> MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão, p. 324.

A questão da unidade e da diversidade também pode ser vista a partir das Igrejas particulares unidas à Igreja universal. Esta Igreja universal é a Igreja de Cristo, professada como uma, santa, católica e apostólica. Portanto, ela é o Corpo universal de Cristo presente, de forma particular, a partir de diferentes pessoas, tempos e locais. Dela brotam as designadas Igrejas particulares, que estão intimamente ligadas à Igreja universal. Desta forma, as Igrejas particulares são «formadas à imagem da Igreja universal» (LG 23)<sup>285</sup>. Logo, os fiéis pertencem a uma Igreja local, mas são igualmente pertencentes à Igreja universal<sup>286</sup> (cf. LG 23).

A Igreja não consiste numa soma de várias partes. Ela é comunhão de totalidades. Assim, a Igreja não é uma mera congregação de fiéis. Ela é a congregação de fiéis, que tem à sua frente o bispo de Roma, que preside à Igreja universal, tal como os bispos presidem às Igrejas locais, sempre em comunhão com o sucessor de Pedro. Portanto, as Igrejas locais estão em íntima comunhão com a Igreja universal<sup>287</sup>. Na verdade, esta comunhão é visível na celebração da Eucaristia, que é celebrada sempre em comunhão com toda a Igreja.

«A unidade da Igreja local encontra a sua expressão mais alta e, ao mesmo tempo, a sua fonte na Eucaristia presidida pelo bispo com o seu presbitério e a participação ativa de todos os fiéis»<sup>288</sup>. A Eucaristia, mesmo que seja celebrada numa determinada Igreja particular, nunca fica isolada nessa mesma comunidade, pois «recebendo a presença eucarística do Senhor, recebe o dom integral da salvação e manifesta-se, assim, apesar da sua constante particularidade visível, como imagem e verdadeira presença da Igreja una, santa, católica e apostólica»<sup>289</sup>.

Então, todos, na diversidade de funções e missões, são chamados a promover a unidade. «Não se é cristão sozinho, mas uns com os outros e uns para outros. Inclui a participação e corresponsabilidade de todos»<sup>290</sup>. Promovendo a unidade, os fiéis estão a cumprir uma missão essencial do Corpo de Cristo. Como «sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus» (LG 1), a Igreja mostra que «a verdadeira união social eterna flui da união dos espíritos e dos corações, daquela fé e caridade em que indissolivelmente se funda, no Espírito Santo, a sua própria unidade» (GS 42).

---

<sup>285</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA. CDF – Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão. AAS. 85 (1993) 842.

<sup>286</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA. CDF – Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão. AAS. 85 (1993) 844.

<sup>287</sup> Cf. BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *Eclesiología*. Madrid: BAC, 1998, p. 102.

<sup>288</sup> MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão, p. 326.

<sup>289</sup> IGREJA CATÓLICA. CDF – Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão. AAS. 85 (1993) 844.

<sup>290</sup> MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão, p. 325.

## 10.2. O chamamento universal à santidade

O cap. V da LG é dedicado ao chamamento universal à santidade de cada cristão. «No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se duma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele» (GEx 20). Os fiéis não existem para si mesmos. O objetivo de viver em comunhão não é a autoafirmação de cada um. Pelo contrário, ser chamado à santidade significa viver diariamente o Evangelho de Cristo, para o bem e a edificação da humanidade<sup>291</sup>.

«Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1Ts 4,3; cf. Ef 1,4 – LG 39). Este viver a santidade consiste em viver unidos, como membros de um só Corpo, onde todos devem sofrer pelo irmão que sofre e alegrar-se com o irmão que está alegre. Com isto, eles fazem crescer a comunidade local e, desta forma, todo o corpo eclesial (cf. 1Cor 12). «Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo; aparece dum modo especial na prática dos conselhos chamados evangélicos» (LG 39). Destaca-se, desta forma, a força do Espírito Santo nos membros do Corpo (1Cor 12,4-11).

Este chamamento à santidade não é simplesmente uma realidade moral. Ele é, antes de mais, visto como exigência do mistério eclesial. Tenhamos em conta as palavras de Pedro: «Como filhos obedientes, não vos conformeis com os antigos desejos do tempo da vossa ignorância; mas, assim como é santo aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder, conforme diz a Escritura: Sede santos, porque Eu sou santo» (1Pe 1,14-16). Neste caso, somos chamados a olhar para os santos como renovação das difíceis fases da Igreja ao longo dos séculos. Todos os membros do Corpo de Cristo têm esta vocação comum. «Todos os fiéis, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade» (LG 40). Esta vocação tem o seu fundamento no sacramento do Batismo, que nos torna participantes do corpo eclesial (cf. 1Cor 12, 13) e é alimentado pelo sacramento da Eucaristia.

Assim, todos «os cristãos são, pois, chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado» (LG 42). Logo, a partir dos sacramentos, os fiéis são fortalecidos e habilitados para caminhar na santidade. Paulo, embora não se dedique propriamente aos

---

<sup>291</sup> Cf. PINHO, José Eduardo Borges de – *Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois)*, p. 276.

sacramentos, adverte para tal, pedindo aos cristãos para que se comportem «como é próprio de santos» (Ef 5,3; cf. ChFL 16).

«A vida segundo o Espírito, cujo fruto é a santificação (Rm 6, 22; cf. Gl 5, 22), suscita e exige de todos e de cada um dos batizados o seguimento e imitação de Jesus Cristo, no acolhimento das Suas Bem-aventuranças, na escuta e meditação da Palavra de Deus, na consciente e activa participação na vida litúrgica e sacramental da Igreja, na oração individual, familiar e comunitária, na fome e sede de justiça, na prática do mandamento do amor em todas as circunstâncias da vida e no serviço aos irmãos, sobretudo os pequeninos, os pobres e os doentes»(ChFL 16).

Os carismas que surgem no seio da comunidade levam à participação dos fiéis na edificação do Corpo, mas também são instrumentos de santidade, caminhando para a perfeição do amor (cf. IE 18). Então, como afirma Francisco, a «santidade é o rosto mais belo da Igreja» (GEx 9). Paulo afirma que os dons são concedidos a cada um «para proveito comum» (1Cor 12,7). «Deus, porém, dispôs os membros no corpo, cada um conforme lhe pareceu melhor» (1Cor 12,18). Contudo, ele faz ver aos Coríntios que todos são necessários e participantes do mesmo Corpo, afirmando mostrar «um caminho que ultrapassa todos os outros» (1Cor 12,31), nomeadamente, o caminho do amor que conduz o homem à santidade (cf. 1Cor 13).

## **11. União da Igreja celeste com a Igreja peregrina (LG 49)**

«Deste modo, enquanto o Senhor não vier na Sua majestade e todos os Seus anjos com Ele (cf. Mt 25,31) e, vencida a morte, tudo Lhe for submetido (cf. 1Cor 15, 26-27), dos Seus discípulos uns peregrinam sobre a terra, outros, passada esta vida, são purificados, outros, finalmente, são glorificados e contemplam “claramente Deus trino e uno, como Ele é”; todos, porém, comungamos, embora em modo e grau diversos, no mesmo amor de Deus e do próximo, e todos entoamos ao nosso Deus o mesmo hino de louvor. Com efeito, todos os que são de Cristo e têm o Seu Espírito, estão unidos numa só Igreja e ligados uns aos outros n'Ele (cf. Ef 4,16). E assim, de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo, mas antes, segundo a constante fé da Igreja, é reforçada pela comunicação dos bens espirituais. Porque os bem-aventurados, estando mais intimamente unidos com Cristo, consolidam mais firmemente a Igreja na santidade, enobrecem o culto que ela presta a Deus na terra, e contribuem de muitas maneiras para a sua mais ampla edificação em Cristo (cf. 1Cor 12, 12-27). Recebidos na pátria celeste e vivendo junto do Senhor (cf. 2Cor 5,8), não cessam de interceder, por Ele, com Ele e n'Ele, a nosso favor diante do Pai, apresentando os méritos que na terra alcançaram, graças ao mediador único entre Deus e os homens, Jesus Cristo (cf. 1Tm, 2,5), servindo ao Senhor em todas as coisas e completando o que falta aos sofrimentos

de Cristo, em favor do Seu corpo que é a Igreja (cf. Cl 1,24). A nossa fraqueza é assim grandemente ajudada pela sua solicitude de irmãos» (LG 49).

A partir das ações salvíficas de Cristo, a Igreja procura revelar e testemunhar aos homens a verdade última da sua peregrinação na Igreja terrestre. Para tal, procura mostrar a importância da grandeza da vocação de cada um permanecer unido a Deus, participando na glória de Cristo ressuscitado. É precisamente à luz da ressurreição de Cristo, que o homem verifica que a morte e a dor não serão o fim da sua meta<sup>292</sup>.

«O caráter eclesio-escatológico do projeto salvífico está intimamente conexo com o seu caráter crístico, já que a comunhão de vida e glória a que Deus nos chama se realiza definitiva e plenamente em Cristo»<sup>293</sup>. Portanto, unidos a Cristo, Deus deseja a comunhão plena de todos os seus filhos. Ele deseja unir a comunidade dos tempos últimos. Logo, é Cristo que adota o caráter salvífico da comunidade, elevando-a à plenitude (cf. LG 2-4; AG 3; GS 32;40)<sup>294</sup>:

«A Igreja é na sua totalidade sacramento da obra redentora de Cristo, da união salvífica de Deus com os homens, da graça escatológica de Deus em Cristo para os homens. Leva a efeito em cada um dos homens o que Cristo realizou de uma vez para sempre. Como tal actua(liza) historicamente o sentido e o caráter escatológico da pessoa, da história e da obra de Jesus»<sup>295</sup>.

### 11.1. A Igreja simultaneamente terrestre e celeste

A Igreja, no seu mistério trinitário, tem um fim salvífico e escatológico. Este fim só é atingível no outro mundo, porém, ele encontra-se já presente na terra. Ele está nos homens, como membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Portanto, esta família cristã é «constituída e organizada neste mundo como sociedade» (LG 8). Esta mesma família percorre a História com todos os povos da terra, procurando transformá-la em família de Deus. Tal união entre a Igreja terrestre e a Igreja celeste só pode ser compreendida a partir da fé. Trata-se de um mistério presente na História da Humanidade. Para tal, todos os cristãos são chamados a espalhar o Evangelho por todos os povos, dando um novo sentido e uma nova luz à humanidade (cf. GS 40).

Podemos afirmar que é a partir do Espírito de Deus que «a Igreja é já de algum modo a antecipação daquela humanidade renovada no final dos tempos. O Espírito, enquanto início e

---

<sup>292</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 134.

<sup>293</sup> MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 239.

<sup>294</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 243-244.

<sup>295</sup> MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 129.

garante deste final dos tempos, de salvação final, é para a Igreja penhor da glória futura, princípio de renovação, e condu-la ao encontro do Senhor glorificado»<sup>296</sup>.

Contudo, a distribuição dos dons do Espírito Santo, de que Paulo fala, não é para uma determinada comunidade, nem apenas para um determinado tempo, mas são dons que permanecem para sempre. Logo, na comunhão dos santos, o Espírito continua a realizar essa tarefa espiritual de colocar os dons recebidos ao serviço do Corpo de Cristo. A diversidade de dons do Espírito (cf. 1Cor 12,4-11) é igualmente para a construção da santidade, da comunhão dos santos.

A partir do Batismo, o homem torna-se filho de Deus. Não se trata apenas de uma dimensão social no seio da comunidade, nem apenas de um acolhimento no Corpo eclesial. Os pais, que pedem o Batismo, têm esperança que a fé traga a vida, isto é, a vida eterna (cf. SpeS 10). Desta forma, o tempo de vida para todos os batizados não termina na morte, mas vai para além dela, pois é eterna.

Assim, a partir desta participação em Cristo, a Igreja surge como uma nova criação, a partir da renovação dos seus fiéis que caminham para o Reino de Deus prometido. Então, a dialética do «já» e do «ainda não», está inserida na dimensão sacramental, pois tal dimensão eclesial tende para um horizonte escatológico<sup>297</sup>. O caminho é feito a partir das tribulações e dos sofrimentos de Cristo. A condição dos fiéis na Igreja é de serviço ao Reino, tal como aconteceu com Cristo. Portanto, os cristãos percorrem o caminho da Cruz, ou seja, da humildade, obediência, pobreza, serviço, nesta condição de peregrinos, à luz do Mestre, Jesus Cristo<sup>298</sup>.

Deste modo, vemos que também a Eucaristia é um dom de Deus para que o homem possa alcançar o Reino<sup>299</sup>. Os sacramentos fazem parte da vida peregrina dos fiéis. Na Eucaristia, os fiéis podem saborear, de forma antecipada, a dimensão escatológica para a qual caminham. Portanto, só Deus poderá facultar essa felicidade eterna ao homem. Por outro lado, é tarefa dos fiéis procurar orientação para essa meta, especialmente na Eucaristia (cf. SacrC 30).

---

<sup>296</sup> MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 252-253.

<sup>297</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 131.

<sup>298</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 261.

<sup>299</sup> A temática do Reino não é propriamente uma categoria paulina, mas sinótica. Ela não aparece referenciada em 1Cor 12, mas traduz a mensagem de Jesus.

## 11.2. A Igreja e o Reino

O Concílio Vaticano II destaca a Encarnação, o anúncio do Reino, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo e o dom do Espírito Santo como momentos que penetram a Igreja com a sua dimensão escatológica. A Igreja, como Povo de Deus, está chamada ao crescimento a fim de alcançar o Reino escatológico, que tem início com a Igreja<sup>300</sup>. «A prometida restauração que esperamos, já começou, pois, em Cristo, progride com a missão do Espírito Santo e, por Ele, continua na Igreja; nesta, a fé ensina-nos o sentido da nossa vida temporal, enquanto, na esperança dos bens futuros, levamos a cabo a missão que o Pai nos confiou no mundo e trabalhamos na nossa salvação (cf. Flm 2,12). (LG 48)».

Assim, podemos afirmar a Igreja como sacramento de salvação escatológica. A partir dela, opera-se o plano da salvação que se dá em Cristo, a fim de unir os homens com Deus. Portanto, a Igreja é sacramento, ou seja, é sinal do mistério, que procura atualizar e edificar toda a humanidade. Por outro lado, a Igreja como sacramento escatológico<sup>301</sup>, «indica e antecipa já agora a novidade e a renovação escatológica em Cristo. Neste sentido, é memorial, acontecimento e *prolepsis* (primícias) da salvação consumada em Cristo. O elemento escatológico, na sua dialética do “já” e “ainda não” faz parte da estrutura sacramental da Igreja»<sup>302</sup>. Contudo, os dons distribuídos pelo Espírito Santo permitem já a antecipação de usufruição futura na vida eterna. Os dons concedidos à comunidade eclesial começam já agora a construir escatologicamente a comunidade de Deus (cf. 1Cor 12,1-11).

Outro aspeto fundamental é a comunhão dos santos. «Pois, assim como a comunhão cristã entre os peregrinos nos aproxima mais de Cristo, assim a comunhão com os santos nos une a Cristo, de quem procedem, como de fonte e cabeça, toda a graça e a própria vida do Povo de Deus» (LG 50). Uma Igreja sem mancha e sem rugas só se poderá encontrar no final dos tempos, unida a Cristo<sup>303</sup> (Cf. LG 6; 8; 9; 10; 39; 40; 42; 47; 48; DH 12; UR 3; 4; GS 43). Não obstante, ela «caminha com o mundo e no meio dele, dentro da história, em direção ao Reino»<sup>304</sup>.

A comunhão dos santos pode ser vista como uma solidariedade espiritual entre os fiéis, pois todos são membros do Corpo de Cristo. Tal comunhão leva também à oração, dando um especial valor à Eucaristia. Então, a raiz da comunhão encontra-se precisamente nas coisas santas, vistas como bens da salvação entre os santos. Tal comunhão dá-se não só aos fiéis que

---

<sup>300</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 244.

<sup>301</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 151.

<sup>302</sup> MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 151.

<sup>303</sup> Cf. MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 262.

<sup>304</sup> MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II), p. 144.

se encontram na Igreja terrestre, mas também com os fiéis que já se encontram na Igreja celeste. A devoção aos santos dá-se precisamente devido a este mistério de comunhão eclesial<sup>305</sup>. Assim, a Igreja «é presencialização germinal, mistérico-sacramental do Reino de Deus. Ela constitui já na história a família dos filhos de Deus enriquecida de bens celestes»<sup>306</sup>.

### 11.3. Síntese do Capítulo III

Nos cinco números da LG, onde podemos encontrar a referência a 1Cor 12, vemos que se trata de questões desde o mistério trinitário até ao mistério escatológico, passando pela imagem da Igreja como Corpo místico de Cristo, pelo sentido da fé e pela unidade e diversidade no corpo eclesial. Uma das marcas do Concílio Vaticano II é precisamente o olhar para a Igreja como «sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus» (LG 1). Portanto, trata-se de um olhar para a Igreja como mistério entre Deus e a humanidade.

Para além disso, a Igreja é também missionária, pois foi confiada aos Doze e seus sucessores. Logo, a Igreja não pode ficar fechada em si mesma. Os cristãos caminham com Cristo e com os seus irmãos. Deus enviou o seu Filho para que todos sejam salvos. Jesus Cristo deixou o Espírito Santo, para que o homem possa conhecer e reconhecer os dons da graça (cf. 1Cor 2,12).

A Igreja é, então, esse sinal, ou seja, é sacramento da Trindade. Ela é o sinal do amor de Deus pela humanidade. Assim, o mistério de Deus torna-se presente a partir das várias imagens bíblicas (redil, campo, vinha, casa de Deus, templo santo, Esposa de Cristo, corpo, povo, Jerusalém do alto e mãe). Na Igreja, os fiéis tornam-se participantes ativos. Esta questão foi outra novidade do Concílio Vaticano II, que procurou introduzir ativamente os leigos. O cap. IV é todo dedicado aos leigos (cf. LG 30-38).

Pelo sacramento do Batismo, os fiéis tornam-se membros do Corpo místico de Cristo (cf. 1Cor 12,13). Portanto, todos os fiéis formam este Corpo do qual Cristo é a cabeça. A partir deste Corpo saem os vários dons, que são necessários para a sua sobrevivência. Por essa razão, todos devem ter a mesma dignidade, os mesmos direitos e os mesmos deveres, segundo a sua condição. O Batismo está ligado ao acontecimento pascal. Daí que todos são chamados a caminhar com Cristo, carregando a sua Cruz, pois também foram batizados na sua morte, para um dia ressuscitar com Ele (cf. Rm 6,3-4).

---

<sup>305</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA. CDF– Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão. AAS. 85 (1993) 841.

<sup>306</sup> MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação, p. 256.

Também a Eucaristia é uma expressão de íntima comunhão dos fiéis com Cristo. Ao comungar deste Corpo, eles são «elevados à comunhão com Ele» (LG 7). Joseph Ratzinger afirma que os fiéis saem de si próprios para entrar em Cristo, a fim de viver com Ele e para Ele. Desta forma, todos são chamados a ser um com Cristo, tal como os esposos se tornam «os dois numa só carne» (Gn 2,24).

Os dons de Deus servem para a edificação do Corpo de Cristo. Logo, eles são dados ao homem para o governo e para o seu caminho na Igreja terrestre. O Espírito de Deus, presente nos corações dos fiéis, concede esses dons a fim de que haja ministérios e serviços para a vida da Igreja. Com isto, a Igreja torna-se mais rica, à medida que vai confiando algumas tarefas a «homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria» (Act 6,3). Contudo, os dons não são distribuídos por todos de forma igual. Os dons são particulares, sendo distribuídos pelos fiéis pelo Espírito «conforme lhe apraz» (1Cor 12,11). Tais dons não são exclusivamente para os bispos, os sacerdotes, os diáconos ou os religiosos, mas são dons de Deus para todos. Por outro lado, há dons que são comuns, tais como o dom da Palavra de Deus, o serviço ao próximo, a fé professada e celebrada. Então, ao receber um determinado dom, os fiéis têm o direito, mas também o dever de servir e atuar na Igreja e no mundo (cf. AA 3).

A LG distingue entre o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial (cf. LG 10). A função do sacerdócio ministerial é de zelar pela comunhão do povo, visto que pelo sacramento da Ordem, ele age «in persona Christi Capitis» (PO 2). Também Jesus escolheu os Doze, a fim de trabalhar mais intimamente com eles. Entre ambos, há uma distinção em essência e em grau. Porém, ambos devem colaborar para a unidade do Corpo eclesial.

A questão da unidade pode ser vista a partir de várias perspectivas. É possível olhar para a unidade do Corpo e para a diversidade dos seus membros. Ao mesmo tempo, podemos realçar a diversidade de vocações, ministérios e carismas. Por outro lado, temos a Igreja que é uma, mas que se encontra no mundo a partir das Igrejas locais. Podemos destacar ainda o Bispo de Roma com os restantes bispos do mundo inteiro. Pode-se dizer que a diversidade é um enriquecimento da Igreja. Contudo, é importante referir que a Igreja não é um conjunto de partes, mas é uma, ou seja, uma comunhão de totalidades. Logo, é na diversidade que se alcança a unidade, isto é, diversos entre si mas unidos a Cristo.

Então, é nesta unidade que todos os fiéis são chamados à santidade. Esta santidade consiste em viver dignamente unidos a Cristo, conscientes de que se vive para Ele. Trata-se de uma vida para servir e edificar a Igreja, em comunhão com os restantes membros. É também desta forma que a Igreja é simultaneamente terrestre e celeste. Na sua diversidade de serviços, missões e tarefas, a Igreja terrestre está intimamente ligada à Igreja celeste. Assim sendo, temos um só Corpo, uma só Igreja, que procura manter a relação viva com aqueles que

já partiram para o Reino prometido. A partir desta perspectiva é possível afirmar que a Igreja é sacramento de salvação escatológica.

Ao olhar para os 16 documentos que resultaram do concílio, é possível verificar que 1Cor é citado ou levado a confrontação em 12 documentos (cf. LG, SC, DV, GS, UR, AG, AA, PO, OT, PC, IM, DH) e, contrariamente, não aparece em quatro deles (cf. CD, PC, NA e GE). Se olharmos concretamente para 1Cor 12, vemos que é citado em cinco documentos conciliares (LG, UR, AG, AA e PC).

Vemos, portanto, a complexidade deste capítulo e dos temas abordados ao longo do mesmo. Isto poderia levar para outros caminhos<sup>307</sup>. Uns foram apenas nomeados, outros podem abrir-nos novas perspectivas eclesiológicas e teológicas para futuros estudos.

---

<sup>307</sup> Cf. **Teologia Litúrgica**: IGREJA CATÓLICA. Papa, 1939-1958 (Pio XII) – *Mystici Corporis*: [Carta Encíclica de 29 de Junho de 1943]. AAS. 99 (1943) 206-230; KASPER, Walter – *La Liturgia della Chiesa*. Brescia: Editrice Queriniana, 2015.; RATZINGER, Joseph – *Theologie der Liturgie: Die sakramentale Begründung christlicher Existenz*. Freiburg: Herder, 2008.; MOJZES, Marcel – *Il movimento liturgico nelle chiese bizantine: analisi di alcune tendenze di riforma nel XX secolo*. Roma: Liturgiche, 2005. **Teologia Dogmática**: KASPER, Walter – *El Dios de Jesucristo*. Santander: Sal Terrae, 2013.; LADARIA, Luis F. – *El Dios Vivo y Verdadero: El misterio de la Trinidad*. 4ª ed. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2010.; CONGAR, Yves – *Jalons pour une théologie du laïc*. Paris: Cerf, 1954.; CONGAR, Yves – *Ministères et communion ecclésiale*. Paris: Cerf, 1971.; CONGAR, Yves – *Sacerdoce et laïc: devant leur tâches d'évangélisation et de civilisation*. Paris: Cerf, 1965.; GONZALEZ-MONTES, Adolfo – *Imagen de Iglesia, Eclesiología en Perspectiva Ecueménica*. Madrid: BAC, 2008.; MÖHLER, Johann Adam – *La unidad en la Iglesia*. Pamplona: Eunote, 1996. **Direito Canónico**: SOARES, Alfredo – *A comunhão na constituição hierárquica da igreja*. Porto: UCP/Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992. **Teologia Bíblica**: AGUILAR CHIU, José Enrique – *1Cor 12-14: literary structure and theology*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2007.



## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procuramos mostrar a influência de Paulo e da sua carta aos Coríntios na atualidade da Igreja, concretamente a partir do Concílio Vaticano II. Para tal, focamo-nos na constituição *Lumen Gentium*, que representa um grande marco para a compreensão da Igreja contemporânea. Mais ainda, procuramos focar-nos apenas em 1Cor 12, com o contributo de outros documentos do magistério, para auxílio, melhor compreensão e enriquecimento do texto. A receção de 1Cor 12 nos documentos conciliares permitiu descobrir um grande contributo de Paulo, a partir da sua experiência inspiradora, a qual teve repercussões nos diferentes níveis da vida da Igreja.

Ao olhar a Igreja, Corpo de Cristo, somos inseridos num grande mistério. Tal mistério da nossa fé leva-nos às fontes, às raízes, às comunidades primitivas. A comunidade em Corinto é um dos exemplos que Paulo nos testemunha. Tal como podemos verificar, Paulo teve as suas dificuldades ao longo da sua missão. Primeiramente, porque não poderia estar muito tempo em cada uma das comunidades que ele fundou e, depois, porque a comunidade já possuía as suas características, a influência do seu passado e também porque a Igreja primitiva se encontrava numa fase de perseguição. Não podemos, de facto, esquecer que Paulo começa a sua missão na fase inicial da Igreja, onde os cristãos eram perseguidos até à morte.

Assim, vemos que Corinto foi uma das localidades que Paulo escolheu para falar de Jesus Cristo, onde permaneceu durante cerca de um ano e meio e encontrou colaboradores para tomarem conta dos primeiros cristãos daquela pequena comunidade, para que ele pudesse continuar a sua terceira viagem missionária. Um aspeto curioso daquela época é a comunicação que Paulo procurava ter com as comunidades que se foram formando, isto a partir das cartas que conhecemos.

Contudo, vemos que a cidade de Corinto era já muito frequentada séculos antes de Paulo chegar. Por essa razão, podemos facilmente compreender que as pessoas estavam muito ligadas ao comércio, a novas pessoas que estavam de passagem, bem como aos barcos que passavam no διόλκος. Logo, podemos compreender que haveria em Corinto também alguma desigualdade e diversidade de poderes entre as pessoas. Paulo aborda essa questão, ao afirmar que «enquanto um passa fome, outro fica embriagado» (1Cor 11,21).

Porém, com a graça de Deus e os dons do Espírito Santo, as comunidades foram crescendo, a fim de se tornarem verdadeiro templo de Deus (cf. 1Cor 3,16ss). Vemos que os dons do Espírito Santo já estão presentes em Paulo e naqueles que procuravam servir a comunidade, tais como Áquila e Priscila, Silas, Timóteo, Sóstenes e tantos outros que se tornaram colaboradores de Paulo, mas principalmente colaboradores de Cristo (cf. 1Cor 3,9; 2Cor 6,1).

Naturalmente muito fica por desenvolver, pois como ficou patente, trata-se de um tema muito complexo. Por essa razão, reconhecemos que haveria múltiplos caminhos a fazer a partir desta temática. Ao falar do Corpo de Cristo, da sua diversidade e unidade, poder-se-ia abordar o diálogo ecuménico, onde todas as igrejas cristãs procuram servir Cristo. Vemos que isso também se tornou uma das preocupações do Concílio Vaticano II, visto que «promover a restauração da unidade entre todos os cristãos é um dos principais propósitos do sagrado Concílio Ecuménico Vaticano II. Pois Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja» (UR 1).

A partir da questão da unidade poder-se-ia ir ainda mais longe, nomeadamente, a partir do diálogo inter-religioso, sendo que Deus é o Criador de todas as coisas (cf. Gn 1-2). Outro estudo possível seria a dimensão do corpo a partir da perspectiva do mundo Oriental, das outras religiões cristãs e não-cristãs.

Ao longo da carta, Paulo aborda várias vezes o tema do corpo, mesmo que seja numa perspectiva mais antropológica ou até moral. Ele começa por referir a forma como tratamos o nosso corpo. De facto, «o corpo não é para a impureza, mas para o Senhor, e o Senhor é para o corpo» (1Cor 6,13). Isto mostra que Paulo encontrou pessoas impuras. Ele aborda ainda a questão do pecado contra o próprio corpo (cf. 1Cor 6,12-20) e coloca já a questão: «Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?» (1Cor 6,15). De seguida, ele fala no corpo a partir da perspectiva matrimonial e do seu dever conjugal (cf. 1Cor 7,4) e das virgens que devem permanecer «santas de corpo e de espírito» (1Cor 7,34).

Mais à frente, Paulo volta à temática do Corpo: neste caso para falar da idolatria. Porém, se anteriormente ele já colocou a questão dos membros de Cristo, agora Paulo fala do pão e da comunhão com o corpo de Cristo. «Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1Cor 10,17). Paulo continua a procurar a pureza, mas também a unidade de todos como membros de Cristo. Já no cap. 12, Paulo apresenta todo um texto acerca da temática do Corpo. Dos 20 versículos (cf. 1Cor 12, 12-31), ele utiliza 18 vezes a palavra «corpo». Aqui, ele afirma que todos nós somos Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,27). Ele não nos diz que nós somos como o Corpo de Cristo, mas afirma que nós somos esse Corpo de Cristo. Trata-se de uma verdadeira inserção a partir do Batismo, onde todos são necessários e onde todos têm lugar. Provavelmente, esta participação ativa dos membros ainda não se encontra totalmente presente no pensamento de cada cristão.

Vemos que também o Concílio Vaticano II procurou ter isto presente. Para além dos vários documentos onde procura falar sobre os leigos, o Concílio apresenta-nos um documento exclusivamente dedicado ao apostolado dos leigos e sua missão (AA). Assim, ao voltar às fontes, o Concílio foi capaz de discernir e verificar que todos somos membros, e não apenas o clero e religiosos. Destacamos principalmente os leigos, que obtiveram um novo

lugar na Igreja e que cada vez serão mais necessários (cf. cap. IV da LG). Daí a importância também do sacerdócio comum e do sacerdócio ministerial. Todos somos necessários e para que haja sacerdócio ministerial tem de haver obrigatoriamente sacerdócio comum (cf. LG 10). Vemos que, em muitos países, os leigos já possuem uma grande importância na vida eclesial, pois em muitos locais já não é possível haver Eucaristia todos os domingos, nem a administração de outros sacramentos. Assim, vão surgindo outras formas de pastoral, a fim de manter viva a chama da fé. A questão da participação dos leigos tem de ser estudada cada vez mais. Com um clero cada vez mais reduzido, somos chamados a refletir acerca do futuro da Igreja e dos seus membros.

Ao olhar para o Corpo de Cristo, no seu todo, também seria possível optar por um estudo pastoral. De facto, se todos somos membros deste mesmo Corpo, todos somos responsáveis por Ele. Como afirma Paulo, «se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria» (1Cor 12,26). Logo, não se pode ser cristão se não cumprirmos os mandamentos que Jesus nos deixou (cf. Mt 22,37-40; Mc 12,29-31; Lc 10,27; Jo 13,34). Recordando as palavras de João: «aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1Jo 4,20).

Então, podemos verdadeiramente refletir se nos dedicamos a servir as comunidades, os pobres, os casais em dificuldades ou divorciados, os filhos problemáticos, os que se afastaram da Igreja, a partir dos dons que nos foram concedidos. De facto, para termos um Corpo uno e belo, temos de ser nós, como seus membros e colaboradores, a tratar d'Ele, tal como os nossos antepassados procuraram fazer.

Outra área possível seria um estudo a partir do direito canónico. Poder-se-ia olhar a Igreja, Corpo de Cristo, a partir de vários aspetos jurídicos, tais como a dimensão da unidade, da comunhão, a constituição hierárquica da Igreja, do sacerdócio comum e ministerial, nos ministérios e sua instituição, a autoridade suprema na Igreja, a participação dos leigos, dos direitos e deveres de todos os batizados.

Também a liturgia aborda a dimensão do Corpo de Cristo, bem como a participação ativa dos fiéis. «É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão, “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido” (1Pe 2,9; cf. 2, 4-5)» (SC 14). Tal pensamento tem início a partir do Movimento Litúrgico.

Com este trabalho, podemos concluir que os dons divinos concedidos são verdadeiramente importantes para a vida da Igreja. Assim como Deus foi chamando os profetas, tal como com Abraão, com Isaac, com Jacob, com Moisés e com tantos outros

profetas, com todos os chamamentos feitos por Jesus, também hoje Ele continua a chamar. Mais ainda, poderíamos questionar: a Igreja, conforme faz e da maneira que faz, está a agir segundo o Evangelho de Cristo? Será, porventura, necessário procurar um maior equilíbrio entre o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial? Tudo isto são questões que devem ser motivo de reflexão para o futuro e para futuros estudos eclesiológicos e pastorais.

Ao olhar para o cap. 12, poder-se-ia também realçar a importância das igrejas domésticas. Durante muito tempo, essa foi a necessidade dos cristãos dos primeiros séculos. Já no séc. XX, João Paulo II volta a destacar a importância das igrejas domésticas presentes em cada casa, em cada família. Também o Papa Francisco tem vindo a dar grande importância à dimensão familiar. De facto, os pais e os avós são chamados a testemunhar Cristo, a testemunhar esses dons que receberam dos seus antepassados.

Os dons concedidos por Deus aos seus filhos ficam muitas vezes perdidos, pois não são alimentados, não são postos a render. Para tal, somos chamados a esse desafio, nomeadamente, alertando e levando ao discernimento, para que cada dom possa servir para proveito comum de toda a humanidade. Então, é fundamental que os fiéis se reconheçam membros úteis e ativos para edificação do Corpo de Cristo. Logo, a Igreja deve ser o sinal visível da graça de Deus. Também nós, como templos de Deus, somos chamados a ser sinais de testemunho uns para com os outros.

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES

BIBLIA SAGRADA. 5ª ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2012.

DIE BIBEL, Einheitsübersetzung. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 2017.

NESTLE-ALAND – *Novum Testamentum: Graece*. 28ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

### MAGISTÉRIO

IGREJA CATÓLICA. Congregação para a Doutrina da Fé – Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão. *Acta Apostolicae Sedis*. 85 (1993) 838-850.

IGREJA CATÓLICA. Congregação para a Doutrina da Fé – *Iuvenescit Ecclesia*. [Carta de 15 de Maio de 2016] [https://press.vatican.va/content/dam/salastampa/it/fuori-bollettino/pdf/PO%20IUVENESCIT%20ECCLESIA\\_Portugues.pdf](https://press.vatican.va/content/dam/salastampa/it/fuori-bollettino/pdf/PO%20IUVENESCIT%20ECCLESIA_Portugues.pdf) [04-09-2018]

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1939-1958 (Pio XII) – *Mystici Corporis*: [Carta Encíclica de 29 de Junho de 1943]. *Acta Apostolicae Sedis*. 99 (1943) 206-230.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Christifideles laici*: [Exortação Apostólica de 30 de Dezembro de 1988] *Acta Apostolicae Sedis*. 81 (1989) 393-521.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Pastores dabo vobis*: [Exortação Apostólica de 25 de Março de 1992] *Acta Apostolicae Sedis*. 84 (1992) 657-804.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Salvifici doloris*: [Carta Apostólica de 11 de Fevereiro de 1984], nº. *Acta Apostolicae Sedis*. 76 (1984) 201-250.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Sacramentum Caritatis*: [Exortação Apostólica de 22 de Fevereiro de 2007]. *Acta Apostolicae Sedis*. 99 (2007) 105-180.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Spe Salvi*: [Carta Encíclica de 30 de Novembro de 2007]. *Acta Apostolicae Sedis*. 99 (2007) 986-1027.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Evangelii Gaudium*: [Exortação Apostólica de 24 de novembro de 2013]. *Acta Apostolicae Sedis*. 105 (2013) 1019-1137.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Gaudete et exsultate*: [Exortação Apostólica de 19 de Março de 2018]  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exsultate.pdf](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.pdf) [05-09-2018]

## INSTRUMENTOS

MOULTON, W. F. – *Concordance to the Greek New Testament*. 6ª ed. London: T & T Clark, 2002.

MURAOKA, Takamitsu – *A greek-english lexicon of the Septuagint: chiefly of the Pentateuch and the Twelve Prophets*. Louvain: Peeters, 2002.

SCHWERTNER, Siegfried – *IATG<sup>3</sup> – Internationales Abkürzungsverzeichnis für Theologie und Grenzgebiete*. 3ªed. Berlin: De Gruyter, 2014, 726 p.

## ESTUDOS

AGUILAR CHIU, José Enrique – *1Cor 12-14: literary structure and theology*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2007.

ARNAU, Ramón – *Tratado general de los Sacramentos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.

BARBAGLIO, Giuseppe – *La prima lettera ai Corinzi: Introduzione, versione e commento di Giuseppe Barbaglio*. Bologna: Grafiche Dehoniane, 1995.

BERTRAM, Georg - ἔθνος. In KITTEL, Gerhard (hrsg.) – *TWNT*. 1935, vol. 2, p. 362-366.

BIEBERSTEIN, Sabine – Bürgerversammlung und Leib des Christus: Was Gemeindebilder über eine Kultur der Wertschätzung in den frühen Gemeinden erzählen. *BiKi*. Stuttgart. 2 (2013) 76-81.

BUENO DE LA FUENTE , Eloy – *Eclesiología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.

- CARREZ, Maurice – *A Primeira Carta aos Coríntios*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1996.
- CARVALHO, José Carlos – *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*. Porto: Universidade Católica Editora, 2017.
- CONGAR, Yves – *Jalons pour une théologie du laïcat*. Paris: Cerf, 1954.
- CONGAR, Yves – *Ministères et communion ecclésiale*. Paris: Cerf, 1971.
- CONGAR, Yves – *Sacerdoce et laïcat : devant leur tâches d'évangélisation et de civilisation*. Paris: Cerf, 1965.
- CONZELMANN, Hans – *Der erste Brief an die Korinther*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1969.
- CONZELMANN, Hans – χάρισμα. In KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (hrsg.) – *TWNT*. 1970, vol. 9, p. 350-387.
- COTHENET, Edouard – *São Paulo no seu tempo*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1983.
- CRÜSEMANN, Marlene – Die Gemeinde ist Körper des Messias: Soziale Realität und Selbstbewusstsein bei Paulus und seiner korinthischen Gemeinde nach Luise Schottroff. *BiKi*. Stuttgart. 3 (2015) 142-147.
- DAUTZENBERG, Gerhard – Leib. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1997, vol. 6, p. 764-766.
- DIDACHÉ E DOCTRINA APOSTOLORUM. Tradução por Manuel Lopes Marques; estudo e notas de Isidro Pereira Lamelas. Lisboa: Alcalá, 2004, 301 p.
- ELLIGER, Winfried – *Paulus in Griechenland: Philippi, Thessaloniki, Athen, Korinth*. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1978.
- GALVÃO, Henrique – Do Mistério aos Ministérios da Igreja: Significado Teológico dos Estados Eclesiais. *Didaskalia*. Lisboa. 25: 1-2 (1995) 505-530.
- GIL ARBIOL, Carlos – De la casa a la ciudad: Criterios para comprender la relevancia de las asambleas paulinas en 1Cor. *Didaskalia*. Lisboa. 38:1 (2008) 17-50.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristología*. 3ªed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012.

GONZALEZ-MONTES, Adolfo – *Imagem de Igreja, Eclesiologia em Perspectiva Ecuménica*. Madrid: BAC, 2008.

HAINZ, Josef – Geist. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1995, vol. 4, p. 371-372.

KASPER, Walter – *El Dios de Jesucristo*. Santander: Sal Terrae, 2013.

KASPER, Walter – *La Liturgia della Chiesa*. Brescia: Editrice Queriniana, 2015.

KERTELGE, Karl – Kirche. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1996, vol. 5, p. 1453-1458.

LADARIA, Luis F. – *El Dios Vivo y Verdadero: El misterio de la Trinidad*. 4ª ed. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2010.

LIMA, José da Silva – Fazer comunidade(s) à maneira de Paulo. *Theologica*. Braga. 44: 1 (2009) 65-78.

LINDEMANN, Andreas – *Der Erste Korintherbrief*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000.

MARTO, António – A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II). *Humanística e Teologia*. Porto. 2: 2 (1981) 125-152.

MARTO, António – A Igreja, comunidade escatológica de salvação. *Humanística e Teologia*. Porto. 1:3 (1980) 237-265.

MARTO, António – A Igreja, Mistério de comunhão. *Humanística e Teologia*. Porto. 13: 3 (1992) 327-333.

MÄRZ, Claus-Peter – *Paulus: Sein Leben, sein Wirken, seine Zeit*. Leipzig: St. Benno-Verlag GmbH, 2008.

MÖHLER, Johann Adam – *La unidad en la Iglesia*. Pamplona: Eunote, 1996.

MOJZES, Marcel – *Il movimento liturgico nelle chiese bizantine: analisi di alcune tendenze di riforma nel XX secolo*. Roma: Liturgiche, 2005.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Corinthe au temps de Saint Paul: d'après les textes et l'archéologie*. Paris: Cerf, 1986.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome – *Paulo: Um homem inquieto, um apóstolo insuperável*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2008.

NEUBERTH, Ralph – Kein Aufbruch ohne Volk: Ermutigungen aus der Apostelgeschichte. *BiKi*. Stuttgart. 2 (2013) 70-75.

NEVES, Joaquim Carreira das - O Espírito Santo e os carismas. *Didaskalia*. Lisboa. 29: 1-2 (1999) 87-108.

PIÉ-NINOT, Salvador – *Eclesiología: La sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ªed. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2015.

PINHO, José Eduardo Borges de – Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois). *Theologica*. Braga. 48: 2 (2013) 257-284.

PINHO, José Eduardo Borges de – Trinta anos de reflexão eclesiológica: Caminhos, questões e tarefas na recepção do Concílio. *Humanística e Teologia*. 31:2 (2010) 55-89.

PLATÃO – *A república*. Introd., trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 14ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, 512 p.

QUESNEL, Michel – *As Cartas aos Coríntios*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1994.

RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na fé: A Igreja como «Comunhão»*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2005.

RATZINGER, Joseph – *Theologie der Liturgie: Die sakramentale Begründung christlicher Exiztenz*. Freiburg: Herder, 2008.

SCHMIDT, KARL - ἔθνος. In KITTEL, Gerhard (hrsg.) – *TWNT*. 1935, vol. 2, p. 366-370.

SCHMITT, Armin – Geist. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*. 1995, vol. 4, p. 370-371.

SCHWEIZER, Eduard – ὄμα. In KITTEL, Gerhard (begr.); FRIEDRICH, Gerhard (hrsg.) – *TWNT*. 1964, vol. 7, p. 1024-1072.

SOARES, Alfredo – *A comunhão na constituição hierárquica da Igreja*. Porto: UCP/Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992.

SÖDING, Thomas – Leib Christi. In BUCHBERGER, Michael (begr.); KASPER, Walter (hrsg.) – *LTK*.  
1997, vol. 6, p. 769-771.

## ÍNDICE

<b>SIGLÁRIO.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – O CONTEXTO DA COMUNIDADE DE CORINTO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. Corinto e as primeiras comunidades cristãs .....</b>	<b>13</b>
1.1. A cidade de Corinto .....	13
1.2. A presença de Paulo em Corinto .....	15
1.3. O surgimento da ἐκκλησία em Corinto .....	16
1.4. A vida e as dificuldades da comunidade .....	17
1.5. Os primeiros cristãos, os primeiros espaços e as primeiras igrejas .....	19
<b>2. A Primeira Carta aos Coríntios.....</b>	<b>22</b>
<b>3. A estrutura geral de 1Cor .....</b>	<b>23</b>
<b>4. Questão introdutória a 1Cor 12.....</b>	<b>26</b>
4.1. Contextualização Literária.....	27
4.2. Estrutura de 1Cor 12 .....	28
4.3. Texto em grego .....	28
4.4. Tradução de 1Cor 12 .....	30
4.5. Síntese do Capítulo I.....	32
<b>CAPÍTULO II – COMENTÁRIO BÍBLICO DE 1COR 12.....</b>	<b>35</b>
<b>5. Os dons do Espírito e o Espírito (vv. 1-11) .....</b>	<b>35</b>
5.1. Introdução a uma nova abordagem (vv. 1-3).....	35
5.2. Descrição da diversidade de dons (vv. 4-11).....	38
<b>6. A Comunidade como Corpo (vv. 12-31).....</b>	<b>42</b>
6.1. A relação entre o corpo e os membros (vv. 12-14).....	43
6.2. O corpo humano e o corpo segundo o Espírito (vv. 15-26).....	45
6.3. Os destinatários como membros do Corpo de Cristo (v. 27) .....	48
6.4. Os «cargos» estabelecidos por Deus (vv. 28-30).....	50
6.5. O desafio aos melhores dons (v. 31a) .....	54
6.6. A indicação para o caminho a fim de alcançar os melhores dons (v. 31b) .....	54
6.7. Síntese do Capítulo II.....	55
<b>CAPÍTULO III – O CONTRIBUTO DE 1COR 12 NA CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LG.....</b>	<b>59</b>
<b>7. O Espírito santificador e vivificador da Igreja (LG 4).....</b>	<b>59</b>
7.1. A missão de Jesus Cristo e o mistério da Trindade.....	61
7.2. A dimensão sacramental .....	63
<b>8. A Igreja, Corpo místico de Cristo (LG 7) .....</b>	<b>64</b>

8.1. A dimensão batismal do cristão .....	65
8.2. A edificação do Corpo de Cristo .....	66
<b>9. O sentido da fé e dos carismas no povo cristão (LG 12).....</b>	<b>68</b>
9.1. Os dons carismáticos .....	70
9.2. A questão ministerial.....	71
<b>10. Unidade na diversidade (LG 32) .....</b>	<b>74</b>
10.1. A unidade do Corpo e a diversidade dos seus membros .....	75
10.2. O chamamento universal à santidade.....	78
<b>11. União da Igreja celeste com a Igreja peregrina (LG 49).....</b>	<b>79</b>
11.1. A Igreja simultaneamente terrestre e celeste .....	80
11.2. A Igreja e o Reino.....	82
11.3. Síntese do Capítulo III .....	83
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>87</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>91</b>
<b>ÍNDICE.....</b>	<b>97</b>